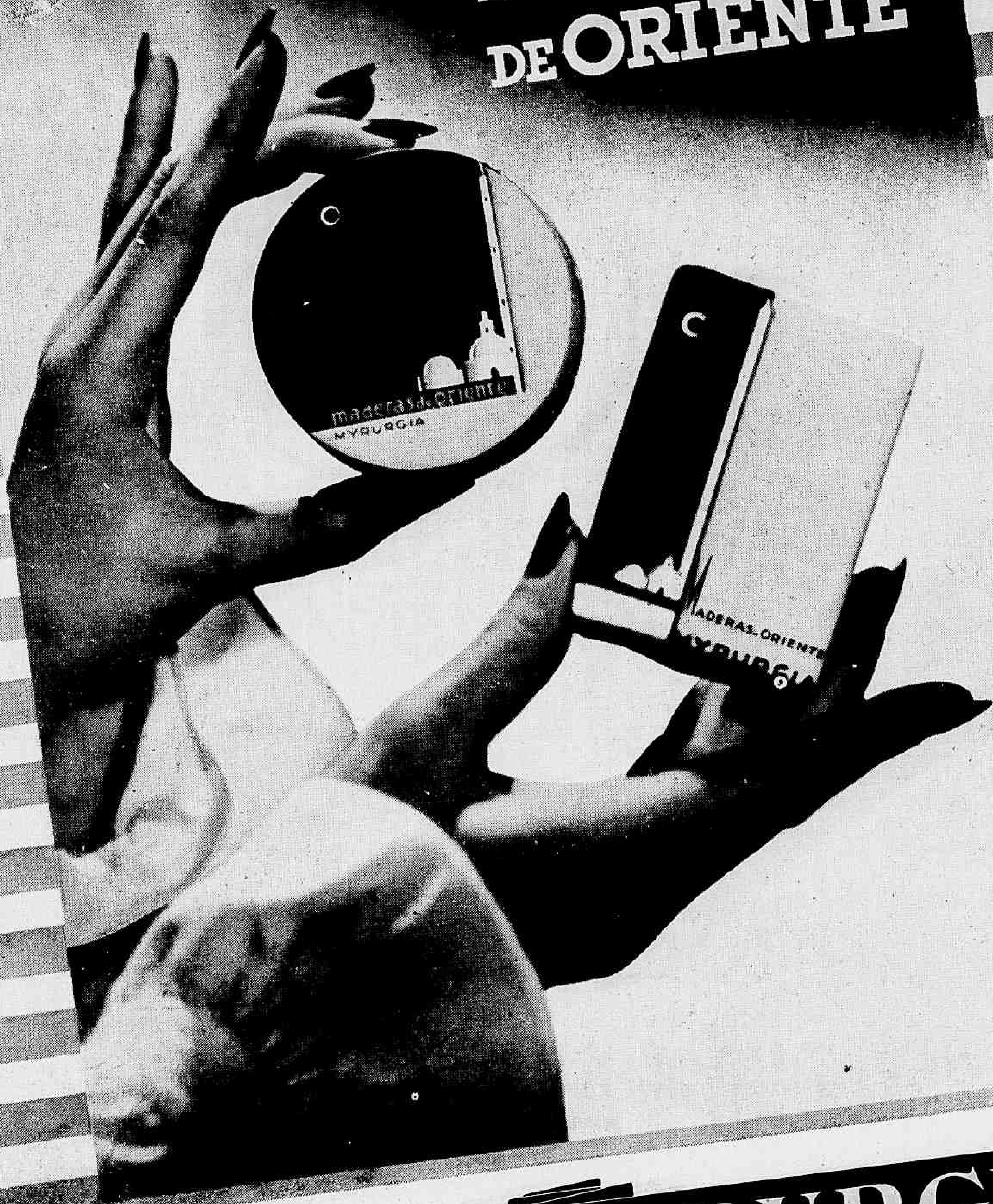
REVISTA DA SEMANA

N.º 34 ★ 25-8-51 ★ Cr$ 3,00 em todo o Brasil



Eis a apresentação igual e uniforme
do delicado Pó de Arroz
e do maravilhoso Sabonete



MYRURGIA

LUIZ GONZAGA
ACUSA!

"INCAPAZ A DIRETORIA DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO HOMEM DO NORTE!"

ABANDONA A ENTIDADE O REI DO BAIÃO ★ "NÃO ME MISTURO COM RATOS ★ ONDE ESTÁ O DINHEIRO? ★ DIRETORES INESCRUPULOSOS TERIAM GASTO DINHEIRO DA ORGANIZAÇÃO FILANTRÓPICA ★ QUEM ROUBOU? ★ "SUMIU" O DINHEIRO DOS BAILES CARNAVALESCOS ★ "CUMPRE À POLICIA INVESTIGAR" — DIZ LUIS GONZAGA

Texto de DOMINGOS DE LUCA JUNIOR — Fotos de DARIO PERINI

São Paulo, agôsto — Então você acha que eu ainda sou "cantador" de baile? — Luís Gonzaga deu uma gargalhada e prosseguiu: — Qual nada, meu velho, se eu trabalhei como um touro durante os bailes carnavalescos do Trianon, êste ano, como você mesmo teve oportunidade de ver, foi única e exclusivamente com o intuito de colaborar, positivamente, na campanha Pró Casa do Imigrante Nordestino em S. Paulo.

Mas não fui bem sucedido, pois alguns malandros "torraram" o dinheiro destinado a tão altruistica obra. Quem foi? Não me pergunte. Verdade é que houve desfalque na Confederação Nacional do Homem do Norte, e foi roubo "grosso". Trabalhei duro para angariar dinheiro para essa entidade. Fiz seis bailes carnavalescos, e dei uma série de recitais, tanto na Capital como no interior, sem ganhar tostão. Se fôsse eu o lesado, não me importaria; porém é àquela pobre gente, que vem fugindo da sêca, e trás os olhos e o coração repletos de sonhos, que foi vilmente enganada. E tudo porque a direção da Confederação é incapaz!



— «VOLTAR, EU? Nunca, meu velho. Perdi muitos meses tocando e cantando sem ganhar tostão; e mais, dando de comer a quem não merece e não precisa!»



— «NÃO ME MISTURO com ratos e pergunto: Onde está o dinheiro da Confederação Nacional do Homem do Norte? Diretores inescrupulosos o delapidaram!»



— «CHEGO A TER DOR de cabeça só de me lembrar e não calcula como fiquei com raiva. Cumpre aos poderes competentes tomarem, agora, as providências!»



A CONFEDERAÇÃO E OS RATOS

A Confederação Nacional do Homem do Norte, sediada em S. Paulo, destina-se a angariar donativos para auxiliar os imigrantes nordestinos que buscam esta Capital à procura de trabalho.

Há, aproximadamente um ano, o Rei do Baião foi convidado para ingressar na mesma, pois, juntando sua sanfôna ao seu "cartaz" e somando a isso a boa vontade dos fãs paulistas, poderia levantar uma verdadeira fortuna, que seria revertida em benefício diréto do flagelado do norte.

Luís Gonzaga logo acedeu. Passou a trabalhar de rijo. Organizou festivais, tocou em bailes, deu recitais no interior, alimentando apenas a esperança de ver realizado o sonho que acalentava: ver construida a Casa do Imigrante Nordestino.

— Sabe? — diz Luís. — Eu parecia ter "endoidado". Não ligava mais para nada. Sacrificava até os momentos de descanso, que poderia ter junto de minha família, para trabalhar pela Confederação. Viajei muito. Varei êsse interior todo, e só num leilão americano que fiz do meu chapéu de couro, em Londrina, levantei dez mil cruzeiros.

Luís, que é homem de bem e a todos julga assim, nunca se importou de ver como e onde era aplicado o dinheiro canalizado para a Confederação, graças ao seu trabalho. Sabia apenas que estava fazendo muito dinheiro e que êsse dinheiro iria alegrar muitos lares pobres e dar novas esperanças a homens quase fracassados na luta da vida.

ESTOURA A "BOMBA" NO CARNAVAL

Por ocasião do último carnaval, a Prefeitura cedeu os salões do Trianon à Confederação, para a instalação do "Forró de Mané Vitô", onde se realizaram seis espetaculares bailes.

Luís Gonzaga trouxe para S. Paulo, para auxiliarem nas festas, inumeros artistas do norte, residentes no Rio e que, como êle, não receberam um centavo pelo serviço prestado, pois o faziam desinteressadamente, julgando batalhar por uma causa justa e nobre.

Terminado o reinado de Momo, Luís, que déra seu sangue nas soirées e matinés do Trianon, procurou saber qual o lucro auferido e em que pé estava a Campanha Pró Casa do Imigrante. Avistou-se com a diretoria da Confederação e teve seu grande choque. Os bailes haviam dado prejuizo e alguns diretores afirmavam que houvera roubo!

— Eu — esclarece o Rei do Baião — que vira os salões repletos durante todo o Carnaval, não concebia tal coisa. Procurei averiguar qual o destino dado ao dinheiro dos recitais anteriores ao Carnaval, investiguei, fiz o diabo e não cheguei a qualquer conclusão satisfatória. O dinheiro sumira, era só!

TANTO SACRIFÍCIO PARA NADA! Luís e d. Helena estão amargurados com o desfêcho do caso. — «Tanto sacrifício para nada. E os nordestinos tudo perderam!»



— «TUDO PERDIDO! Nem dinheiro, nem Casa do Imigrante. Eu, a minha arte, meus fãs, fomos ludibriados. Isto é um caso de polícia. A Confederação deve prestar contas, tostão por tostão, do dinheiro arrecadado e responsabilizar os culpados pelo desfalque. Os nordestinos não podem ser prejudicados!»

Todo o meu trabalho e o de meus companheiros rodava água abaixo. Agora vejo quanta razão tinham alguns amigos, quando me advertiam do êrro em que estava incorrendo. Eu fôra enganado, meus fãs também, e o que é pior, o misero retirante do norte, por quem nós tanto nos sacrificaramos.

Por isso abandonei a Confederação Nacional dos Homens do Norte — acentua Luís Gonzaga. — Afastei-me, pois não pretendo pertencer a uma organização dessa ordem. Milhares de cruzeiros foram canalizados para seus cofres, mas evaporaram-se. Sua diretoria é inepta, inconsciente e incapaz. Não quero e nem pretendo apontar nomes.

Todavia, justiça deverá ser feita, pois é caso de polícia! Uma sociedade filantrópica, regulamentada oficialmente, dia menos dia deverá prestar contas à sociedade que a ampara, não é? Esperemos, então.

(Cont. na pág. 45)



ZÉ PRAXEDE, o Poeta Vaqueiro (de branco), está surprêso: — «Não pensei que houvesse gente assim tão má!» — E Gonzaga segue para o rádio: — «Aprendi muito...»

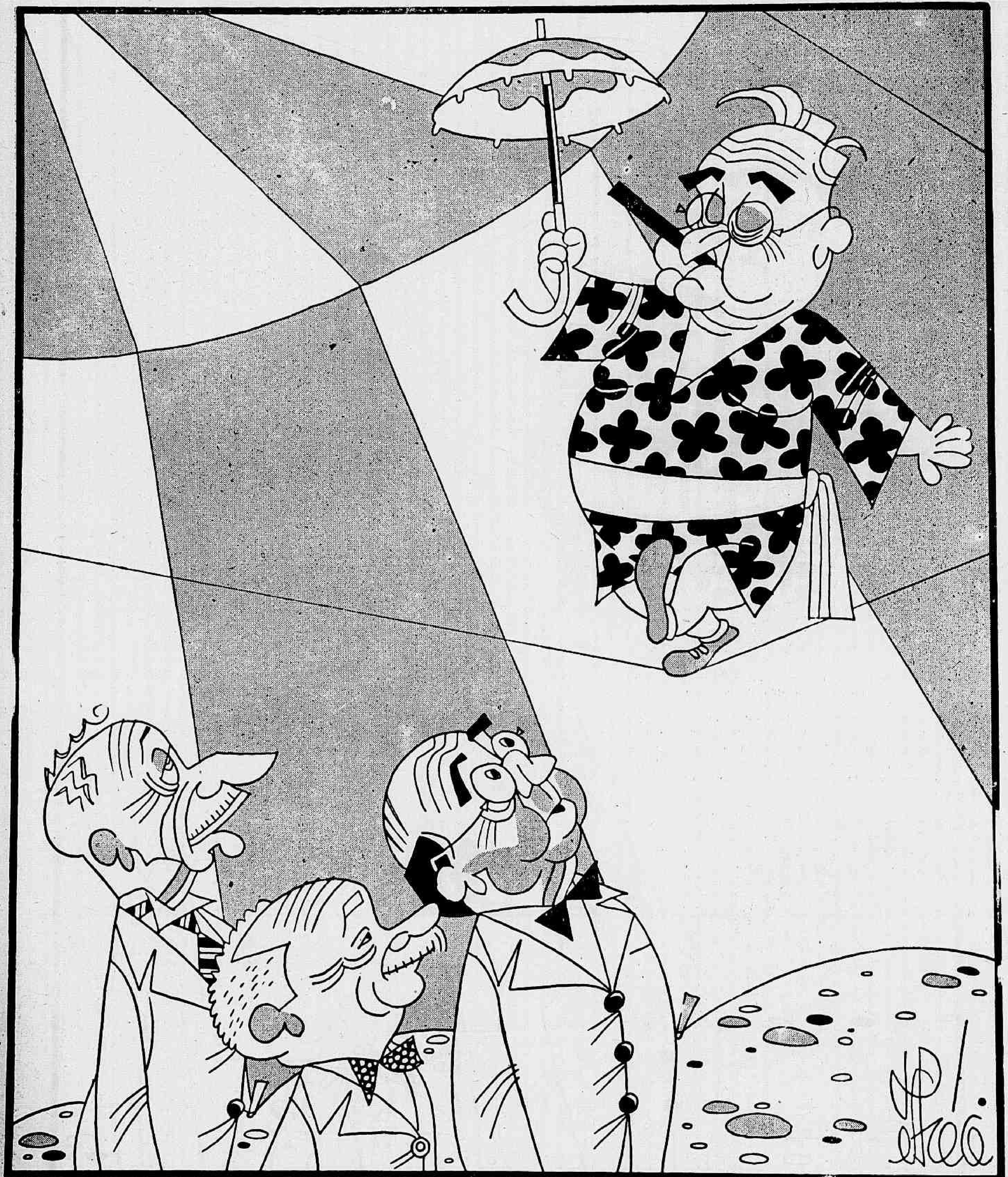


— «EU NÃO COMPREENDO, os bailes do Trianon foram muito concorridos mas deram sumiço no dinheiro e falam que houve prejuizo. Quem pode esclarecer isso?»



— «DEIXE DISSO, HELENA! — diz o Rei do Baião. Feche os olhos e esqueça essa miséria, êles serão punidos!» Mas d. Helena espera a Justiça de olhos abertos...

CORDA BAMBA



— NÃO HÁ QUEM O SUPERE NO EQUILÍBRIO! E DIZER-SE QUE ÊLE JÁ CAIU DO TRAPÉZIO!...



OS TIPOS PITORESCOS DO SERTÃO

NÃO há cidade, vila ou povoado do interior que não possua os seus tipos populares. A cidade paraibana de Patos, aí por volta de 1925, orgulhava-se de ser mãe de vários tipos curiosíssimos. O velho Manduri era um dêsses. Homem trabalhador e de linguagem desabusada, sua fama de filósofo repentista enchia o sertão do Espinharas, subia os alcantis da Borborema e se derramava de povo em povo alegrando-lhes a vida bucólica em hilariantes anedotas.

O nome de Manduri era o prenúncio de boas gargalhadas. Se fôsse poeta, teria deixado maior glória do que Nicolau Tolentino, e mais popularidade do que o caluniado Bocage. A veia mordaz de Manduri, porém, não era filha das Musas; êle era mais filósofo, e filósofo de genialidade espontânea, a brotar-lhe do espírito como chispas de fogo da face das pedras riscadas pelo aço. Ninguém podia livrar-se das respostas chicoteantes de Manduri, sempre que percebia alguma impertinência.

Certa noite chovera muito na cidade de Patos. A casa de Manduri, como acontece com a grande maioria das habitações sertanejas, era de telha vã, isto é, sem fôrro. Isso, além de tornar mais barata a construção, traz a vantagem de permitir mais ventilação interior, numa zona quentíssima, diante da qual o calor de Niterói é temperatura de usar suéter. Pela manhã o velho filósofo notou que havia muitas goteiras pela casa tôda: na sala de visitas, na de jantar, cozinha, etc.

Não blasfemou, porque chuva no nordeste, mesmo que seja para produzir goteiras, sempre é abençoada. O verão estava insuportável e já se prenunciava a calamidade da sêca. Manduri, ao invés de enfezar-se e mandar recados insolentes contra Deus ou S. Pedro, encheu-se de esperanças. O tempo, embora estiado, continuava a prometer mais chuva. Contudo, era preciso reparar imediatamente o telhado, de maneira que sua casa não se transformasse num chuveiro, com o próximo pé d'água.

Muniu-se de uma escada e algumas telhas novas e lá se foi para a cumieira. Acocorado e a remover as telhas quebradas, estava entregue a tão melindrosa operação de pedreiro, quando apontou lá na esquina outra figura muito conhecida e prestigiada em todo o município: o major Miguel Sátiro. Êste era o chefe político local, homem de grandes posses, proprietário de terras e de eleitores.

O major Sátiro tinha uma curiosa mania: a de perguntar. Se uma pessoa desconhecida passava por êle, o major chefe político não podia conter-se e indagava com aquela voz arrastada, lerda e cantante como um carro de boi carregado de pedras: "O senhor de onde ééé...? Para onde se booota...? Quem é seu paaai- E sua mãããe? Tem fiiilhos? De que viiive? Vem morar aquiii? Onde vai-se arranchaaá...?" E por aí a fora, querendo saber de tudo, sem deixar que o interpelado satisfizesse à primeira interpretação.

Mas o major Sátiro não dizia isso por maldade. Muitas vêzes era até com desejo de ser útil a algum desventurado da sorte que procurasse aquêle município, a fim de viver honestamente. A cidade não podia dissociar-se da figura dêsse sertanejo descansado e observador. Por isso todo mundo lhe chamava "Os Patinho do majó Miguel".

Era ainda muito cedo. Lá para as bandas da serra da Viração, um dos contrafortes da Borborema, nuvens pesadas e densas marchavam com seus pés de lã por sôbre as grimpas das montanhas, dispostas a despejar sôbre a cidade o reservatório de suas águas benditas. Manduri procurava reparar com urgência as goteiras, e ia substituindo as telhas velhas por outras mais novas.

Estava assim a remexer no telhado, um ôlho nas ripas e outro no temporal que já se avizinhava, quando percebeu que o seu amigo major Sátiro se aproximava, mãos às costas, com seu passo de quem carrega andor em procissão. Manduri esperou o seu "bom-dia" amável e umas perguntas fatais. Mas se manteve indiferente, entregue ao principal objetivo de sua ascensão ao telhados o consêrto das goteiras.

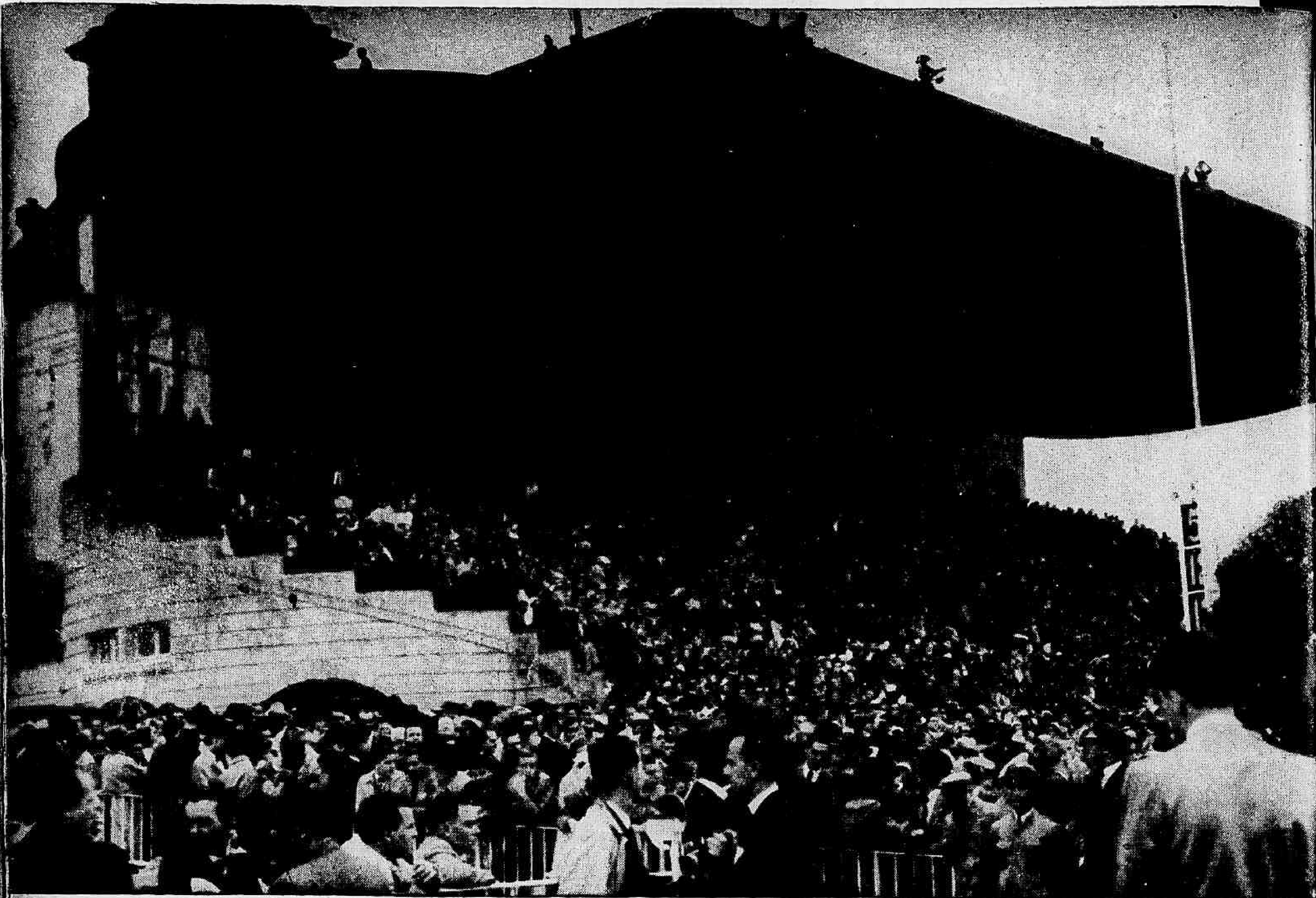
Dito e feito. Logo que o major Miguel Sátiro chegou diante da casa, vendo o filósofo todo sujo de barro e a pisar com cautela sôbre as velhas telhas desbotadas, dirigiu-lhe a pergunta com a inflexão cantada e sonolenta:

— Ó seu Manduriiiii... O que é que o senhor está fazendo aiiii....

E o velho, já amolado com os primeiros pingos da chuva que o ia surpreender antes de terminar o trabalho, respondeu num dos seus mais rápidos e ríspidos rompantes:

— Um açude!

RENATO DE ALENCAR



GRANDE PRÊMIO BRASIL DE 1951



Fotografia tomada no Salão Nobre do Hipódromo Brasileiro, vendo-se o dr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro, entre os srs. José Valência e senhora e Luís Leon e senhora, componentes da delegação que o Jockey Clube do Peru enviou para representá-lo na maior festa do nosso turf.





No primeiro domingo do mês foi disputado, no Hipódromo da Gávea, pela 19.ª vez, o Grande Prêmio Brasil, a prova máxima do turf sul-americano, com o prêmio de Cr$ 1.000.000,00 e na distância de 3.000 metros.

Verdadeira multidão encheu tôdas as dependências do belo campo de corridas da Praça Santos Dumont, para assistir ao desenrolar da famosa carreira do nosso "Sweepstake".

Estiveram presentes, como convidados de honra do Jockey Club Brasileiro, Ministros de Estado, Diplomatas, membros das delegações esportivas de vários Estados e de países vizinhos e amigos, além de outras figuras representativas do mundo oficial.

Festa de rara beleza e magnificiência, a que o elemento feminino, com o colorido variado de suas "toilettes" e o luxo de suas peles, emprestou aspecto aristocrático, a maravilhosa tarde do nosso "Sweepstake" conquistou o sucesso desejado, muito embora a parte técnica fôsse algo preju-



EIS AQUI UM SUGESTIVO aspecto da casa das apostas da tribuna social. O sucesso financeiro da grande tarde turfística foi espetacular, marcando o "record" de mais de 21 milhões de cruzeiros



O sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro, brindando o sr. Rocha Faria, proprietário do cavalo Pontet Canet, ganhador do Grande Prêmio Brasil de 1951. Aparecem na foto mais os srs. Carlos Gilberto da Rocha Faria e Carlos Guimarães de Almeida, êste diretor do Jockey.















Os Rocha Faria, pai e filho, logo após serem cumprimentados pelo prefeito do Distrito Federal, sr. João Carlos Vital, pelo magnífico triunfo da sua coudelaria na grande prova turfista, posam para a «Revista da Semana» na Tribuna de Honra, vendo-se ainda o sr. Carlos da Rocha Faria.



dicada pelas chuvas que cairam no sábado à noite e no domingo pela manhã, encharcando a pista de grama.

O herói da grande tarde turfística foi o parelheiro argentino Pontet Canet, que confirmou as suas qualidades de emérito corredor, ao abater de forma inapelavel a forte trinca do Stud Seabra formada por Cruz Montiel, Tirolesa o My Love, que obtiveram as colocações imediatas, nessa ordem.

E o esperado duelo entre a campeoníssima Tirolesa, a vencedora do G. P. Brasil do ano passado, e o representante do Stud Rocha Faria, não se realizou. Ou melhor, realizou-se apenas na fase inicial do percurso, até a chamada curva do relógio, onde o piloto de Tirolesa deixou passar Pontet Canet sem oferecer-lhe luta, o que surpreendeu a todos, já que a filha de Fox Cub tinha como faixa dois excelentes "stayers", Cruz Montiel e My Love, que seriam beneficiados caso houvesse um desgaste prematuro de energias dos dois ponteiros.

Percebendo a intenção de seu colega, Luiz Diaz lançou Pontet Canet resolutamente para a ponta, sacando uns quatro corpos, golpe êste que lhe valeu a vitória, pois Pontet, que é um animal de grande resistência e galopador, não se deixou alcançar, vencendo por mais de quatro corpos sôbre Cruz Montiel, que dominou sua companheira Tirolesa na entrada da reta final.

Em quarto chegou My Love e em quinto o cavalo francês Fort Napoleon.

Pontet Canet, que pertence à conhecida coudelaria Rocha Faria, foi aclamadíssimo pela numerosa assistência, quando de volta à repesagem.

O movimento total de apostas, inclusive os concursos, atingiu a elevada, quantia de Cr$ 21.405.785,00 record absoluto no turf carioca.





O Hipódromo Brasileiro apanhou uma enorme assistência, onde o elemento feminino predominou, com as suas «toilettes» de grande luxo e efeito de côres, para o maior encantamento da grandiosa tarde turfista. Nesta reportagem pode ser apreciado o esplendor daquela «big-parade» de elegância e bom gôsto.

SUMÁRIO

Luís Gonzaga acusa (Domingos de Lucca Jr.) 3/5
O "Sweepstake" no Jockey Club 8/11
Vida e morte do "São Paulo" (Jorge Lyra) 19/21
Cansaço, dinheiro e intrigas (Antônio Rocha) 23/25

CURIOSIDADES

Você tem boas maneiras? 14
Na imensidão gelada do Pólo Sul 26/27
Uma nova Hepburn (Jack L. Smith) 28/31

ATUALIDADES

Os nus de Paris 32/33

LITERATURA

Os tipos pitorescos do sertão (Renato de Alencar) .. 7
Arigós (Darcy Araújo) 22
A Carta (Lourdes Spindola) 34
Semana Literária (Edmundo Lys) 46/47

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 12/13
Personagem da Semana 13
Puxe pelo cérebro 48
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 54
Tudo isto aconteceu 52/53
A REVISTA há 50 anos 58
Palavras Cruzadas 34

HUMORISMO

Corda Bamba (Théo) 6
Êste mundo louco (Darcy) 18

TEATRO

Irene e a adolescência de hoje (João Alvarenga) 45/47

CINEMA

Nascida Ontem (Cine-novela) 42/43

FEMININAS

Duas peças 35
Listras e "pois" 36/37
O seu modêlo está aqui (Ramon) 38/39
Week-end na cozinha 40/41

FOLHETIM

O Professor de Gôlfe 51

ESPORTE

O novo estádio do Rio (Levy Kleiman) 55/57

FOTOS

Dario Terini — Nodgi — Jorge Lyra — Antônio Rocha — Columbia — José Santos — Avulsas — Arquivo.

ILUSTRADORES

Orval — Osvaldo da Cunha — Rafael



NA CAPA:

Audrey Hepburn

(Foto Agence Independence de Press)

Leia "Uma Nova Hepburn", na página 28

A SEMANA

AS MINAS DE SALOMÃO



COSTUMAM os nossos exibidores de filmes aumentar o preço dos ingressos em suas casas de exibição, sempre que aparece, de ano em ano, um filme de maior relêvo. E' claro que, em se tratando de uma obra como "E o vento levou", "Fantasia" e pouquíssimas outras películas, é justo que se pague um pouco mais. Porque, se o critério dêsse aumento sem maiores exames fôsse razoável, também se devia exigir que os filmes tipo abacaxi, sofressem abatimento nos ingressos. Há filmes que só suportam uns quinze minutos de assistência. Não há quem os tolere até ao fim. Contra o aumento de ingressos de "As Minas do Rei Salomão" e "Sansão e Dalila", se colocaram alguns jornalistas, liderados pelo confrade Luís de Barros, e entraram com um mandado de segurança, com fundamento no art. 141, paráq. 24 da Const. Federal, combinado com os arts. 319 e seguintes do Cód. do Processo Civil e a lei 191, de 16 de janeiro de 1936, bem como com fundamento no art. 48 do Cód. de Organização Judiciária. Tudo isso para anular a concessão feita aos exibidores pela Comissão Local de Preços, que permitiu aquelas majorações nos ingressos. A 7 de agôsto o juiz Darci Ribeiro, da 4ª Vara da Fazenda Pública concedeu a medida liminar, tendo proferido o seguinte despacho: "Concedo a liminar para que sejam sustados os efeitos das Resoluções tais e tais da Comissão de Preços do D. Federal, até ulterior deliberação dêste Juízo". Assim, a partir daquele dia, os cinemas "Metro" não puderam mais cobrar Cr$ 10,00 e sim, Cr$ 7,70 por ingresso. E depois, o advogado dos impetrantes vai pedir que os excessos sejam aplicados a Instituições de Caridade. Até hoje as minas de Salomão dão dor de cabeça...

PARABENS, JORNALISTAS

CONFORME noticiaram jornais dos dias 9 e 10 de agôsto, já estão prontas as plantas do grande edifício de apartamentos a ser erguido nos terrenos de propriedade do IAPC, no Leblon, destinado aos jornalistas profissionais. Não chegam aos 400, segundo constou de início; mas, sim, a 375. Seja como fôr, e embora haja neste Rio uns dois mil jornalistas, é provável que os 375 apartamentos sirvam para tirar de sérias aperturas de casa própria três centenas dos mais necessitados. E isso é possível porque, algumas centenas de plumitivos já possuem lar próprio, comprados através de empréstimos de Institutos, da Caixa Econômica e com economias individuais. Isso, evidentemente, só é possível aos jornalistas que, além dessa profissão, ocupam excelentes lugares públicos, com "O de Penacho" tudo. Uma particularidade, porém, é notada nas quatro condições essenciais exigidas pelo IAPC: a de que o jornalista seja contribuinte do Instituto. Isso é da lei que disciplina aquela autarquia; mas, no sentido comerciário pròpriamente dito. Para os jornalistas essa exigência não devia ser tomada assim tão ao pé da letra. E' que, como todos sabemos, nem todos os jornalistas descontam no IAPC, pelo simples fato de viverem a vida do colaborador, do repórter, etc., sem entrar nas fôlhas de pagamento de seus empregadores. Jornalista não é comerciário. E' jornalista. O presidente do IAPC deve estudar êsse lado da questão e não deixar que muitos se vejam privados de possuir seu apartamento, independentemente de sua vontade.



SOLUÇÃO PARA A ÁGUA



NÃO é de hoje a calamidade da sêca nas bicas das residências dos cariocas. Isso é tão velho como a rua da Misericórdia. Todos os prefeitos que dirigem os nossos destinos colocam em pauta a solução do abastecimento d'água ao Rio. Já houve uma época, quando ainda imperava o sr. D. Pedro II, que os habitantes do Rio tiveram que recorrer a sargetas para cozinhar e beber água. O caso chegou a tal ponto crítico, que o imperador desceu apressadamente de Petrópolis e veio tratar, pessoalmente, de solucionar o problema que ameaçava converter-se em revolução geral. Chamados os sábios e administradores, abriram concorrência e as propostas foram as mais disparatadas, tanto em preço como em prazo para trazer mais alguns milhões de litros ao carioca. O imperador já estava desanimado, quando foi levado à sua presença êsse gigante de nossa engenharia, o saudoso Paulo de Frontin. Não exigiu muito: se lhe dessem transportes pela E.F.C.B. e alguns contos de réis, êle traria água em seis dias! Ninguém acreditou. Nem mesmo o imperador. Mas o que prometeu, Frontin cumpriu sem demora de um minuto. E o Rio continua a ser uma calamidade irmã do Saara. Que fazer? O atual prefeito, porém, já chegou a essa conclusão: sòmente com a construção de grandes reservatórios em todos os bairros será possível conjurar os riscos dos arrebentamentos de canos adutores. O engenheiro diretor do serviço de águas, Bento Santos de Almeida, já apresentou relatório ao prefeito. E agora, senhores, a êles!

EM REVISTA

PROPAGANDA ANTI-MINEIRA



BELO HORIZONTE está ainda hoje nas mesmas condições em que estava o Rio antes de Oswaldo Cruz acabar com a febre amarela, a bubônica e a variola. O Rio era considerado "pôrto sujo" para tôdas as nações de maneira que os navios que se aventuravam a vir até cá, ficavam fundeado ao largo, temendo contrair os micróbios.. Os que deixavam o Rio, conservavam-se ao largo dos portos do Prata e da Europa, sofrendo quarentena preventiva. Uma vergonha. Quando alguém lá da Europa ou outros paises americanos falava no Rio, por uma associação de idéias, vinha logo a figura tétrica da febre amarela, da bubônica ou da variola. O Rio permaneceu assim durante mais de um século. Com a cidade de Belo Horizonte se está passando uma coisa mais ou menos idêntica. Quando alguém se refere à bela e saudabilíssima capital de Minas Gerais, perguntam logo os que não a conhecem, "se os escorpiões andam aos montes pelas ruas..." Qual o motivo disso? O mesmo daquelas noticias alarmantes contra o Rio nos fins do século passado e começos do atual. Àquele tempo exploravam a peste; Belo Horizonte sofre o noticiário do aracnidio. Mas, o pior é que só se fala de Belo Horizonte quando alguma criança é mordida pelos lacraus. O mesmo acontecia com o Rio, quando morria alguém de febre amarela. Ora, há tanta cambranganza em Minas, como as há no Rio, Niterói ou S. Paulo. Belo Horizonte progride, edifica arranha-céus, realiza temporadas liricas, inaugura teatros e ninguém diz nada. Aparece um escorpião no Parque da Cidade ou em Carlos Prates, e "estão morrendo dez crianças por dia, mordidas pelos lacraus..."

UM LOUCO

OS jornais do dia 6 de agôsto publicaram uma noticia que estarreceu os leitores daqui e de fora. Ao sobrevoar o forte de S. João, na área da cidade, bairro da Urca, um avião de passageiros da Cruzeiro do Sul, que se destinava a S. Paulo, foi alvejado a tiros de fuzil, não se sabendo quem o autor do crime. O avião atingido por duas balas, logo que ficou verificado haver um passageiro ferido no braço e numa perna, deu meia volta e retornou ao aeroporto Santos Dumont. O passageiro ferido foi desembarcado e submetido imediatamente a tratamento, ficando fora de perigo. A Companhia de Aviação, mandando vistoriar o aparelho atingido pelas balas de um louco, preparou um outro avião que o substituisse e levasse os passageiros para seu destino. Ficou constatado que duas balas haviam perfurado o bôjo do avião que, se houvesse sido atingido em lugares tipo "calcanhar de Aquiles", ou se as balas houvessem matado pilotos ou comandantes, arrebentado aparelhos de navegação, provocado explosão no ar, etc., estariamos agora com uma outra tragédia de aviação por culpa exclusiva dêsse louco que atirou sem motivo algum no avião da "Cruzeiro do Sul". Sòmente no dia seguinte é que se descobriu o autor dos disparos: um soldado de nome Milton Pais de Azevedo, que se achava de sentinela no forte. Prêso, submetido a interrogatório, até escrevermos estas linhas ninguém sabia a titulo de que havia êle pretendido abater o avião. Sabe-se, porém, que é um soldado indesejável e já estava na vez de ser expulso. Será algum louco?



DE QUEM É O PÃO DE AÇÚCAR



CORREU célere a noticia: o Pão de Açúcar vai ser vendido! Quem ia comprá-lo? Uma firma mista (brasileiros e estrangeiros) estava disposta a pagar bom preço à Prefeitura pela compra do famoso penedo, uma das caracteristicas desta maravilhosa cidade. Para que queriam êles o Pão de Açúcar? Para uma coisa muito simples e justa: convertê-lo em ponto de turismo. O Pão de Açúcar já é local de turismo, naturalmente. Mas, como sabemos, se levarem para lá mais alguma coisa que atraia nacionais e estrangeiros, o turismo aumentará muito mais. O diabo é que so acham que o Pão de Açúcar deve servir de mirante para ver panoramas. Nada mais. Agora, já tem emissora de televisão. Mas, antes, nem isso. Ou se ia até ali para ver distâncias, ou para suicidio. Ora, a noticia assanhou o carioca. Os jornais procuraram o sr. prefeito. Era preciso saber se a história tinha fundamento. O sr. João Carlos Vital falou aos jornalistas. Com muito bom-humor o sr. prefeito disse que isso não tinha o mais leve fundamento. O Pão de Açúcar não podia ser objeto de tal transação. Além de tudo era um ponto estratégico, colocado à entrada da barra do Rio e dominando várias fortalezas. Mas o assunto não era estranho apenas diante dessa situação de caráter militar. O mais curioso é que não sabia a quem pertencia mesmo o Pão de Açúcar: se à Prefeitura, se à União. Por ai se vê que o Pão de Açúcar não pode ser vendido pelo simples fato de não ter dono. E que se previnam agora os otários. E' preciso que saibam que ninguém pode vendê-lo...

A PERSONAGEM DA SEMANA

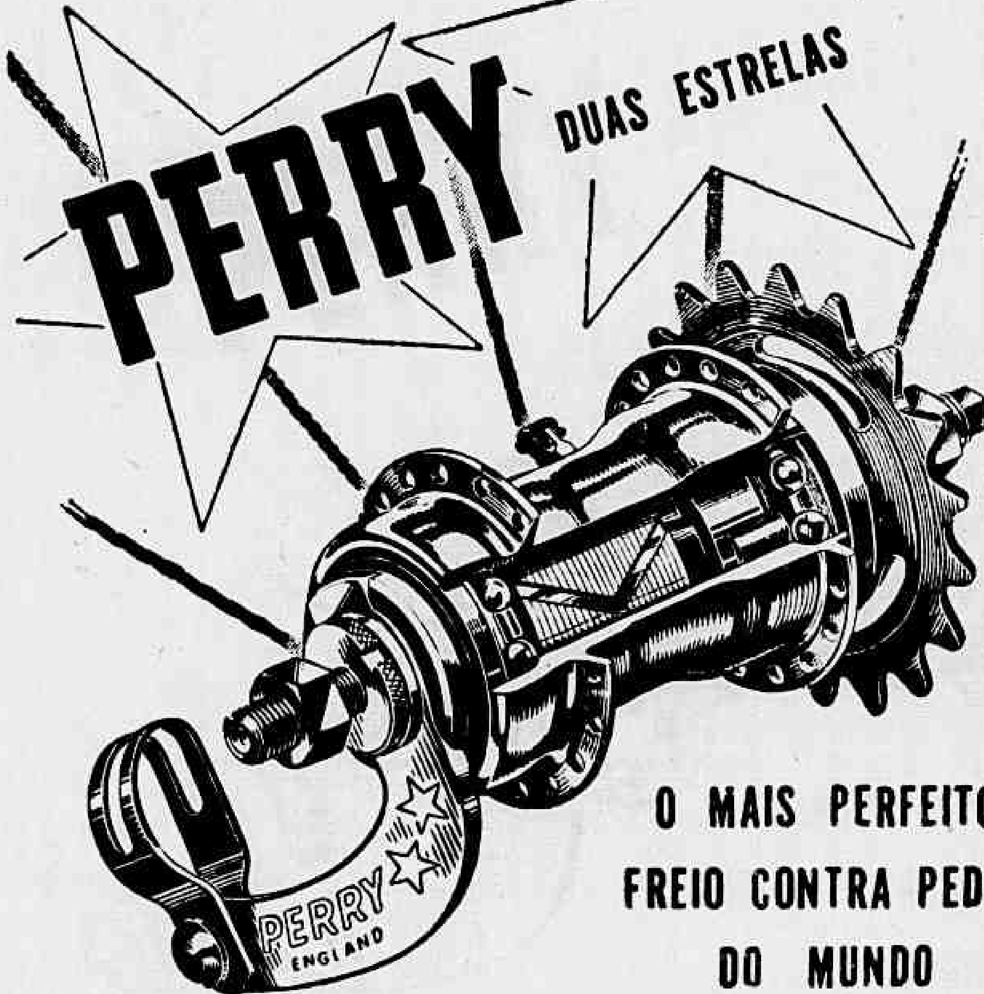


Deputado Soares Filho

NÃO foi dos mais gritantes, porém realmente foi dos mais importantes, o fato de haver o Sr. deputado Soares Filho, líder de uma das correntes políticas que compõem a Câmara dos Deputados, conseguido chamar a atenção do Legislativo para a verdadeira situação em que o mesmo se encontra, isto é, acusado de inércia em face dos grandes problemas e, conseqüentemente, das grandes leis de que a Nação está carecendo. Com a responsabilidade do seu nome, o Sr. Soares Filho não chegou a dizer tôda a verdade. Realmente, não o deveria fazer; mas êle fêz sentir um fato incontestável: no Parlamento, sòmente andam com rapidez os projetos de interêsse pessoal. Aumentos de salários, reajustamentos de vencimentos reformas que redundam em novos empregos, reestruturações e coisas semelhantes que têm patronos e interessados agarrando senadores e deputados pelos corredores e gente lá fora prometendo dar seu voto, ou ameaçando não o dar no próximo pleito, — são assuntos que andam depressa. O Executivo, por sua vez, tendo cometido o êrro de adotar a figura "demodée" de "líder do govêrno", em vez de fazer contato permanente com os líderes dos partidos para assim comprovar ou não as boas ou más intenções dêles, muito contribui para a desagradável situação atual. Não sabemos se o apêlo do Sr. Soares Filho logrará êxito. O que é incontestável é que êle encerrou uma verdade transparente e, por isso, merece especial registro, o que fazemos em nome da Nação. Um exemplo dêsses deve ser estimulado e levado ao conhecimento da opinião pública através das colunas da imprensa, a fim de que fique bem claro, haver legisladores que muito se interessam pela verdadeira função do Legislativo, colocando o mandato eleitoral acima dos assuntos exclusivamente pessoais.

CICLISTAS!

Este é o novo



O MAIS PERFEITO
FREIO CONTRA PEDAL
DO MUNDO

FABRICADO E GARANTIDO PELA
PERRY CHAIN COMPANY LIMITED
BIRMINGHAM ---- INGLATERRA



EXAME DE CONSCIÊNCIA 1

VOCÊ TEM BOAS MANEIRAS?

AS boas maneiras são de uma importância extraordinária. Pode a mulher ser bela como uma Miss, sábia como Salomão, e rica como Cresus... mas se põe a faca na bôca quando come, estará praticando um suicídio, socialmente! As boas maneiras não são um produto do dinheiro, mas da disciplina e do contrôle. Não confunda boas maneiras com etiqueta social. As boas maneiras não sòmente são desejáveis por si mesmas, mas também são a chave do êxito no mundo.

As suas maneiras são boas? São o resultado logo de uma personalidade agradável, de consideração pelos outros, parte de sua rotina diária, ou você pensa: «Por que devo incomodar-me com boas maneiras, se eu passo muito bem sem isso?»

Êste questionário lhe dirá se as suas maneiras são boas ou não.

O QUE SE DEVE FAZER

Responda apenas às perguntas, some os números correspondentes à sua resposta, e procure a resposta, no fim, sob o número obtido pela soma dos números riscados.

Sim Não

1 — Vovê vai a um restaurante e acontece sentar entre dois estranhos. Sùbitamente percebe que o cabelo está desalinhado. Tiraria o pente para arrumar o cabelo? 1 2

2 — Se num bonde ou num ônibus superlotado, um homem oferece um lugar a uma moça, deve ela recusar, se vai saltar no próximo ponto?...... 1 2

3 — Durante uma conversa alguém pronuncia uma palavra de maneira errada. Acha que — sabendo a pronúncia certa — deve corrigi-la?.... 1 2

4 — Uma senhora tira as luvas quando aperta a mão de uma senhora ou de um cavalheiro? 1 2

5 — Fica um cavalheiro com as luvas calçadas quando cumprimenta uma senhora ou um cavalheiro?.......... 1 2

MESMO QUE VOCÊ SEJA BONITA COMO UMA MISS, NÃO VENCERÁ SOCIALMENTE SE NÃO SOUBER PORTAR-SE NA MESA, POR EXEMPLO — UM TESTE PARA OS DOIS SEXOS.

Por MARY DAVIES
(Reprodução proibida)

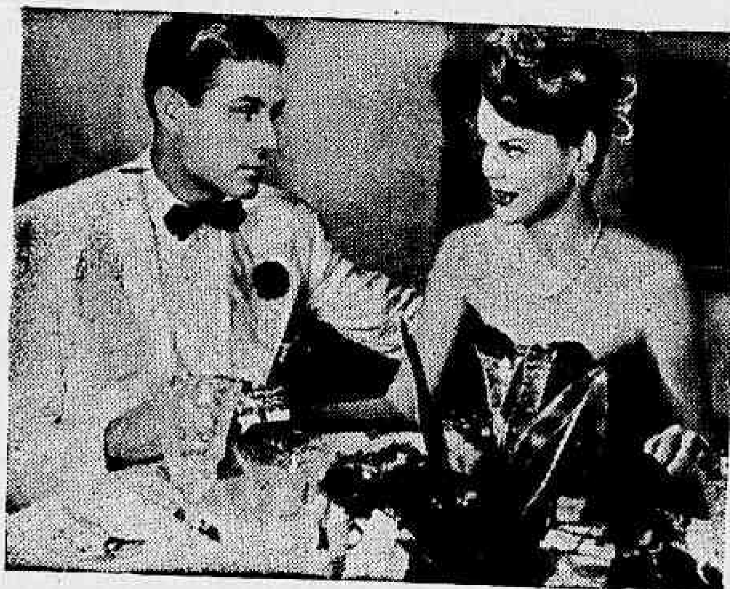
6 — Deve um cavalheiro conservar o chapéu num elevador na presença de senhoras? 1 2

7 — Se entrar num restaurante cheio e dirigir-se à única cadeira vazia numa mesa cheia, senta-se sem pedir licença aos que ali se encontram?.. 1 2

8 — Você está apresentando duas pessoas — um senhor de distinção a uma jovem. Deve apresentar a jovem ao senhor? 1 2

9 — Se um cavalheiro não tem fósforos e uma senhora lhe oferece lume, deve aceitar? 1 2

10 — Pediria licença para fumar se estivesse num salão de fumar de um trem, porém notasse que nenhum de seus companheiros estava fumando? 1 2



11 — Durante um banquete, você deixa cair a colher. Apanha-la-ia, a fim de limpá-la e colocá-la na mesa?...... 1 2

12 — Um casal entra num restaurante ou numa casa de chá. Se você fôsse o cavalheiro deixaria a senhora entrar em primeiro lugar? 1 2

13 — Num dia chuvoso, um jovem lhe oferece a proteção de seu guarda-chuva. Você aceitaria? 1 2

14 — Se convida um amigo para um almôço num restaurante e êle ou ela faz um movimento para pagar a conta, você consente? 1 2

15 — Acha que tem boas maneiras? 1 2
Some os números correspondentes — — às suas respostas: ....

CONTAGEM

15 a 18 *Pouco satisfatório. Na verdade, eu poderia chamá-lo de grosseiro. Você parece ignorar mesmo os rudimentos das boas maneiras e creio que a sua companhia deve ser bem desagradável. Um pouco mais de disciplina e contrôle operariam maravilhas em você.*

19 a 22 *Você sabe como portar-se, por que não experimenta? Sei que, às vêzes, é difícil demonstrar boas maneiras, mas, creia-me, as pessoas de boas maneiras tornam a vida mais doce em tôrno de si, e um pouco de consideração para com o próximo nunca fêz mal a ninguém. Procure melhorar!*

23 a 29 *Continue a fazer fôrça. Você tem tão bom-senso que deve saber que suas maneiras não são cem por cento. Muitas vêzes, parece mais fácil desrespeitar as convenções de cortesias, mas tenha cuidado com o excesso de lapsos. Você pode fàcilmente melhorar suas maneiras e ao mesmo tempo a consideração em que é tido pelos amigos.*

30 a 32 *Perfeito. Você sabe portar-se e tenho certeza de que as boas maneiras o ajudarão muito na vida, no amor e na sua carreira.*

E PARA OS QUE RESPONDERAM ERRADAMENTE, AQUI ESTÃO AS RESPOSTAS CERTAS:

1—E' muito feio pentear o cabelo num restaurante, numa mesa onde estão comendo outras pessoas. Não sòmente é contra as boas maneiras, mas é também anti-estético. Sempre poderá pentear-se no lavatório.

2—A jovem deve aceitar o lugar, ainda que seja apenas por um instante, a fim de demonstrar seu reconhecimento pelo gesto de cortezia.

3—Não se deve: a) interromper uma palestra; b) mostrar que tem melhor educação que os outros. Se o que errou é amigo íntimo, poderá corrigi-lo mais tarde.

4—Não é obrigatório. Nenhuma senhora tira as luvas para cumprimentar outra pessoa.

5—Um cavalheiro sempre tira as luvas para cumprimentar outra pessoa.

6—O cavalheiro deve tirar o chapéu, na presunção de que o elevador é um compartimento fechado, e é sabido que não se deve ficar com o chapéu na cabeça numa sala.

7—Deve-se sempre solicitar a licença aos que já estão na mesa.

8—Sempre apresente o homem à mulher — ainda que o homem em questão tenha 60 anos e a mulher apenas 16.

9—O cavalheiro deve receber o fósforo aceso ou o isqueiro que a senhora lhe oferece e depois acender o seu próprio cigarro.

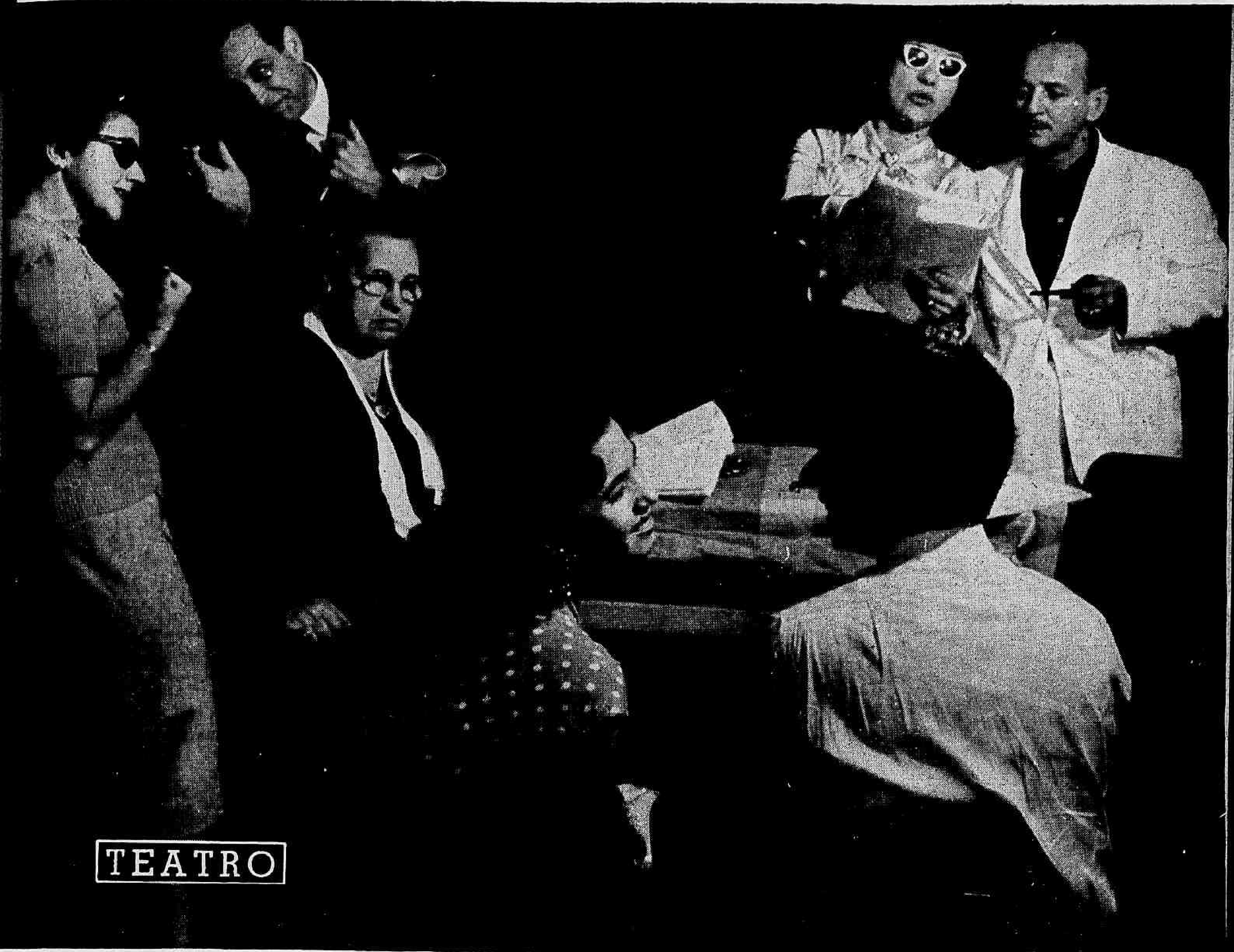
10—Não. Num salão de fumar você está num lugar público. Ninguém pede permissão para fumar na rua, não acha?

11—Pelo amor de Deus, não! Deixe-a onde está a fim de apanhá-la depois quando sairem todos. Se limpar a colher, o dono da casa pensará que estava suja quando a colocaram na mesa.

12—O homem entra na frente no restaurante, e conduz a senhora até a mesa. Cabe-lhe procurar a mesa e acompanhá-la.

13—Uma verdadeira senhora recusaria delicadamente o oferecimento.

14—Você convidou o amigo e está disposto a pagar a conta ainda que êle demonstre o mesmo desejo.



DURANTE OS ENSAIOS de «Irene», Dulcina dá uma instrução ao contra-régra José Lopes, enquanto os intérpretes de Pedro Bloch vão repassando seus papéis e d. Conchita de Morais estuda a verdadeira personalidade daquela sua impertinente, mas muito bondosa vovózinha. Reparem que todos ensaiam como se estivessem já representando.

"IRENE" E A ADOLESCÊNCIA DE HOJE

— "QUE DEVEMOS DIZER ÀS NOSSAS FILHAS? ATÉ QUE PONTO DEVEMOS ESCLARECÊ-LAS?" ★ PROBLEMAS DE TODOS OS TEMPOS EM UMA PEÇA DE PEDRO BLOCH ★ ONDE SURGE "LEONORA"

Por JOÃO ALVARENGA

O autor nacional mais representado nêstes últimos tempos é sem dúvida Pedro Bloch. Dêle o Rio assistiu "As mãos de Euridice", "Os inimigos não mandam flores" e agora "Irene", mas outros originais de Bloch já foram apresentados no interior do país, inclusive "Esta noite choveu prata", por Graça Melo. Mas falemos de "Irene", que já fêz cem representações no Regina:

— Todos os "records" da minha companhia estão batidos por essa peça — disse-nos Odilon. Todos menos um: "Mulheres". Mas até mesmo "As árvores morrem de pé" ficou em segundo lugar.

Na noite da estréia de "Irene", o escritor Raymundo Magalhães Jr. sob a ação impressionante dos aplausos, muito expontâneos, do público, foi ao palco e dirigiu mais ou menos estas palavras a Dulcina e Odilon:

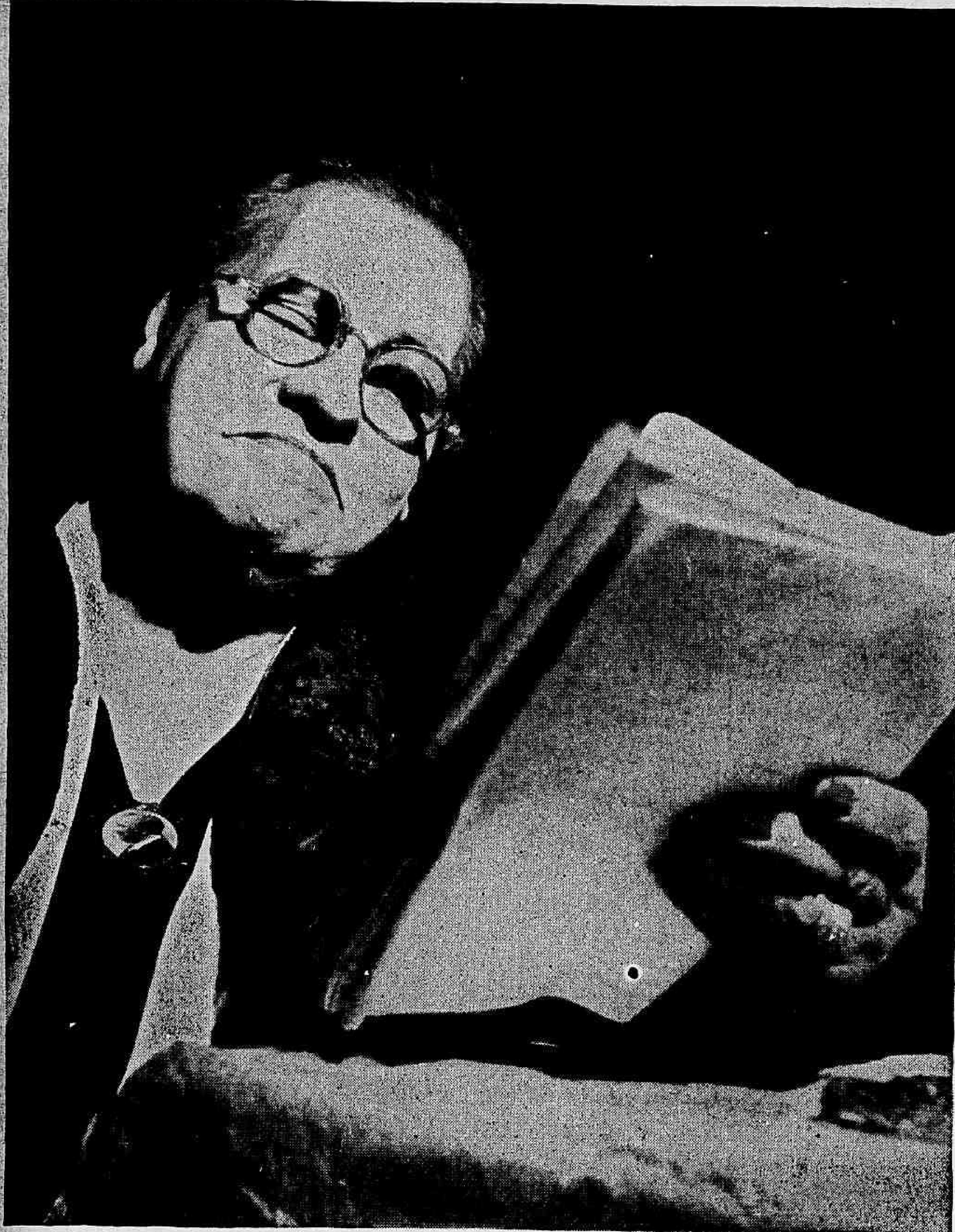
— Por contrato, vocês terão ainda de estrear a minha peça "O Imperador Galante", êste ano. Mas sou o primeiro a reconhecer que não se deve interromper a carreira de uma peça que agradou como, estou vendo, vai suceder com esta. Portanto, eu os desobrigo dêsse compromisso.

"O Imperador Galante" ficou para o ano próximo e "Irene" permanecerá em cartaz até às vésperas do embarque da companhia para Portugal, o que se dará em fins de setembro.

"Irene" marcou a volta de dona Conchita de Morais, numa de suas grandes criações. A seu lado, Odilon criou um surpreendente funcionário público aposentado, com imensa nostalgia do ponto e da repartição. Narto Lanza, Terezinha Amayo, Darcy Reis e Dinorá Pêra apresentaram-se como quatro adolescentes dos dias de hoje e viveram, admirávelmente, temperamentos que contrastam em papéis bem trabalhados e muito bem realizados. A peça obedeceu à direção de Dulcina que lhe imprimiu todo o colorido que o texto exigia, dando-lhe ágil movimentação, dinâmica, precisa, com verdadeiros achados de marcação e de revelação psicológica. Luciano Trigo desenhou e executou o cenário completando todo o conjunto harmonioso da peça que será, breve, estreada em Buenos Aires, no Teatro Ateneo, em tradução de Francisco Bolla e na interpretação de Amalia Sanchez Ariño e em Portugal, ainda êste ano, pelo mesmo elenco de Dulcina e Odilon.



PEDRO BLOCH, o autor mais representado êste ano: «As mãos de Euridice», «Os inimigos não mandam flores», «Irene», Esta noite choveu prata», etc.



VÊ-SE QUE dona Conchita ficou enamorada do seu papel desde a primeira leitura e ao mesmo se assimilou de tal modo que já fêz da personagem uma espécie de continuidade do seu próprio ser. E' dona Conchita durante o dia e a Vovó de Irene, à noite.

Mas uma outra peça de Pedro Bloch ocupará, também, o cartaz do Teatro Avenida de Lisboa. E' o seu último original que se intitula "Leonora" e que foi escrito com o papel principal destinado a Dulcina. Ela fará uma personagem de forte intensidade dramática e imensa fôrça poética.

Os têmas de Pedro Bloch são sempre humanos, de grande conteúdo e interêsse geral. Em "As mãos de Euridice", êle apresentava o drama do homem que não pode esquecer a mulher amada, por mais que as circunstâncias o demovessem nesse sentido. Em "Os inimigos não mandam flores, explorava a tragédia de uma feia mulher, casada com um homem bonito, contrabandista de produtos de beleza, terrìvelmente ciumenta, mas de um ciúme mórbido, que a levava ao cúmulo de comprar diàriamente um ramo de flôres, mandando-os para ela mesma com o intuito de provocar zelos no marido. Em "Irene", alguns dos problemas de todos os tempos, mais acentuados nesta geração, também se ventilam.

— Que devemos dizer ás nossas filhas? Até que ponto devemos esclarecê-las? Como poderão defrontar-se com a realidade do mundo de hoje?" — são alguns dos conflítos em que se debate uma velha avozinha, prêsa aos seus preconceitos, querendo preservar a inocencia da neta, mas tendo de curvar-se à evidência dos fatos e à fôrça esmagadora dos dias que não são mais os da sua geração.

Essa é a história de quatro adolescentes, cada um dêles com feitio distinto: A menina que acaba de sair de um colégio de freiras e trás, para a vida real, tôda a sua candura em choque com a vida prática e materialíssima; outra jovem, mais experimentada, filha de um homem que pensa mais de acôrdo com os nossos tempos, por vêzes obrigada a fingir que dá atenção aos rapazolas ocos e levianos, mas resguardando a sua honestidade, apesar de tudo; um jovem atirado a conquistas, usando e abusando dos têrmos de gíria, comprenetrado do seu poder fascinador sôbre as mulheres, julgando-as a tôdas deslumbradas com a sua figura e prontas a se entregar a êle; e, finalmente, outro rapaz, êsse tímido, telefonando para a mãezinha querida quando vai chegar em casa um pouco mais tarde, poeta por índole, retraído a mais não poder, incapaz de um convite expontâneo a uma garôta para levá-la ao cinema...

Como "background" nessa história tão singela, mas repassada de muita humanidade, ha os dois velhos: a avó de Irene, em luta consigo mesma, porque já outra neta se perdeu devido a essa intransigência, e o pai da garôta aparentemente leviana, dando bons conselhos à sua velha amiga, e por isso mesmo escandalizando-a porque ela precisa transigir com os mais moços...

O teatro de Pedro Bloch é amargurado, sob uma aparente frivolidade. O autor sente os seus dramas, legítimo médico de almas que sabe ser, alem de médico do corpo, que é a sua outra profissão, longe do teatro. Mas ambas acabam por se irmanar. E daí, o triunfo muito merecido dos seus trabalhos.



ÊSTES SAO os intérpretes: Odilon, Conchita, Narto Lanza, Teresinha Amayo, Dari Reis e Dinorá Marzulo. Um elenco afinado e que acertou.



ODILON TEM úma legítima criação no funcionário aposentado, pigarrento e preocupado com a pressão arterial da sua velha amiga a Vovózinha.



DEPOIS DA sua magistral interpretação em «As árvores morrem de pé», dona Conchita alcança outra magnífica vitória artística em «Irene». Êste flagrante foi batido ainda durante os ensaios, mas acontece que dona Conchita ensaia como se estivesse diante do público, levando a sério o seu papel. Por isso ela é notável.



DINORA PÊRA e Dari Reis, os representantes da nova geração, ela fingindo acreditar nas basofias do rapaz, êle procurando tirar partido...



NARTO Lanza e Dari Reis vivem dois temperamentos opostos: o rapazola tímido, que pela primeira vez se enamorou, e o outro destemido, afoito.



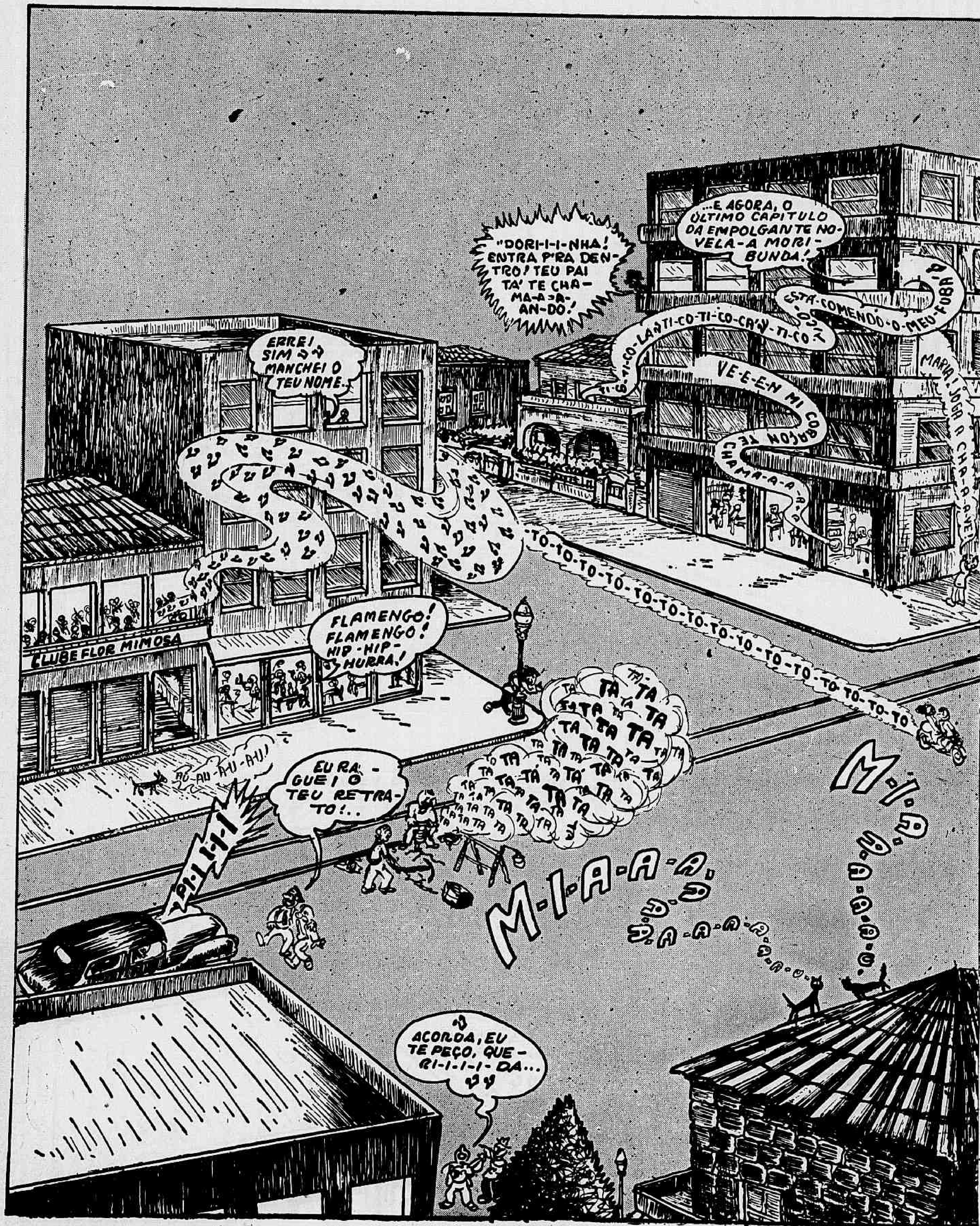
NARTO LANZA e Terezinha Amayo nos papéis de Irene e Gentil, durante os últimos ensaios. Poucas vêzes um casal de jovens artistas agrada tanto.

ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA

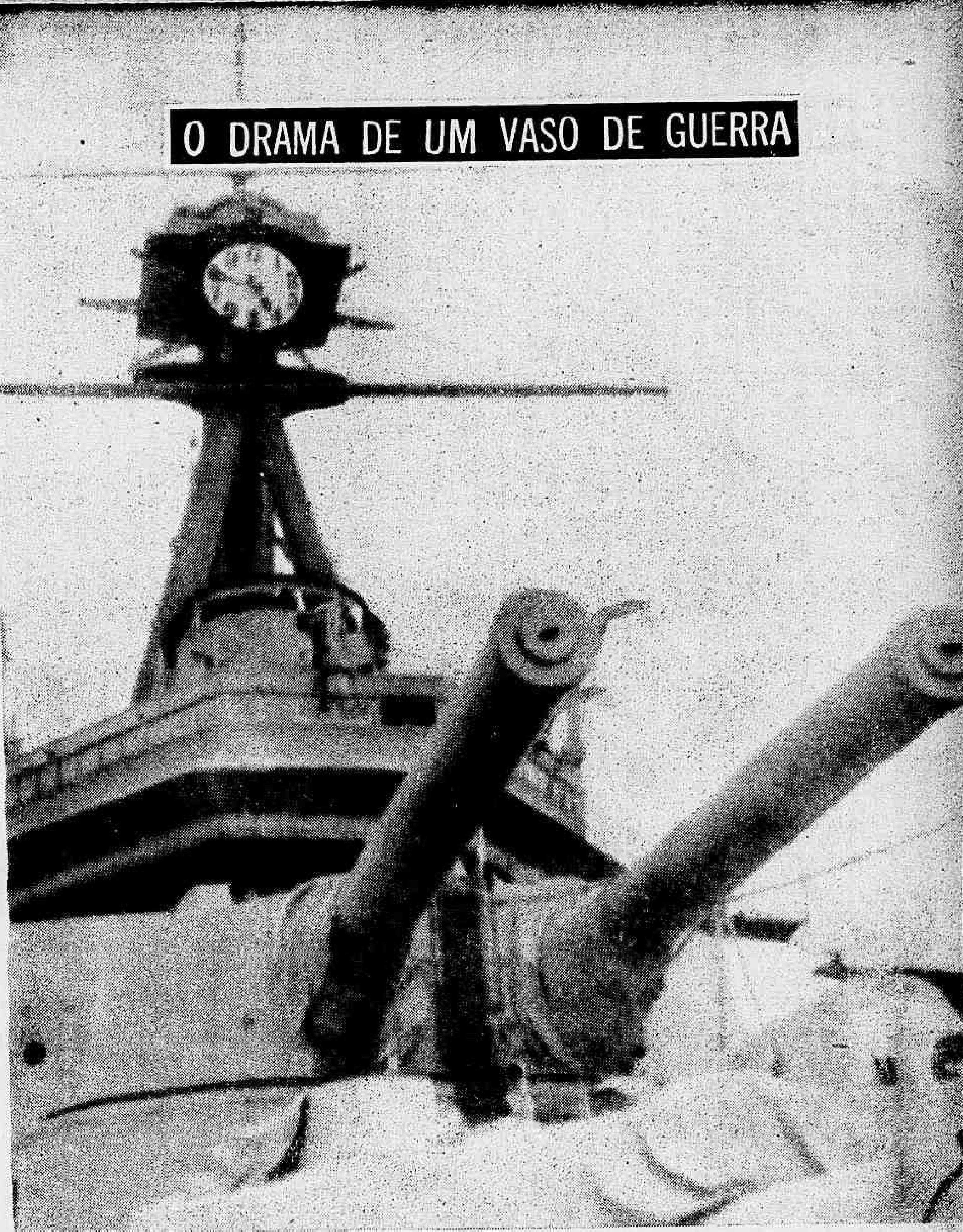
11 - SILENCIO! - Depois das 22 hs.





O ÚLTIMO ADEUS do comandante Cássio ao velho vaso de guerra que, com tanto acêrto, conduziu.

O DRAMA DE UM VASO DE GUERRA



OS VELHOS CANHÕES de 305 mm., agora silenciados para sempre. Essas bôcas foram, por muito tempo, garantia para um sôno tranqüilo das populações das costas brasileiras...

VIDA E MORTE DO "SÃO PAULO"

HONROSAS COMISSÕES DESEMPENHOU O ENCOURAÇADO ★ EVOCAÇÕES DA VISITA DO REI DA BÉLGICA ★ A TRANSLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DOS EX-IMPERADORES DO BRASIL ★ VISITAS OFICIAIS A VÁRIOS PAÍSES ★ SUA ATUAÇÃO DURANTE A GUERRA ★ A REVOLTA DE 1910 ★ O REI ALBERTO CONDECOROU UM MOTORISTA BRASILEIRO ★ A CORAGEM DA RAINHA

Reportagem de JORGE LYRA

PENDURADOS ao estribo de um bonde apinhadissimo, ouvíamos a conversação que se entabolava entre dois marujos de nossa Armada. Um dêles, pela conversa, voltava da cerimônia de baixa do glorioso vaso de guerra "São Paulo".

— Que espetáculo maravilhoso, Mário. Só faltei chorar.

— Quer dizer que o navio, agora, vai para a Inglaterra, não?

— Vai, e eu me sinto como se houvesse perdido um parente. Depois de quinze anos servindo a bordo...

E os dois marujos reencetaram a palestra. O que pertencera ao "São Paulo", orgulhoso, historiava



O "SÃO PAULO" TRANSPÕE, GARBOSO, A BAÍA DE GUANABARA

a vida do navio; o outro, absorto, com uma pontinha de inveja, ouvia-o.

Chegando em frente ao Ministério da Marinha, saltamos e ficamos imaginando a alegria daqueles marinheiros se soubessem que íamos, justamente, naquele momento, coligir dados para a feitura de um trabalho sôbre o vaso de guerra de que tratavam.

Em chegando, procuramos estabelecer contato com o comandante Gusmão, encarregado do setor de imprensa do Ministério que, gentilmente, nos orientou em todos os passos. Tudo nos foi facilitado, ao contrário do que, por experiência, esperávamos.

Depois de verificar velhos arquivos, compulsar velhos dados do "São Paulo", eis-nos aqui, prontos a transmitir aos leitores, os feitos mais gloriosos do encouraçado que desaparece.

A VIAGEM DOS SOBERANOS BELGAS

Uma das mais honrosas comissões do "São Paulo" foi, sem dúvida, o transporte dos reis da Bélgica ao Brasil, em 1920. Quando da sua visita à Bélgica, o dr. Epitácio Pessoa, então Presidente da República, havia convidado o Rei Alberto I para uma visita ao Brasil. Uma vez de volta, o presidente enviava, à Sua Majestade Alberto I, uma carta confirmando o convite que fizera, carta que tinha a data de 23 de junho de 1920. Aceito o convite, foram tomadas as providências para a viagem real. O navio do Lóide Brasileiro, "Uberaba", foi incorporado à esquadra, a fim de, sob um comando militar e comboiado pelo encouraçado "São Paulo", ir buscar os reis dos belgas.

Em visita ao "Uberaba" e ao "São Paulo", o Presidente da República em tão boas condições achou o encouraçado que resolveu fôsse dispensado o navio do Lóide e sòmente o "São Paulo" desempenhasse a incumbência.

Várias providências foram então tomadas, a fim de aparelhar o vaso de guerra para receber, em seu bôjo, dois soberanos de um povo amigo. Antes de o navio partir, o Presidente Epitácio esteve a bordo examinando os aposentos reais e, ao retirar-se, discursou enaltecendo a importância da missão que lhe fôra confiada. Terminava seu discurso com estas palavras:

"Senhores oficiais do encouraçado "São Paulo". Faço votos, como chefe do Estado e como brasileiro, pela mais completa felicidade de vossa viagem e êxito de vossa missão. O Brasil espera que suas tradições sejam representadas dignamente pelo vosso patriotismo e pelo vosso pundonor de soldado".

Os acontecimentos futuros haveriam de provar ao Presidente e a todos os brasileiros que o "São Paulo" não desmerecera a expectativa.

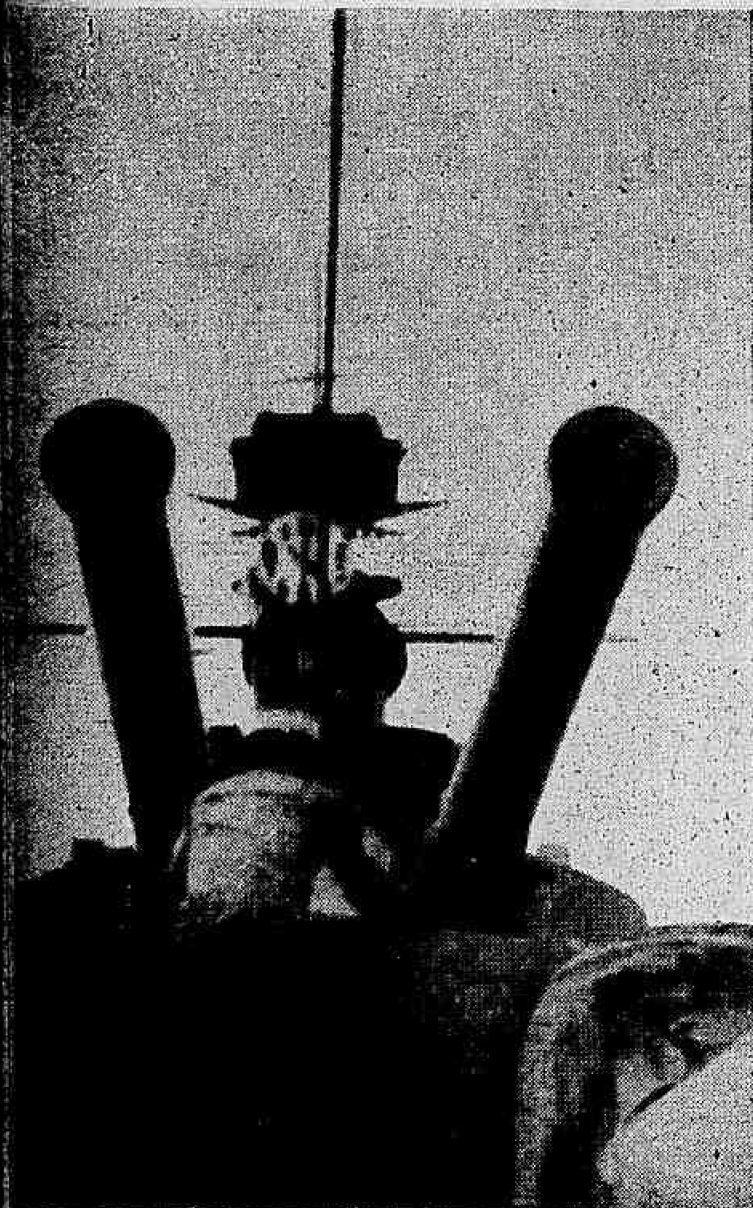
A 27 de julho do mesmo ano, às 14,40 minutos, largava o cabo de bóia, começando, assim, a dar execução à sua importante comissão, sob o comando do comandante Gomensoro. A 16 de agôsto, chegava a Portsmouth, onde, entrando no pôrto, salvava à terra e à legendária Victory, que servira de capitânea a Nelson, em Trafalgar, e onde morrera o insigne comandante. Em sua estadia no pôrto inglês, várias gentilezas foram trocadas entre o comandante de nosso navio e o comandante-chefe de Portsmouth, Almirante Sir Somerset, sendo mesmo o primeiro convidado habitual do almirante inglês aos jantares que êste oferecia, às quintas-feiras, aos seus comandantes e respectivas famílias.

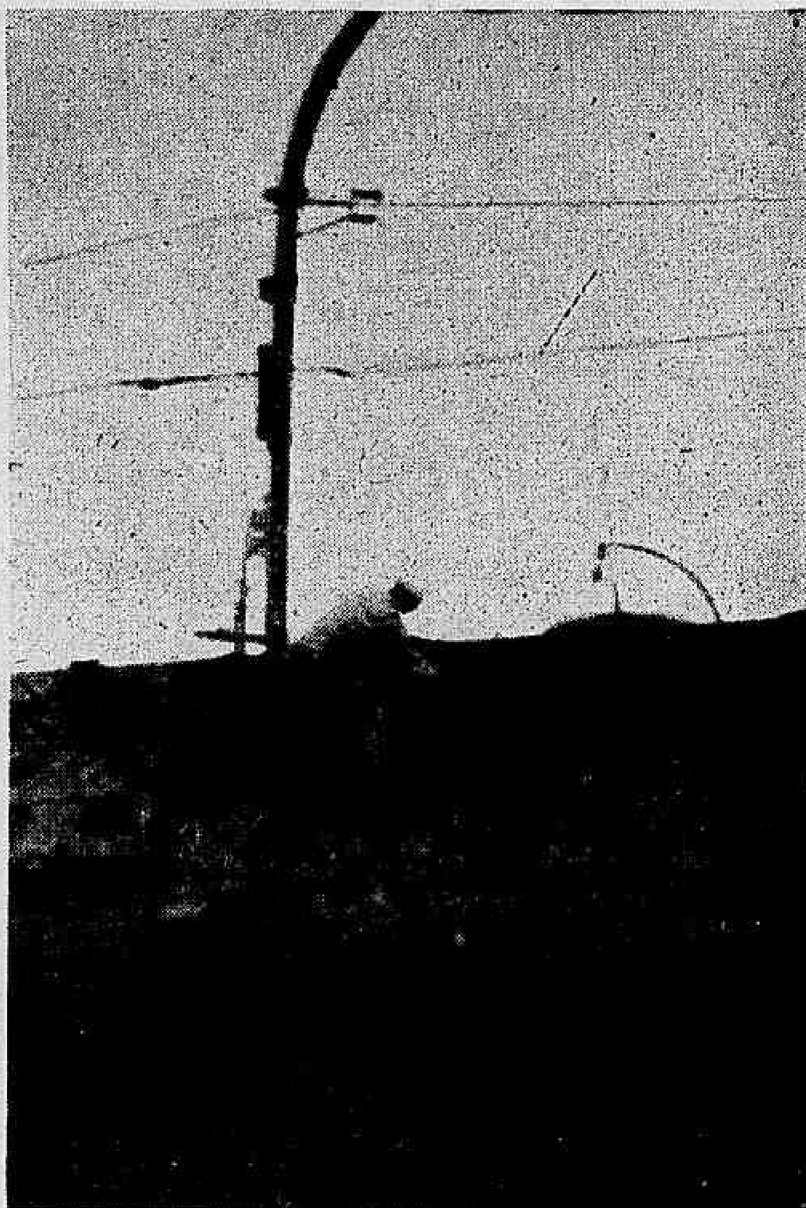
O Presidente Epitácio Pessoa, quando em conversa com o comandante do "São Paulo", manifestara o desejo de o mesmo receber o Rei Alberto em Zeebruge, pôrto belga que fôra utilizado pelos alemães e estava sendo desobstruído — a ida de nosso encouraçado àquele pôrto, acrescentara o Presidente, seria a prova evidente de que o referido pôrto estava aberto à navegação. Espírito perspicaz, o Presidente Epitácio sabia, também, que não seria agradável ao Rei dos Belgas passar por Flessing, zona em poder da Holanda e contestada pela Bélgica e, embora coubesse ao Brasil o pedido de licença à Holanda para o encouraçado passar por Flessing, era provável que, se tal acontecesse, o Rei pedisse para arriar o seu pavilhão.

Tendo em vista a sugestão do Presidente do

OLHANDO O «MINAS GERAIS», o Comandante Cássio não esquece o seu velho barco.

SUBINDO PELA última vez as escadas do navio, enquanto dois colegas tratam o vaso de guerra como se êle não fôra desaparecer, êste marujo relembra com saudade os tempos em que singrava os mares; o comandante faz a última vistoria.



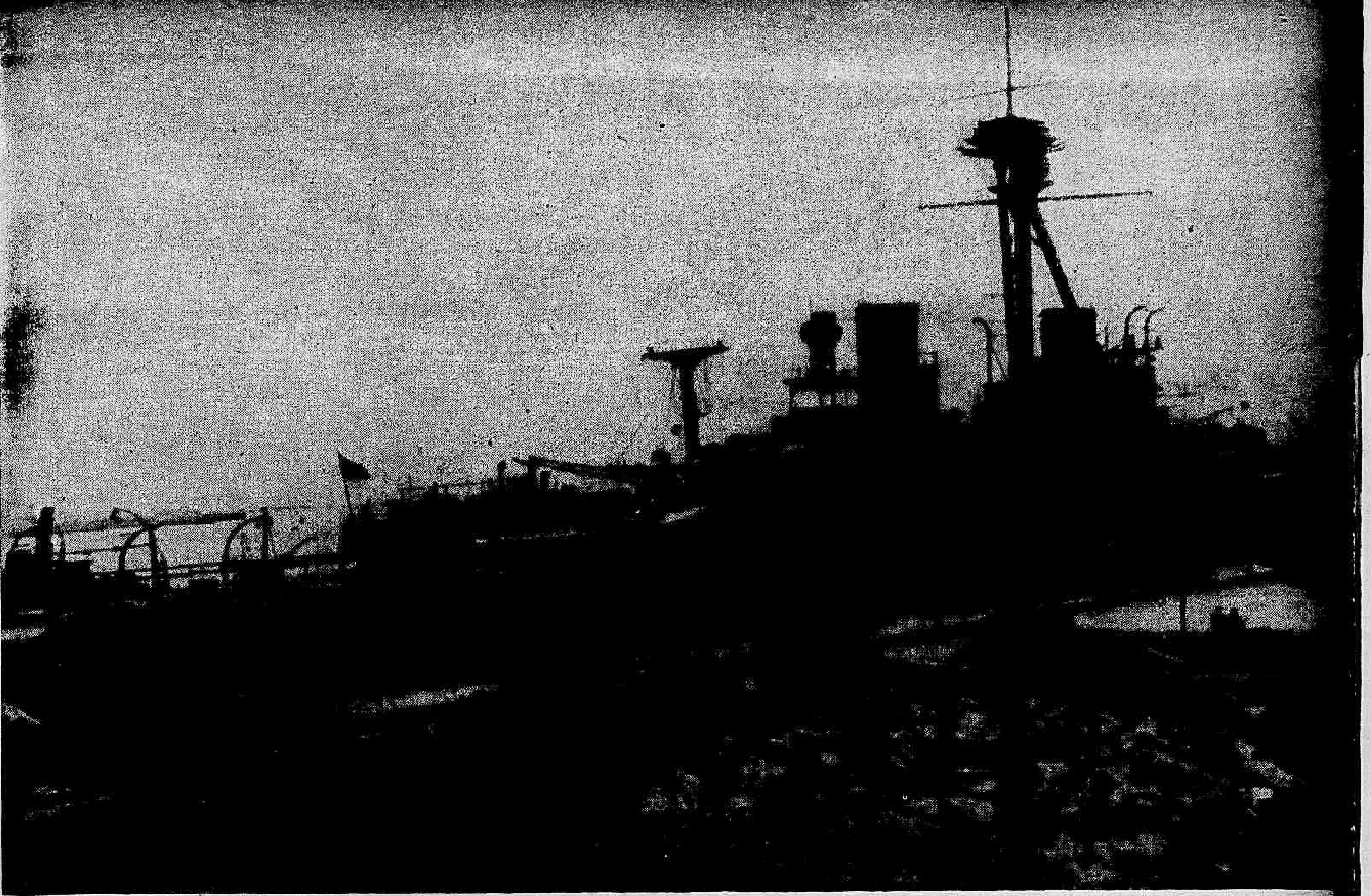








«DÁ LICENÇA, meu comandante, mas vou depositar um beijo comovido num pedacinho do meu navio».



DEPOIS DE DAR tantas glórias ao país, de transportar em seu bojo os restos mortais dos ex-imperadores do Brasil, de conduzir os reis da Bélgica, de servir de palco a uma revolta armada, jaz o «São Paulo», sem vida, sem ação, à beira do cais da Ilha das Cobras. Estranho destino!

Brasil, o comandante Gomensoro quis ouvir o Captain Young, da Marinha Inglêsa, que dirigia os trabalhos de desobstrução do pôrto de Zeebruge. Consultado pelo comandante do "São Paulo", o Captain Young disse que a ida do navio brasileiro a Zeebruge era manobra muito arriscada e que seria necessário esperar a maré, a qual só daria água muito escassa para o calado daquele encouraçado. Mas, o com. Gomensoro insistia na sua resolução de ir a Zeebruge e o Captain Young não teve outra alternativa senão ser mais franco do que fôra até ali:

— "Comandante, a Inglaterra, que tem vários navios iguais a êste, não arriscaria qualquer dêles em tal manobra; o Brasil, que só tem dois, penso que não deverá arriscar-se a perder metade de seus encouraçados."

Oficiais superiores de bordo, sem querer melindrar o seu comandante, fizeram-lhe ver que, se houvesse um encalhe, o efeito seria desastroso para o Brasil, dizendo mesmo que, se cada um dêles fôsse o comandante, não arriscaria o navio. A esta observação, o comandante Gomensoro retrucou:

— "Eu, porém, que não sou um dos senhores e que sou de fato o comandante dêste encouraçado, levá-lo-ei a Zeebruge, esperando que me auxiliem a sair bem desta difícil tarefa."

Constou ainda que a casa Armstrong, em cujos estaleiros fôra construído o "São Paulo", havia consultado o Almirantado Inglês sôbre a entrada do navio em Zeebruge e que a resposta fôra negativa.

No dia 28 de agôsto, debaixo de grande expectativa dos tripulantes e da população de Zeebruge, o barco passava o banco existente fora do pôrto, revolvendo muita lama, trepidando fortemente, a ponto de alguns objetos caírem dos lugares em que estavam colocados, mas, por fim, vencendo a difícil passagem e atracando ao cais de Zeebruge. A admiração da população foi geral e o povo não se cansava de dar vivas ao Brasil e aos seus marinheiros, pois sabia que aquêle pôrto ainda não estava de todo limpo das minas submarinas que eram então rocegadas e, no entanto, viam um navio daquele porte investir com desembaraço através de suas águas.

O "São Paulo" provava ao mundo o valor de nossos marujos e a intrepidez de nossos comandantes: inseria-se, na história da navegação do orbe, um feito glorioso que a voragem do tempo jamais apagará.

OS REIS A BORDO

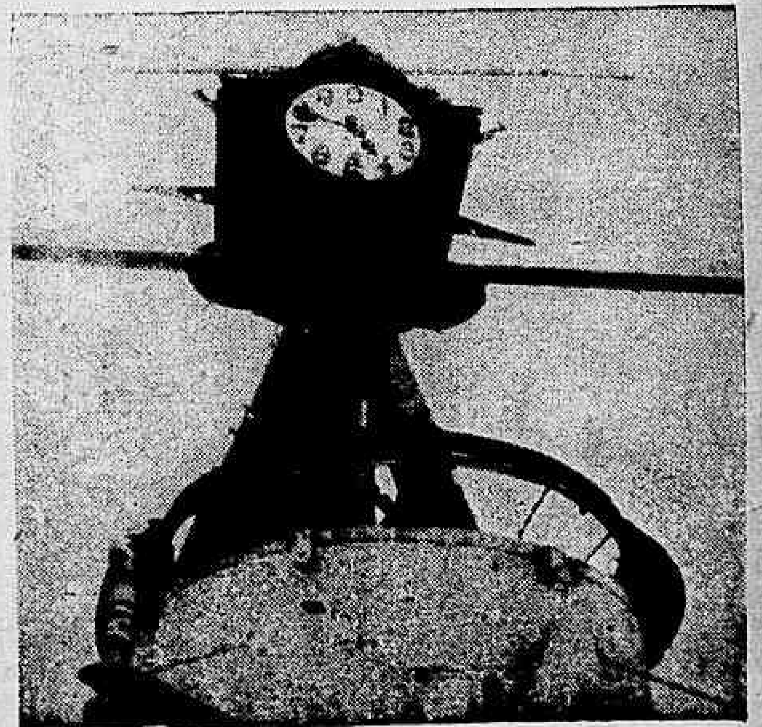
A 1 de setembro, chegavam a bordo Sua Majestade Alberto I, Rei dos Belgas e a Rainha Elizabeth, que era de algum modo uma princesa luso-brasileira, pôsto que era filha do Príncipe Carlos Teodoro, da Baviera, e da Princesa Maria José, neta de D. Miguel, que reinou em Portugal e, portanto, bisneta de D. João VI, que foi soberano de Portugal e do Brasil. Ao pisar a bordo o rei e a rainha, foi iniciada a salva de vinte-e-um tiros e içada a bandeira da Bélgica. Pouco depois o vaso de guerra zarpava de Zeebruge.

Ao deixar, o navio, o pôrto, depois do toque de "volta aos postos", houve um acontecimento a que não nos furtamos o prazer de relatar. O Rei, subindo ao tombadilho, tentou aproximar-se dos oficiais que ali estavam, mas não conseguia o que almejava porque sempre que se dirigia a bombordo os oficiais passavam a boreste e vice-versa. Depois de várias experiências, o Rei resolveu relatar o que se passava ao chefe da sua casa militar, Conde d'Oultremont. Êste chamou um dos oficiais de bordo e recebeu então a explicação: tratava-se de uma forma de continência tradicional nas Marinhas de guerra, a qual consistia em deixar completamente livre o bordo ao comandante ou à maior autoridade presente. Explicou ainda o oficial que tal forma de cumprimento vinha da marinha à vela, quando as tôldas eram pouco espaçosas e as guarnições numerosas. Hoje, por tradição, a continência continua a ser prestada. Naquela época a Bélgica não tinha marinha de guerra e o Rei desconhecia aquela forma de homenagem.

O Rei Alberto, no entanto, pediu ao comandante que os oficiais não mais se afastassem quando chegasse, pois desejava entabolar conversação com êles. Daí para o resto da viagem, o soberano belga passou a estar sempre rodeado de oficiais de bordo, salvo quando se sentava no seu banco predileto, situado sôbre os cunhos de ré, para ler seus livros, quando, então, até aonde suas vistas alcançassem, não se viam oficiais ou marujos.

Em meio à viagem, houve um acidente a bordo de que foi vítima o grumete Francisco Soares de Lima, que faleceu. Em vista de se acharem a bordo a Rainha e a condêssa de Caraman Chimay, foi resolvido que a cerimônia de lançamento do corpo ao mar se realizasse à noite, quando as damas estivessem recolhidas. O Rei, sabedor do que se passava, procurou o comandante Gomensoro para dizer que a rainha fazia questão de comparecer à cerimônia, pôsto que, durante a guerra, permanecera sempre nos hospitais servindo de enfermeira. Quando o capelão belga, padre Nols, ini-

(Cont. na pág. 50)



O VELHO RELÓGIO marítimo, agora inanimado, segue o destino do famoso vaso de guerra.

ARIGÓS

Conto de **DARCY ARAUJO** ★ Ilustração de **ORVAL**

JOÃO CARDOSO estava envelhecido. Tinha passado dos sessenta e o pêso da idade já lhe encurvara o corpo, ainda robusto, quase atlético. Para bem dizer, não era êle nenhum sentimental. Muitos o julgavam um homem ruim, por ser adusto de maneiras e de poucas conversas. A família no entanto o estimava, embora não fôsse pai de andar alisando filho, nem marido que fizesse aparato à mulher. Todos em casa, do longo convivio, conheciam-lhe os momentos de depressão, de tristeza ou de ira, de prazer ou de inquietude, que os estranhos mal podiam adivinhar.

Naqueles dias andava atarefadissimo, apreensivo com a situação do gado. Fevereiro já ia no meado e o verão, medonho ainda, continuava tostando tudo. Tinham morrido algumas rezes e se continuasse daquele geito não ficaria nem semente. O carôço de algodão, alem de muito caro, quase não se encontrava p'ra comprar. Pasto não existia mais. O açude havia secado e os bichos tinham de ir beber no pé da serra, a quase uma legua, de onde vinha a água para casa.

João Cardoso sentia, naquela intensa labuta, a falta dos filhos homens. A ajudá-lo tinha sòmente um neto de catorze anos e um afilhado, já rapazinho, que criava desde tenra idade. As mulheres cuidavam das coisas de casa e eram duas filhas moças e uma nora viúva. Maria Rita, já velha e doente, vivia mais era a rezar, preocupada com a sorte dos filhos distantes.

Antero, o mais novo, tinha-se ido fazia uns três meses. Debalde a mãe, chorando, implorou que êle não fôsse. Haviam ido os outros dois e de lá nem notícia, a não ser de Belém e de Manáus, antes de partirem para o seringal.

João Cardoso chegou a aconselhar o filho que não fôsse. Era muito jovem ainda, esperasse ao menos saber onde os outros estavam. As vantagens oferecidas pelo SENTA haviam seduzido o rapaz. O velho não insistiu, o menino queria ir. Era sem geito. Em 1904, por sua vez, também êle, João Cardoso, não atendeu nem a pai nem mãe e lá se foi em busca da fortuna no Alto Purús. Naquele tempo não se falava em exército da borracha, seringueiro era seringueiro, e quem tinha sorte enricava de verdade.

A partida de Antéro preocupou intimamente o velho. Era o caçula. João Cardoso sentiu que se fôra um pedaço de si mesmo. A mulher percebeu isso, pois desde então êle passou a acordar mais cêdo e ás vêzes ficava olhando p'ro tempo, abstrato, embora não falasse no menino.

O Joca êle até gostou que tivesse ido, por causa do namôro que tinha com a filha do Zé Tomaz, seu vizinho e inimigo. O Manoel, o mais velho, êste o preocupava pelas valentias nas festas e nas feiras, podia até ser que no Amazonas ficasse mais calmo. Antero, entretanto, era um rapaz bom, sem defeitos.

João Cardoso acabara de dar ao gado a parca ração. Foi ao chiqueiro dos bodes, para onde tangeu duas cabras que se ajeitavam debaixo do carro de boi p'ra dormir. À tarde fizera um calor fora do comum. A lua ia ser nova na noite seguinte. Para além da serra, no horizonte, via-se uma barra cinzenta de nuvens pesadas. O velho estacou à porta do curral, contemplando o céu, que lhe encheu a alma de esperanças. Recolheu-se a casa, tomou o jantar frugal e deitou-se numa rêde de tucum no alpendre. Lá dentro uma lamparina ardia em cima da mesa, iluminando as paredes mal caiadas da sala silenciosa.

Já ia alta a noite, quando o velho foi acordado pelo barulho de um caminhão à porta. Num instante de silêncio ouviu a voz do chofer, seu sobrinho, que fazia a linha de Teresina. Levantou-se da rêde, chegou-se ao parapeito do alpendre e viu um homem, fazendo acrobacias, tentando descer da alta carga de algodão do veículo. Era Joca, seu filho, que regressava do Amazonas.

Tinha o aspecto de um vencido. Magro, pálido, as vestes rôtas, paracia faminto. Tomou a benção ao pai, com alguma naturalidade e perguntou pela mãe, pelas irmãs, pelo irmão mais novo.

Maria Rita havia ido com as moças à casa de Idalina, que estava esperando criança. Joca não soube ocultar a tristeza sentida com a notícia da viajem de Antero. Então as cartas que êle e Manoel escreveram nunca chegaram. Bem diziam nos barracões os mais espertos, que as cartas dos seringueiros eram jogadas nágua. Assim determinava o govêrno, pois se fôssem dadas notícias ruins para o Ceará, ficaria difícil levar mais gente para o exército da borracha.

O caminhão prosseguiu, gemendo ao peso da carga. João Cardoso e o filho entraram e tomaram assento à mesa, à frente da lâmpada de querosene.

O rapaz contou sua odissea, desde a viajem no porão do navio, a prisão em Belém, antes de subir o Amazonas, o regresso a pé, de Belém a Teresina, onde encontrou, por felicidade, o primo que o trouxera no caminhão até alí.

— E o Manoel, meu filho, onde ficou? — perguntou o velho.

— O Manoel, meu pai... Um dia saíu do barracão e não voltou. Eu estava p'ra morrer de maleita, sem poder trabalhar, não pude ir atrás dêle. Passou-se uma semana, duas, três, um mês, nada. Êle me ajudava, ganhando p'ra êle e p'ra mim e ainda tinha saldo. Dizia que no fim do ano ia mandar um presente p'ra minha mãe. Coitado, tinha tanta sorte e nunca se queixou de coisa alguma.

O velho estava atento à conversa. Conhecedor da selva, como era, calculara o que podia ter acontecido ao filho. Joca narrou como conseguiu deixar o barracão. Sentia-se morrer aos poucos. A sezão prostrava-o. Uma ferida braba, que ainda alí trazia na perna, atormentava-o.

Compreendendo que Manoel não mais voltaria, após quatro meses, falou ao dono do barracão sôbre o saldo do irmão, pediu que l'ho entregasse, para a viagem de volta. O homem saiu-lhe com valentia, ameaçou-o de morte e mandou-o embora.

— Meu pai, aí eu fiz uma besteira... disse Joca, como que envergonhado.

O velho conservou-se calado e o rapaz continuou:

— ...Tinha lá um caboclo do Piauí, que não gostava do homem. O senhor sabe, a gente tem hora que reina p'ro mal. O piauiseiro me convidou e eu fui na conversa dêle. Preparou a montaria e fizemos o serviço. Eu sabia de quanto era o saldo do Manoel. Era só o que eu queria. Fomos exigir do homem, pois não era dêle, não tinha direito de ficar. O cabra botou-se p'ra nós, tivemos de lutar. O piauiseiro, sujeito bom mas valente como uma onça, deu conta do homem. No meio da luta chegou um capanga do barracão e botou-se também. O primeiro morreu logo. O outro saiu muito estragado. Quando conheceu que ia morrer, chorando, me pediu perdão. Confessou o desgraçado que tinha assassinado o Manoel, a mando do patrão.

João Cardoso havia pressentido o destino do filho.

O Amazonas era assim mesmo. E não se esquecia de Antero, que se tinha jogado para lá também, tão novo e sem experiência da vida. Quando a mãe souber disso tudo, morrerá na certa, pensou êle.

O velho sentiu o coração pulsando, descompassadamente. Levantou-se, enrolou um cigarro, que acendeu na lamparina.

Um rapazinho trouxe a notícia de que Idalina havia dado à luz uma criança. Um menino. Era mais um neto que nascia. O velho saíu para a porta que dava para o terreiro. E foi pensando. Mais um homem na família. Que destino teria? Na certa mais um arigó...

Um trovão reboou para o lado da serra. Uma chuva forte começou a cair. O cheiro de terra molhada deu uma sensação de alívio ao velho sertanejo e desviou-lhe os pensamentos para as grotas cheias d'água e para os bichos que a sêca estava matando.



NOS BASTIDORES DAS "BOITES"



MUITA GENTE, QUE nunca assistiu a um «show» numa «boite», imagina mil coisas fantásticas: Terá cenário como nos teatros ou os artistas vêm do palco à platéia? Pois nem palco existe, amigos. Os artistas entram no recinto pelas laterais, vindo dos bastidores e ficam em contacto com os espectadores que fazem um intervalo na ceia e no wiskei

CANSAÇO, DINHEIRO E INTRIGAS

"TEATRO DA MADRUGADA". UMA INICIATIVA QUE VENCE ★ CÉSAR LADEIRA, O QUE PRIMEIRO ACERTOU ★ O TEATRO ENCARA UM NOVO ADVERSÁRIO ★ WALTER PINTO E FERREIRA DA SILVA NÃO PERMITEM QUE SEUS ARTISTAS ATUEM EM "BOITES" ★ POR ÊSSE MOTIVO ELAS TERÃO OS SEUS PRÓPRIOS ELENCOS

Reportagem de ANTÔNIO ROCHA

NÃO faz muito que César Ladeira, trazendo a idéia da Europa, apresentou o seu Café Concerto n.º 1 na "boite" Casablanca.

Foi o que se pode chamar de uma "bomba". O êxito, imenso. A idéia não era nova, isso não, mas vinha revestida de novas roupagens, os "shows" sendo apresentados ao público à 1 hora da madrugada, tendo como "astro" os maiores do teatro e rádio verde e amarelo. Procópio, Bibi, Mara, Walter d'Avila, Wellington Botelho, José Vasconcelos, Colé já aderiram ao "Teatro da Madrugada". Atualmente quase todos os clubes noturnos do Rio contam com êsses espetáculos musicais. No Acapulco, César Ladeira apresentou o seu café concerto n.º 7, tendo como astros Colé, Renata Fronzi, de volta ao palco, e Wellington Botelho. Carlos Machado está à frente de um elenco feminino, cantando os 2.000 anos de Paris, em "Paris C'est Comme Ça", no Montecarlo. O Casablanca também apreta um "show" onde se destacam José Vasconcelos e Iris







HÁ PEQUENAS BONITAS, OUTRAS QUE SABEM MOSTRAR AS PERNAS E AINDA OUTRAS COM ALGUMAS NOÇÕES ACROBÁTICAS, MAS A MAIORIA DELAS CONFIA NO PALMINHO DE ROSTO E NA BOA VONTADE DO PÚBLICO...







UM NÚMERO cômico nos intervalos das garôtas, um «sketch» quase sempre improvizado, e um dito mais malicioso...

O SORRISO é perene nos lábios das pequenas que são pagas para dissipar as tristezas do bom consumidor...

E O «CHANSONIER» assume poses convencionais, com o «make-up» retocado minutos antes de entrar em cena.

Dalmar, esta, atriz de comédia. Algumas outras casas exibem atrações internacionais, como o Vogue, Golden Room do Copacabana Palace, Flair e Night and Day, enquanto até mesmo clubes considerados de segunda categoria, como o Balalaka, encenam um pequeno espetáculo para os seus freqüentadores, de acôrdo com as suas possibilidades.

O Vogue, elegante clube noturno do Leme, foi o que primeiro visitamos. Chegamos na hora do "show" e entramos em seu interior através da porta do bar.

Uma cantora excêntrica se encontrava diante do microfône, gesticulando largamente, enquanto o público cantava um estribilho. — Lady Patachou, não foi difícil identificá-la.

Os freqüentadores tomavam longos goles de "whiskey", enquanto os garçons, parados nos cantos, esperavam o término do número para reencetar o seu trabalho. De repente a cantora apanhou uma tesoura de cima do piano e se encaminhou para u'a mesa próxima, cortando a gravata de um senhor gordo, que suava "whiskey" por todos os poros. A assistência irrompeu em uma gargalhada.

Saimos. No "foyer" encontramos o sr. Pitton, gerente do estabelecimento.

— Que acha o senhor dos "shows" nas boites? — perguntamos.

O sr. Pitton sacou uma cigarreira do bolso, puxou um cigarro e o acendeu, tirando uma longa baforada, antes de responder.

— Considero tudo isso uma atração indispensável para a vida de uma casa dêste gênero — respondeu.

— Por quê a Vogue sòmente apresenta artistas estrangeiros? — voltamos à carga.

— Por uma razão muito simples: a maioria de nossos freguêses são estrangeiros e em particular, franceses. Muito embora os que aqui atuam sejam franceses, temos também artistas brasileiros, como é o caso de Linda Batista.

— Quanto percebe por noite cada artista — estrangeiro — bem entendido?

— Geralmente Cr$ 6.000,00. Há exceções, como por exemplo Dany D'Auberson, que assinou um contrato de quatro semanas, à razão de Cr$ 10.000,00 por noite, além da hospedagem no hotel e passagem de avião, Dany bem merecia isso, pois ainda está viva na memória de todos a impressão que causou, tendo permanecido dois meses no Vogue, ao invés de sòmente quatro semanas, como a maioria dos artistas, explicou-nos o sr. Pitton, acrescentando que foi essa a artista que maior sucesso alcançou, até hoje, nessa "boite", desde a sua abertura em 1947, devendo voltar para uma nova temporada.

Despedimo-nos e nos encaminhamos para o Acapulco.

O CRIADOR DO "TEATRO DA MADRUGADA"

Emergimos na noite fria, com o vento cortante da madrugrada em Copacabana, caminhando em direção ao Acapulco. Ainda teríamos tempo de ver o final do Café Concerto n.º 7. Alí, pudemos observar algo de interessante: são as "girls" a atração principal do "show", atuando o mais despidamente que a lei permite, em quase todos os "sketches". Não ouvimos barulhos de talheres, nem garçons correndo de um lado para outro, com lanternas na mão para mostrar o menu aos freguêses e servir durante o espetáculo, como esperávamos. Muito ao contrário. Não se ouvia um som. Todos os presentes se encontravam atentos, rindo com as piadas e "cacos" de Colé ou deleitando-se com a beleza das "girls".

Logo após, terminado o espetaculo, procuramos César

ELAS TEM OBRIGAÇAO de sorrir, sim, embora quando o espírito ande preocupado com algum problema íntimo.

E O HUMORISTA JOSÉ Vasconcelos, com outro amigo, brincam de balanço e gangorra com a morena simpática.

PRONTAS PARA ENTRAR em cena. Perdão, para desfilar entre as mesas onde a freguesia bebe e distrai o espírito...









MAS NEM TUDO é feito de improviso: a bailarina de ponta, que aprendeu «ballet» de verdade, tem o seu lugar certo nas «boites» e por isso seu salário deve ser um pouco mais alto.



GUARDA-ROUPA FEITO especialmente para o «show» ou aproveitado do espetáculos anteriores, pouco importa; essencial é que as dansarinas tenham um corpo esbelto e um sorriso alegre.



JOSÉ VASCONCELOS FOI do rádio para a «boite». Além de emérito imitador, êle sabe fazer a personagem de um «sketch» onde a malícia está bem temperada. Ei-lo prêso pelo beicinho...



MAS NOS BASTIDORES, depois do número, a expressão é outra. Tomara que tudo acabe depressa, que a noite está ganha com o suor do próprio rosto — e que vontade de dormir, dormir muito...

Ladeira, o criador do "Teatro da Madrugada", pois além de o apresentar ao público, foi também quem primeiro o designou por êsse nome, através dos noticiários enviados à imprensa.

— Acha que os "shows" atraem freguêses às boites?

— Certamente que atraem. A prova aí está: depois do espetáculo, 80% dos frequêses deixaram o recinto.

Indagamos então se êsses espetáculos alcançam maior sucesso entre brasileiros ou estrangeiros.

— Entre os brasileiros, — foi a resposta imediata. — A freqüência de estrangeiros é de, no máximo, dez por cento. Êstes, em primeiro lugar, não entendem o idioma e, quando isso não acontece, não conseguem captar o humor. Os poucos que aqui vêm, são movidos por méra curiosidade ou para ver as "girls", porque para isso não é necessário saber português...

— Podia-nos dizer porque deixou a Casablanca? — indagamos.

— Desentendi-me com o gerente... só isso... Aliás, aqui você pode observar o número de freqüentadores, enquanto o Casablanca está "às moscas..." — declarou César.

Viramo-nos para o sr. Cabral, proprietário da casa, e perguntamos se a freqüência aumentara desde que César começara a apresentação de "shows".

— Sem a menor dúvida, — redarguiu êle.

— E quanto à consumação individual, também aumentou?

— Não, — foi sua resposta lacônica.

— E acredita o senhor que os "shows", por si só, contribuem para o bom funcionamento de uma "boite?" — indagamos, enquanto caminhavamos para o "foyer".

— De modo algum, — respondeu o proprietário do Acapulco enfàticamente. — E isso porque a vida de uma "boite" está no conjunto. A engrenagem exíge um sincronismo perfeito, não admitindo a menor falha em seu andamento. Não são sòmente os "shows", mas a cozinha, o serviço ou a orquestra que cativam o fraguês, atraindo-o a uma boite.

Mostramos interêsse em saber quantas pessoas freqüentam diàriamente essa *boite*, ao que êle respondeu abruptamente:

— Isso é segrêdo comercial. Responder a essa pergunta é o mesmo que publicar os meus livros na imprensa...

No entanto, sob o ponto-de-vista comercial, deve ser bem interessante encenar "shows".

Tomemos o Acapulco como exemplo. Se uma pessoa se abala para êsse clube noturno, a fim de rir com os "sket-

(Continua na pág. [illegible])

NUM MUNDO ONDE NÃO HÁ MICRÓBIOS



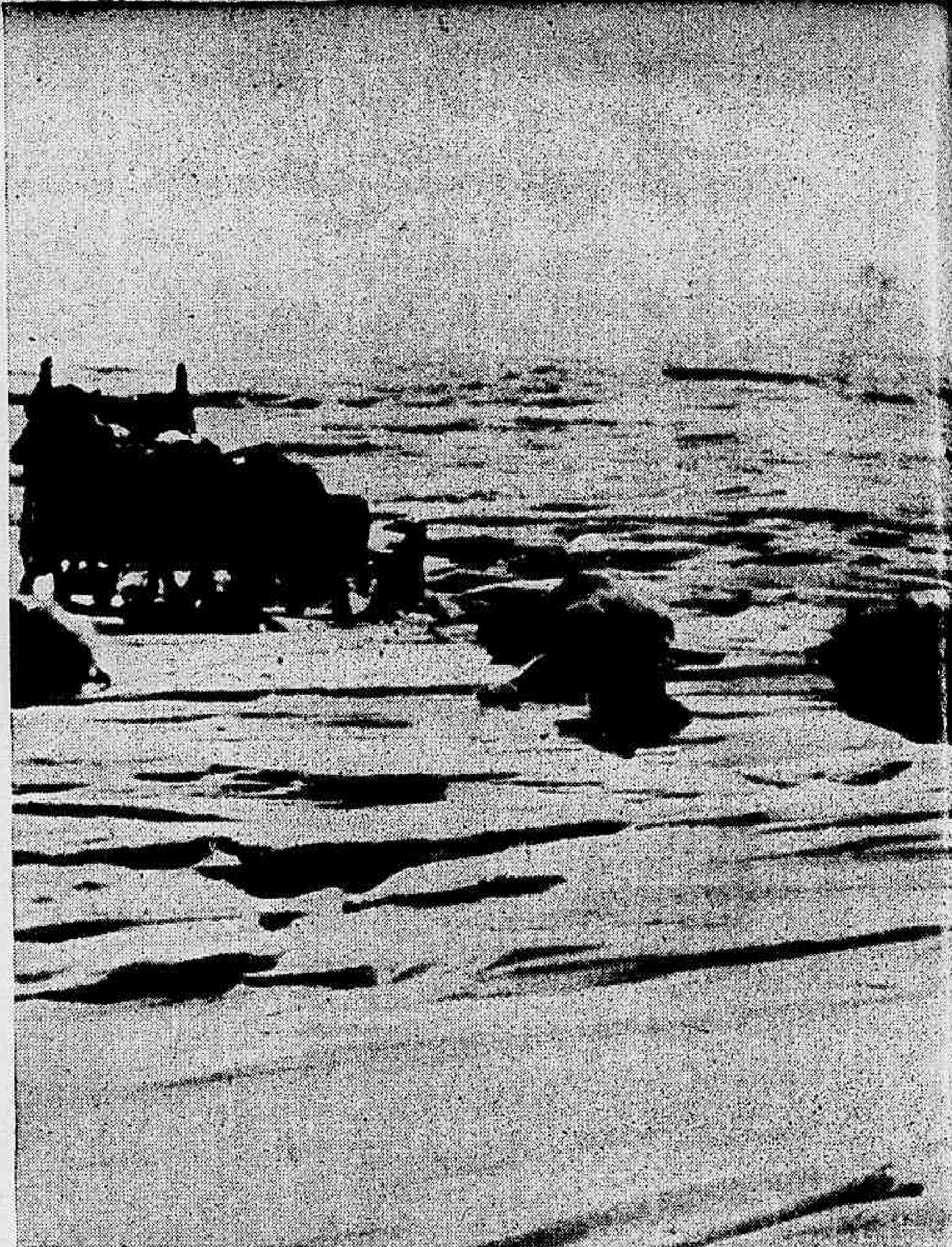
O CIENTISTA GEORGES SCHWARTZ, um dos mais competentes expedicionários à Terra Adélia, antes de perder-se e após ter sido salvo pelos companheiros, ainda com o rosto gelado.



O VALOROSO CÃO «ASPIRINA», do trenó de Schwartz, antes de percorrer 350 quilômetros no gêlo eterno, e logo depois de 10 dias de marcha. Após êsse tempo, não podia sequer mover-se.



O ESTADO EM QUE FICOU o rosto do meteorologista Henri Bonjon, coberto de gêlo. Cinco vêzes por dia, êle deixava o acampamento para ir ao observatório, durante onze meses.



EM PLENA Terra Adélia, zona da Antártica pertencente à França. Os expedicionários descansam um pouco, dando folga aos cães, verdadeiros heróis. O guia

NA IMENSIDÃO GELADA DO PÓLO SUL

EXPEDIÇÃO FRANCESA À TERRA ADÉLIA ★ EM BUSCA DE URÂNIO E CARVÃO ★ A 6.000 QUILÔMETROS AO SUL DA AUSTRÁLIA ★

PELA primeira vez depois da expedição de Charcot, há mais de 40 anos, os franceses voltaram ao Pólo Sul. Guiados por André Liotard, um dos membros do grupo francês para a expedição polar que Paul-Emile Victor dirige em Paris, desembarcaram os explorados a 19 de fevereiro de 1950 na Terra Adélia.

Essa região, que se encontra a mais de 6.000 quilômetros ao sul da Austrália, foi descoberta em 1840 por Dumont d'Urville e constitui o setor francês do Pólo Antártico. Os franceses conduziram até ali uma casa pré-fabricada, mais de 200 toneladas de víveres, variado material e uma matilha de 31 cães especializados em trenós. Alguns dias depois de sua chegada, o navio "Commandant Charcot", que os transportou da França ao Antártico, tomou a direção do Norte, deixando todos prisioneiros voluntários dos imensos bancos de gêlo. Isolados do mundo, trataram de escolher os locais para investigações e exploraram durante um ano a situação necessária para a construção de uma base científica.

A Terra Adélia é a parte do mundo em que o vento sopra com maior violência, chegando mesmo à velocidade extraordinária de duzentos quilômetros por hora. No inverno, as tempestades de neve duram uma semana sem interrupção. A violência dessa tempestade é tal que, um dia, o vento arrastou e levou pelos ares uma casa de munições e petrechos e a deixou a algumas centenas de metros do local em que se achava antes. Se as pessoas que se acham em tais



foi André Liotard, que desembarcou a 19 de fevereiro de 1950 na Terra Adélia, distante 6 mil kms. do Sul da Austrália. Daí penetraram ao longo do paralelo 67.

ocasiões ao sabor da tempestade não se prevenirem, sendo tomadas de surprêsa, dentro de minutos estarão com alguns quilos de neve sôbre o corpo. Muitas vêzes, quando tomados assim de surprêsa, os exploradores ficam completamente cegos pelos efeitos da neve. O radiografista Hardes, saído da barraca a fim de ir buscar uma lata de benzina que se achava a dez metros de distância, ficou desorientado durante duas horas entre a neve, antes de encontrá-la. Durante o tempo de verão, há bonança e o sol é morno. Se bem que a temperatura não vá acima de zero, pode-se estar em mangas de camisa. No inverno, porém, o termômetro desce a 35 graus abaixo de zero.

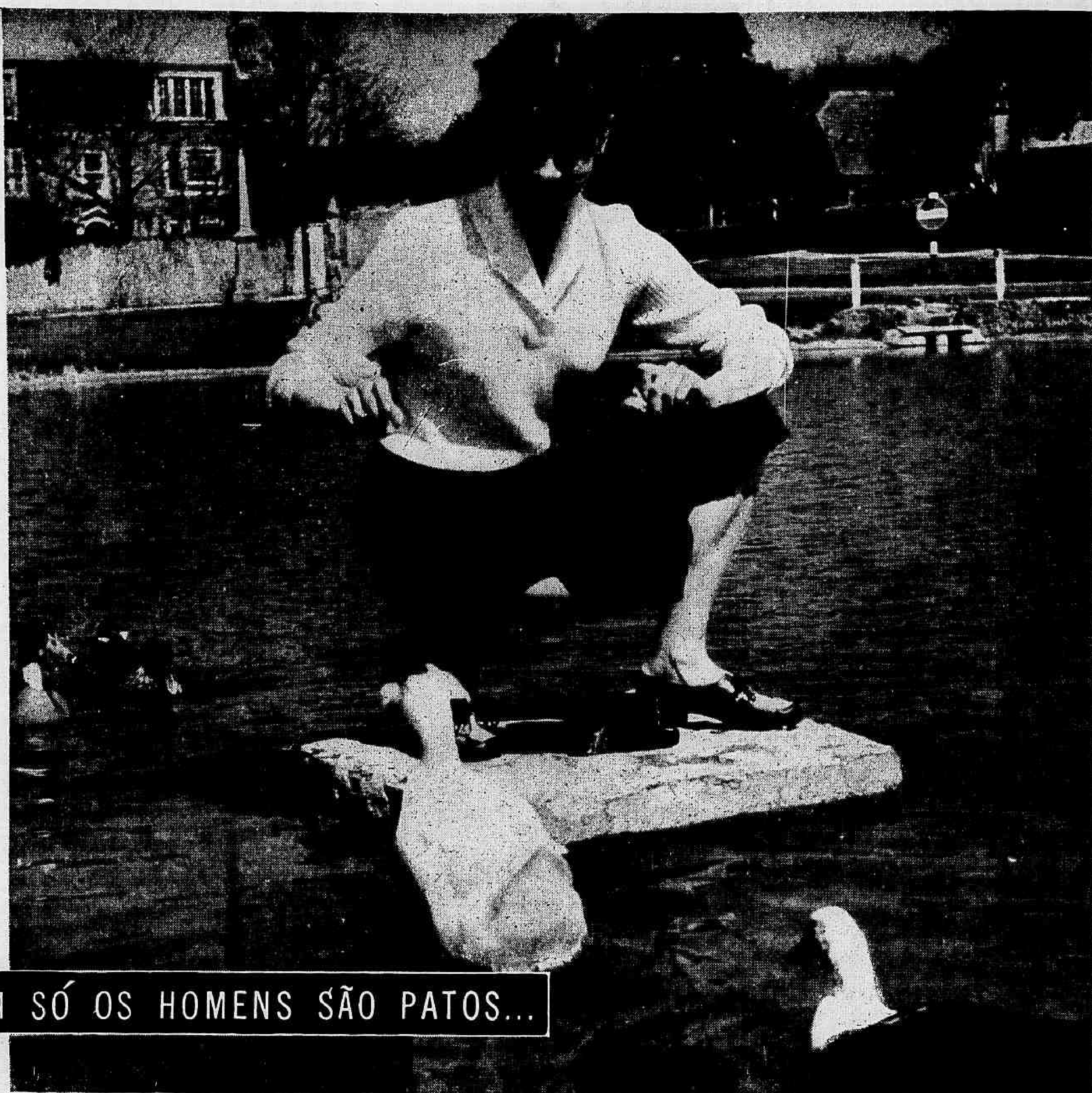
Os onze membros da expedição francesa ao Pólo Sul passaram onze meses numa barraca de sete metros de comprimento por nove de largura, com pequenos compartimentos: uma saleta, uma cozinha, alguns laboratórios e um dormitório. Uma estufa a carvão ardia dia e noite. Ao nível do pavimento a temperatura estava sempre abaixo de zero. Mas, à altura de um homem, era de quinze graus. Tudo estava previsto. As paredes da barraca eram recobertas de extintores de incêndio, uma vez que não havia água para lutar contra as chamas. Os expedicionários construiram, à uma certa distância dessa "casa", um outro refúgio, no caso de incêndio.

Como não havia água, os expedicionários não tomavam banho. Raramente faziam a barba. Entretanto, as condições de higiene foram sempre muito boas. No pólo não há micróbios. Durante uma exploração ao longo do paralelo 67º, os cientistas Yves Vallette, Georges Schwartz e Robert Pommier, fizeram em trenós uns 600 quilômetros pelo interior da Terra Adélia, durante 40 dias. Como a bússola não tinha nenhum efeito, êles se serviam de sextantes. De noite bivacavam em uma tenda em forma de pirâmide. Os cães eram mantidos presos para que não devorassem os víveres. Depois de obtidas informações científicas, regressaram os exploradores à França, levando exemplares de pinguins e de outros habitantes daquelas regiões frígidas. Com essa expedição, reafirmou a França o seu direito sôbre um território que, no futuro, poderá ser explorado industrialmente, pois tudo faz crer tenha carvão e urânio.





UM DOS CÃES coberto de gêlo ao descansar um pouco. A expedição andava seis horas por dia, tendo o raide durado quarenta dias. Prova de patriotismo e abnegação pela França



NEM SÓ OS HOMENS SÃO PATOS...

QUANDO NÃO está sob o foco deslumbrante dos refletores nos estúdios cinema tográficos, essa outra Hepburn se entrega a passatempos inocentes como êste: dar comida a patos e paturis. Audrey Hepburn está insulada em meio do lago, e, com certeza não desconfia que o barqueiro pode esquecê-la com os paturebas e depois...



A LINDA Audrey é louca pela vida campestre. Aqui está ela a passar alguns dias nos campos da Holanda

UMA NOVA HEPBURN

OUTRA VERTIGINOSA ESTRÊLA EM HOLLYWOOD ★ MISTERIOSA COMO A KATIE ★ NASCEU PARA SER ARTISTA

Por JACK L. SMITH

ESTÁ Hollywood com outra "Esfinge"? Parece, leitor. E agora se trata de outra Hepburn. Mas não tem nenhum parentesco com a "Kattie". E' uma jovem muito simpática, nascida para a arte cênica. Chama-se Audrey Hepburn e nasceu na Inglaterra. Audrey é a primavera em pessoa. E agora que vamos entrar nessa estação do amor e dos namorados, não é sem motivo que escolhemos a encantadora e jovial miss Hepburn para ornamentar a capa dêste número.

Tem ela atualmente apenas vinte-e-dois janeiros, é uma sonhadora e apaixonada da arte. Baila, interpreta papéis difíceis e tem verdadeiro amor à sétima arte. Audrey visitou os Estados Unidos e ali só deixou saudades. Ela trabalha àrduamente e não tem preguiça. Quando não está sob os focos alucinantes dos refletores cinematográficos, dedica-se aos prazeres do campo. Não dispensa passeios a cavalo e gosta de dar alimento a patos e a peixinhos de lagos tranquilos.

Estava na Bélgica ao deflagrar a segunda grande guerra. Depois que a Bélgica teve que capitular em face da imensa superioridade em armas dos exércitos de Hitler, ela foi, com a família, residir em Arnhem. Foi nessa cidade que ela apareceu pela primeira vez em público interpretando um papel. O argumento era de sentido patriótico e se chamou "Black", ou o "Segrêdo". Constituia, es-



MOÇA EM PLENO VIGOR de saúde e beleza, Audry gosta de pescar de jereré, embora volte sempre a ver navios...



UMA NOVA HEPBURN

sencialmente, uma lição de amor à pátria invadida pelos teutos, uma lição contra os colaboracionistas que, ou por mêdo, ou por interêsse, consentiam em prestar serviços aos invasores.

A pequena Audrey passou então a aparecer em concertos públicos. Estava com quinze primaveras. Sua mãe a ajudava a fazer roupas com as cortinas e capas que serviam para cobrir móveis. A situação era terrivel para ela e todos os seus. Mais tarde a pobreza, a falta de recurso chegavam ao ponto cruciante. Para alimentar-se, ela e os pais tiveram que vender as próprias roupas do corpo e algumas jóias, a fim de comprar gêneros de alimentação. Mas a tempestade passou. Vive ela agora em verdadeiros sonhos de aparência irreal. Será que é mesmo verdade o que se passa? Todos aquêles pesadelos de durante a guerra já são coisa do passado? A fome, a falta de roupa, o frio, a desgraça generalizada em que ela e a família viveram, tudo isso já não mais existe para torturá-los dia e noite?

Abraçando a carreira de bailarina, de dançarina, prestou serviços em diversos "shows"; mas, com o desenvolvimento de sua capacidade artística, ela chegou ao estrelato. E' hoje uma artista de primeira ordem. Bela e inteligente, Audrey atraiu sôbre si as atenções dos empresários e produtores de filmes de Hollywood. Sua vida é enigmática, e ela gosta que a comparem à imortal Hepburn. Entre os vários filmes em que pode ser vista e admirada, estão alguns produzidos por Mario Zampi. Primeiramente fêz um pequeno papel em "Laughter in Paradise", seguindo outros pequenos papéis em "The Lavender Hill Mob" e "Young Wive's Tale". Mas, depois que firmou contrato com a Associated British Pictures, foi a "leading woman" de "The Secret People", conquistando o estrelato definitivamente.

SUA BELEZA plástica e a agilidade muscular e articular ela deve, em grande parte, à disposição em que sempre viveu de não medir sacrifícios para transpor

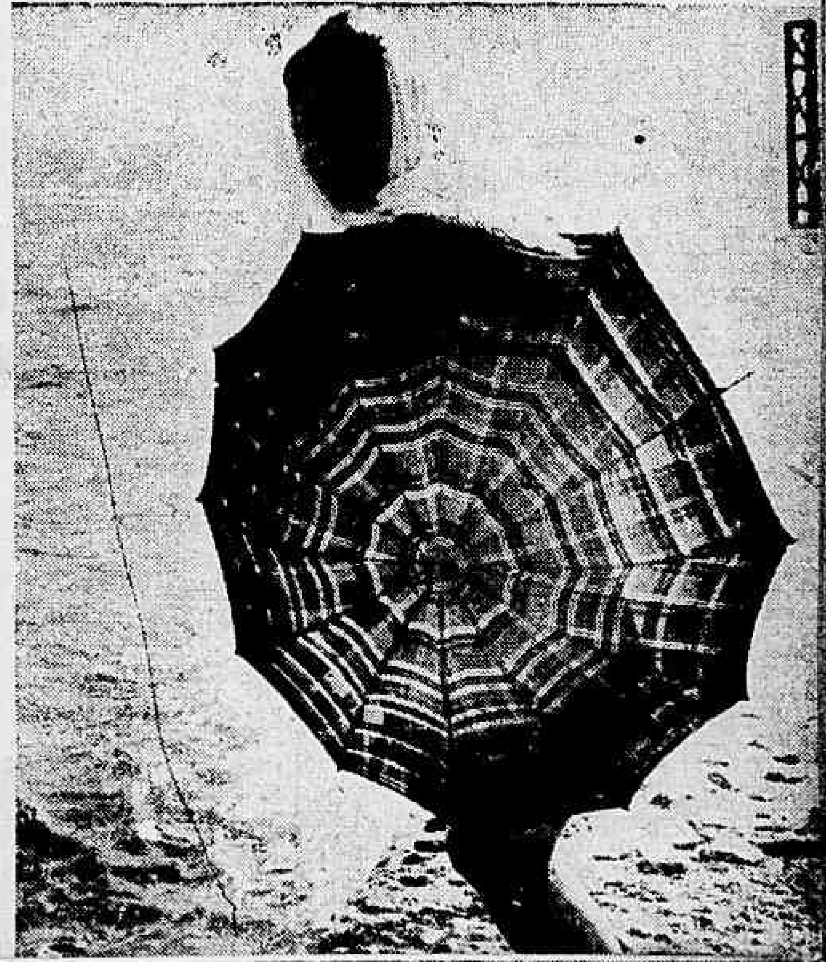




obstáculos. Vejam-na a pular cercados e a ensaiar novos passos coreográficos de estilo pessoal e expressivo. Depois pula de escadas, trata do cavalo da charrete e, por fim, vai ao banho, e procura ocultar o maiô dos olhares do repórter.







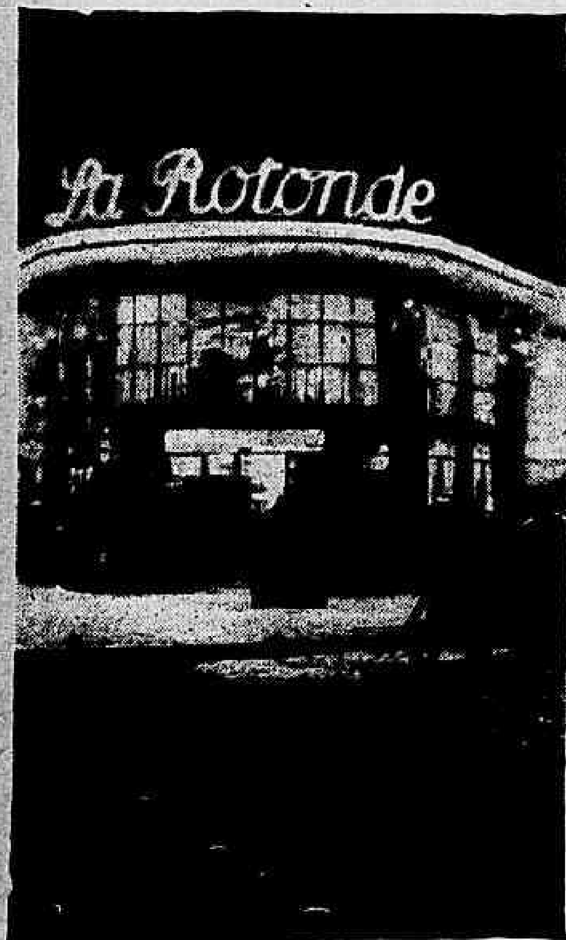
OS NÚS DE PARIS

LUGARES COMUNS DA CIDADE DUAS VÊZES MILENÁRIA ★ ONDE OS AMERICANOS DO SUL E DO NORTE DEIXAM A "NOTA" E NEM SEMPRE DÃO A DITA ★ "CHÉZ PATACHOU" E A VINGANÇA DE UM BRASILEIRO IRREVERENTE



«LA ROULOTTE», com uma loura incendiária semi-vestida e montando um bonito corcél, na Praça Pigalle, serve de chamariz para todo o americano, do norte ou do sul, que vai a Paris.

MUITO se voltou a falar de Paris nestes últimos tempos. Ao que parece, as vistas da mais nova geração brasileira — e não só a brasileira, porque tôda a sul e norte-americana — voltaram-se outra vez para a Cidade-Luz, depois de andarem por vinte anos concentradas em Nova York e Hollywood. Tornou a ser elegante viajar até Paris, falar dos "boulevards", aludir à Place Pigalle, ter visto Jouvet no Athenée e ter aplaudido as francesinhas do Cassino e do Folies Bergère... O caso é que milhões de cruzeiros, pesos, dólares e libras estão ficando em Paris, depois da guerra. Os franceses conhecem o segrêdo de atrair o turista, vendendo-lhe tudo o que se pode vender e até o que não existe. Há um restaurante às margens do Sena, onde o turista endinheirado vai saborear um pato com "pedigrée", mas quem paga o pato é êle mesmo. Deixam as notas em casas elegantes, onde se come mal mas se aprende a dançar à maneira existencialista. E nem sempre se "dá a nota" nesses lugares, porque a "gaffe" é uma instituição universal criada pelo turista. A vinda de Lady Patachou ao Brasil foi uma consequencia da popularidade do seu restaurante nas imediações da Place Pigalle, onde a velhota e sem-saborona protegida de Maurice Chevalier dá-se ao mau-hábito de retalhar as gravatas dos seus clientes. Conta-se, porém, que certa noite entrou em "Chez Patachou", um brasileiro decidido, rapaz gaúcho acostumado a resolver tudo a seu modo. E ao ver os fragmentos da sua bonita gravata, comprada aqui no Rio, não teve dúvidas: Levantou-se, foi em direção à senhora Patachou, pegou-a pela cintura, ergueu-a até bem alto e, depois... Não queiram saber! Voltou-a de cabeça para baixo. Pior é que, segundo afirmam, ainda hoje, os companheiros do destemido gaúcho, a pobre madame não estava, nessa noite, convenientemente preparada para tais violências. E o fim do espetáculo é muito fácil de imaginar... Paris, com seus dois mil anos de existência, não perde a mocidade. Muita coisa é falsa, fictícia, artificial, mas justamente por isso — porque tudo é Paris — ninguém deixa de visitá-la. E neste momento exato, quando o leitor pousa seus olhos nestas linhas, quantos brasileiros folgados não devem estar passando horas inesquecíveis em St. Germain des Prés e adjacências! Quantos!



«LA ROTONDE», o café estilo «drive-inn», todo envidraçado, com um luminoso que acende e apaga de segundo em segundo, outra sedução caracteristicamente parisiense para o turista. «PIGALLE», o fruto proibido para quem vai a Paris e não está autorizado (ou não quer) conhecer a sua vida noturna. Mas quase sempre essa autorização cai por terra na 2ª noite...



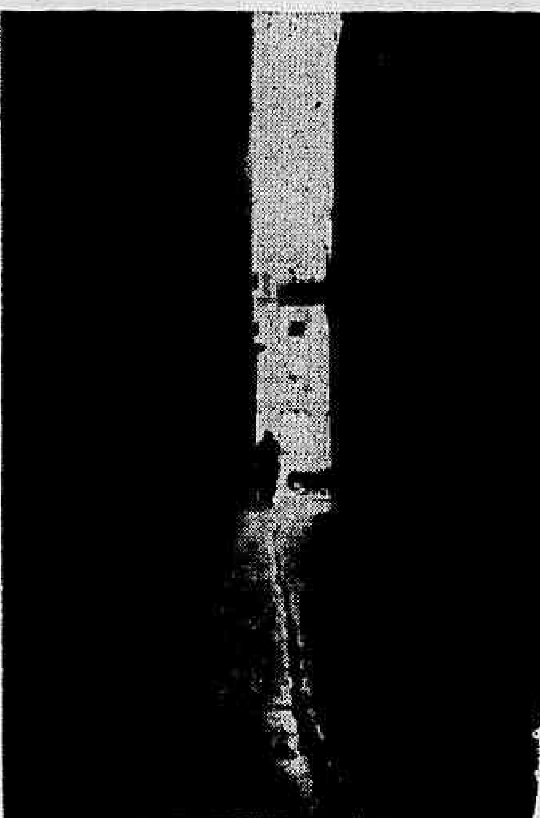
«LE DÔME», a marca simbólica de St. Germain des Prés, onde o existencialismo sentou praça e onde tudo é permitido com as necessárias reservas. Mas o existencialismo não é nudismo!





EFEITO NOTURNO muito reproduzido em cartões postais que o americano compra por algumas dezenas de francos, nas charutarias, para enfezar os amigos: «Saudades daqui de Paris...» **CAFÉS** com mesas ao ar livre, as tradicionais «terrasses» onde o turista saboreia um licor e toma pose de quem já conhece a Cidade Luz, enquanto as mulheres sombrias vão passando...





TUDO É MOTIVO para bater uma chapa de recordação. De máquina a tiracolo, o visitante faz ponto de parada até diante das paredes onde cartazes de jornais velhos atraem a atenção... **PISAR** o asfalto de Paris, tóc-tóc, soturnamente, pela calada da noite, sem destino certo, esperando o imprevisto — um vulto de mulher, uma reminiscência de apache... Pôdre de chic!

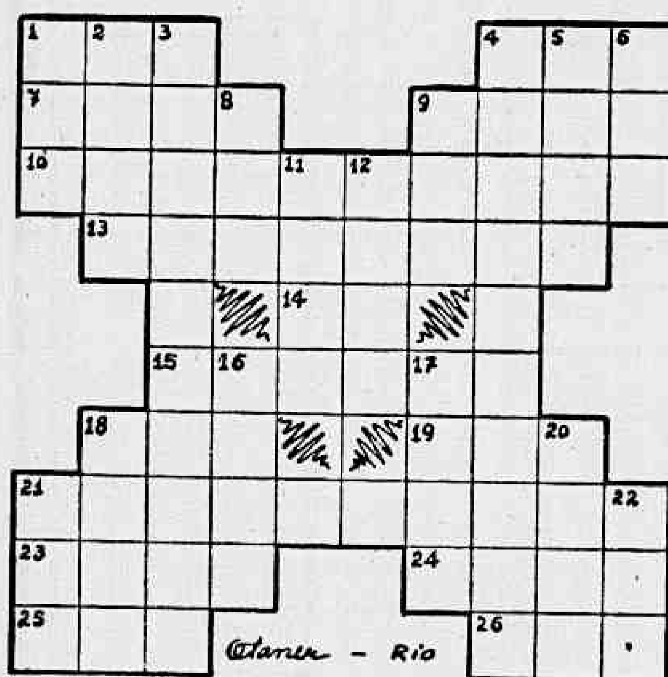




PLACE VENDÔME, com a casa onde morreu Chopin, outro «clichê» infalível no álbum de recordações do visitante parisiense. Milhões de vezes por ano gastam-se filmes fotográficos nesse local. «CHEZ PATACHOU», a tal que se compraz retalhando as gravatas dos frequentadores de sua «boite» sórdida, pior que as nossas piores de Copacabana. Leve uma gravata bem velha, amigo!

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N. 67 — PARA VETERANOS



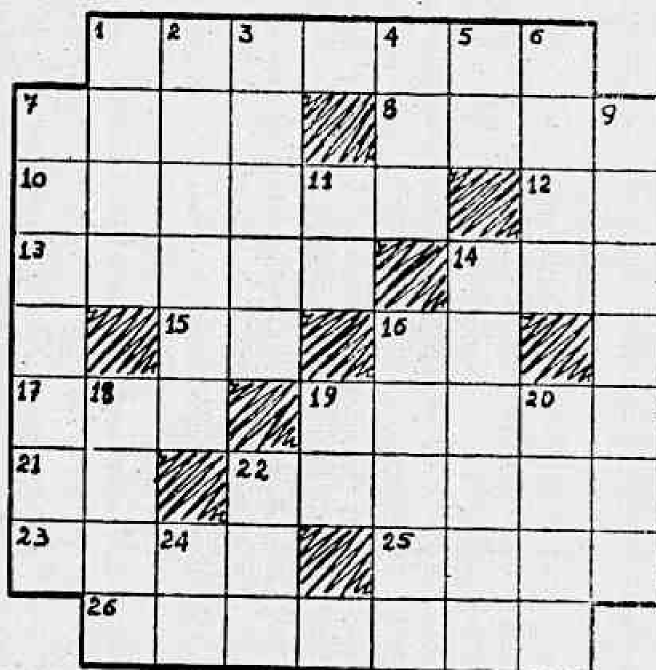
HORIZONTAIS: — 1. Opa — 4. Retumbo — 7. Acolhimento — 9. Com grande trabalho 10. Govêrno da multidão, da população — 13. Desfraldará — 14. Feminino da terminação ão — 15. Lugar onde se tosquiam ovelhas — 18. Algodão em rama (pl.) — 19. Fruir — 21. Maquinação — 23. Heresiarca e padre de Alexandria — 24. 21ª dinastia chinesa (1368-1644) — 25. Apologia — 26. Sufixo que significa cheio de.

VERTICAIS: — 1. Insignificante — 2. Célebre compositor de música alemã (1685-1750) — 3. Desfralderia — 4. Ato de impiedade — 5. Língua índica falada em Orixa — 6. Triture — 8. Contração (pl.) — 9. Chá de congonha — 11. Deus dos infernos (mitologia grega) — 12. Pintor e poeta norte-americano (1822-1872) — 16. Ondulação ruidosa — 17. Atrelem — 18. Banda estreita — 20. A parte inferior da região lombar — 21. Pico — 22. Ovo.

*

PROBLEMA N. 67 - PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. A carta do baralho que, em certos jogos, muda de valor conforme a combinação que o parceiro tem em mão. 7. Qualquer tecido — 8. Ilha francesa onde Napoleão I estêve exilado — 10. Princípio, procedência — 12. Atmosfera — 13. Solitárias — 14. Pedra do altar — 15. Sufixo que denota o autor — 16. Abreviatura de doutor — 17. Seguias — 19. Porção de fios enovelados — 21. Abreviatura de Santíssimo — 22. Pôr os sapatos — 23. Canoa de casca de madeira usada pelos índios do Amazonas — 25. Variedade de palmeira — 26. Retribuição de serviço feito aos dias.



VERTICAIS: — 1. Político inglês, favorito de Jaime I — 2. Ligamos — 3. Suplicar — 4. Também não — 5. Símbolo do glucínio — 6. Guarnecer de abas — 7. Mulher que faz poesias — 9. Gradeará com arame — 11. Do verbo ser — 14. Planta medicinal — 16. Desfazer, dissolver — 18. Membros de ave — 19. Perversa — 20. Ponho data — 22. Óxido de cálcio — 24. Basta!

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 66 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Om — Ta — Amarnada — Galimatias — Abatimento — Meratros — Mi — Tm.

VERTICAIS: — Otr — Man — Em — Od — Acabam — Aditar — Altear Amatas — Ga — Lá — Mi — Am — In — So — Ai — Amt — Tim — Os.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Caçadores — Em — Ré — Meditaram — Imo — Asi — Macas — Era — Aia — Reiniciar — II — Ri — Osculação.

VERTICAIS: — Cemitério — Amém — Ari — Ora — Eras — Seminário — Domai — Tacai — Rasai — Reis — Iara — Nau — Cia.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

a Carta

(Conclusão)

FOI por um fim de tarde, na primavera. Subia uma montanha, quando encontrei sùbitamente verdadeiros tapêtes de flores, que iam do vermelho escuro ao rosa e do amarelo ouro ao branco. Lá em baixo, o vale todo verde, de beleza agreste. O sol escondia-se lentamente e seus últimos raios, iluminando os cumes das montanhas, faziam mudá-los do branco imaculado da neve para o rosado. De longe, vinha o som nostálgico das campainhas dum rebanho em estranha harmonia.

Nunca consegui compreender esta singular influência que exercia sôbre mim a natureza, principalmente a paisagem tranqüila e repousante da região de sonho e encantamento que é a Suiça.

Todavia, não pude ficar lá, tanto tempo quanto desejava. Os recursos pecuniários desapareciam ràpidamente. Então, como não queria voltar para casa — onde sabia a vida difícil que me esperava — desviei-me do caminho da porta estreita, o do bem, e enveredei pelo da porta larga, o do mal.

Andei por muitos lugares — como era meu sonho — e conheci o confôrto, o luxo, vivendo àvidamente, sem perder um só minuto, um só segundo. Mas — ai de mim — também conheci o egoísmo, a maldade e a luxúria dos homens. Estava mergulhada num sonho mau e, quando despertei, encontrei-me insatisfeita dos sentidos e vazia de espírito.

Voltei à Suiça, e encontrei-te. Desde o primeiro dia, senti, pela tua maneira de agir, a reserva de bondade e carinho que possuías para a mulher eleita. Por isto, alegrei-me sinceramente quando, tempos depois, me elegeste tua companheira. Tinhas necessidade de regressar à tua terra, longínquo país tropical. Acompanhei-te, porque acreditava, seríamos felizes.

De início, tudo foi estranho e difícil, muito embora tenha sido recebida com fidalga hospitalidade. Tive um lar, nova família e encontrei por algum tempo a paz.

Mas, não te amava meu amigo. Era-te imensamente grata por todo bem que me fizeste e dedicava-te profunda amizade. Seria isto suficiente para solidificar nossa união? Assim pensei, durante muito tempo. Infelizmente estava enganada. Vivia inquieta, a procura de algo que me completasse e fizesse inteiramente feliz.

Entretanto, não penses que não tentei dominar-me. Ao contrário, tudo fiz. Procurava distrair-me, saía freqüentemente — como bem sabes — porém, nada me livrava dessa ansiedade. Sentia um vazio tão grande!

Lembrei-me então de ir para a fazenda. Lá, sempre ficar mais calma. A beleza bucólica do lugar tinha o dom de apaziguar meus nervos tensos.

No entanto, desta última vez o efeito foi negativo. Era grande a crise emocional que atravessava. Saía cêdo, banhava-me no rio, e depois, deitada nas pedras, aquecia-me ao sol. Nessas manhãs luminosas, sentia a vida fremindo e vibrando em tôda a natureza. Inexplicável angústia apossava-se de mim. Queria ser como a água do rio, livre e cantante, como as árvores fecundas cheias de frutos, como as pedras na sua insensibilidade, tudo, menos um ser consciente de sua existência. Pensamentos genésicos estuavam-me o sangue. Era o sortilégio da natureza agindo sôbre meus sentidos. Revoltada, reagia contra esta fascinação e andava horas a fio até ficar extenuada.

Chegando a casa, encontrava sempre solícito, satisfazendo-me os menores caprichos, o administrador da fazenda. Comecei a olhá-lo de outra maneira. Sua pessoa irradiava vida e fôrça, como tudo mais que me cercava. Vi nêle — o animal racional tão sòmente — capaz de completar o que a magia da natureza despertara. Passei a evitá-lo com mêdo dêstes mórbidos sentimentos, e porque percebi, também me desejava.

Foi intenso o conflito íntimo. Nêle, pelo domínio da vontade, quis sufocar o grito dos instintos, para que saísse vencedor claro e límpido, o espírito. Mas, fui vencida. E, numa dessas noites em que — tão bem canta Menotti Del Picchia.

"Tudo ama!
As estrêlas no azul, os insetos na lama
a luz a treva o céu a terra tudo,
num tumultuoso amor num amor quieto e mudo
tudo ama! Tudo ama!"

Submeti-me à paixão avassaladora que irrompeu do meu ser como verdadeira avalanche, tudo esmagando à sua passagem.

Não sei quantas noites nem quantos dias se passaram. Perdi a noção do tempo; vivia o presente, e êste era embriagador. Senti-me transformada, e nada importava desde que pudesse prolongar meu êxtase. Nem sequer tuas cartas lia!

Nêsse ínterim, preocupado pela falta de notícias, telegrafaste avisando que virias buscar-me . E foi teu interêsse, mais uma vez demonstrando o quanto me querias, que me chamou à razão.

Que havia feito da minha vida? Até aonde tinha descido? Horrorizada, olhei-me ao espêlho e verifiquei que começara a engordar. Nada disse sôbre o caso. Agora, via meu cúmplice em tôda sua boçalidade, e, detestava-o. Portanto, era urgente minha partida antes da tua chegada.

Anoitecia quando saí. Lá fora, a noite estival parecia estar cheia de recriminações que flagelavam minh'alma. Como desejei e como temi nosso encontro! Fôste sempre remédio e alívio para todos os meus males e esperava tudo de ti. Precisava ouvir tuas palavras sensatas, teus conselhos, e tu me compreenderias.

Assim que cheguei, tentei contar-te tudo, mas, diante da maneira carinhosa pela qual me recebeste, perdi a coragem. Passei então a viver dias verdadeiramente trágicos. O remorso atormentava-me, e, à medida que o tempo avançava crescia meu sofrimento.

Tu não merecias o que fiz. Era indigna do teu amor e tinha descido muito aos meus próprios olhos, para continuar no pedestal em que me colocaste.

Oh! espíritos divinos, por que pondes nas almas esta permanente insatisfação? Por que sempre queremos mais e nunca atingimos o ponto almejado?

Tudo me fala na vida, mas, penso na morte. Sòmente nela encontrei a paz que nem tu me pudeste dar. Não terei mais sonhos, nem ilusões, nem sofrimentos. Liberta-me-ei das fôrças do mal e, redimida, contemplarei a divindade e a perfeição.

Tu me perdoarás quando, abrindo a porta do nosso quarto, encontrares meu corpo sem vida. — *Eugênia.*

Escurecia, quando Marcos terminou a leitura da carta. Chorava convulsivamente e não sabia bem por quê. Vinham-lhe os mais contraditórios e confusos sentimentos. Que mais o fazia sofrer? A compaixão por esta criatura complexa em busca do inatingível — que jamais poderia ser feliz — ou a sua traição?

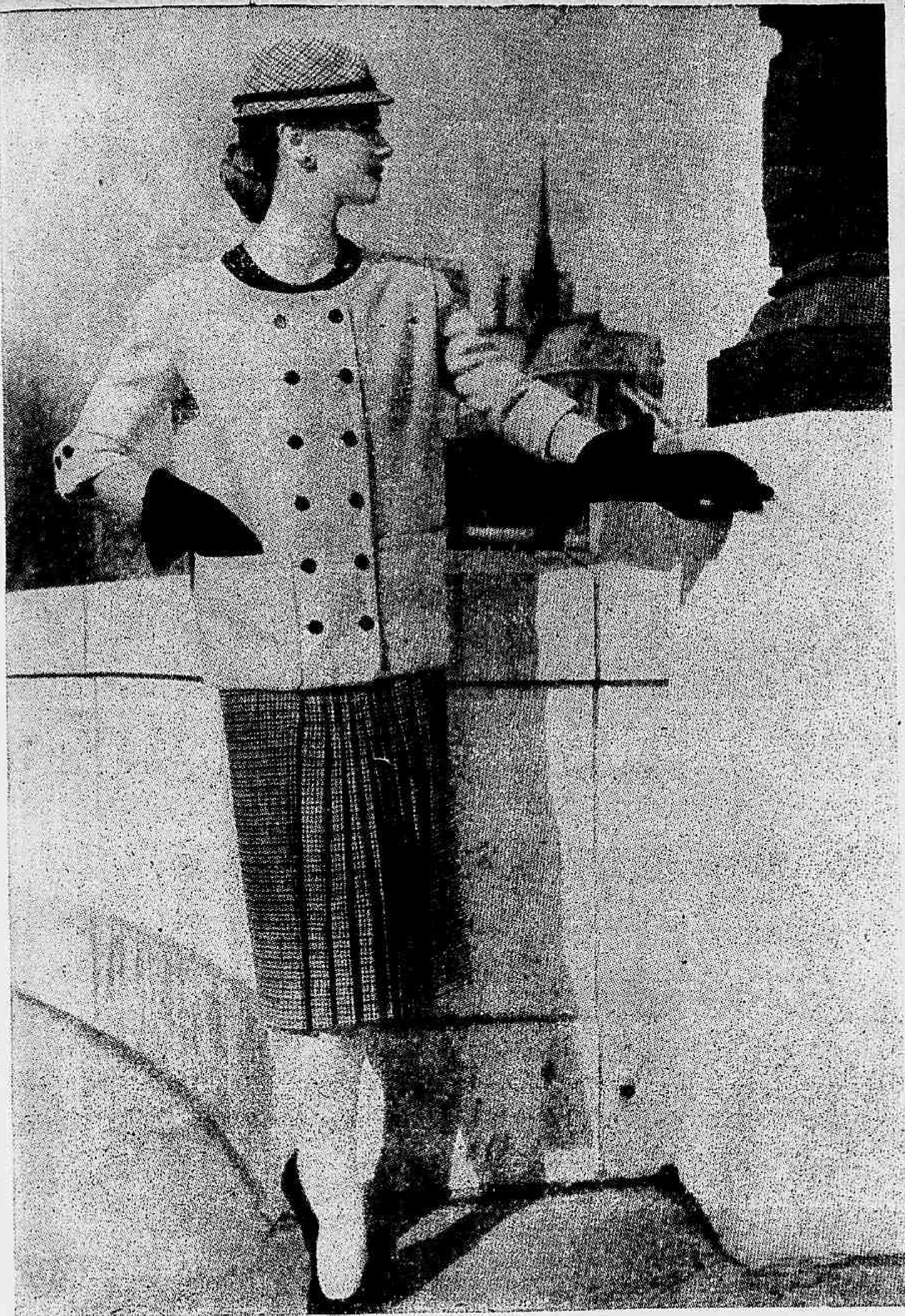
Chegou a odiá-la. Pensou em matar o canalha que o havia ultrajado, destroçando a vida de uma mulher que fôra o motivo



Conto de Lourdes Spindola

Ilustração de Oswaldo da Cunha

(Continua na pág. 44)





DUAS PEÇAS

AQUI está uma coleção de modelos de duas peças, de grande utilidade para a variação de seu guarda-roupa: em cima, casaco reto, lã branca, saia plissada, em xadrês; modêlo em linho azul, blusa branca; em baixo, casaco godé, em sêda havana, saia também godé, blusa de sêda estampada; finalmente, modêlo em lã cinza, blusa azul-marinho.



Do Evangelho de uma desenganada

GERALDA Harmond, cujo sobrenome é um dos mais altos indícios da "gentry" montanhesa, ao mesmo tempo fazendo lembrar o nome de Honório Harmond, o grande lírico, certa vez eleito "príncipe dos poetas mineiros" e, hoje, completamente afastado da publicidade — Geralda Harmond, dizíamos, é uma das mais comoventes vozes da atual poesia de Minas Gerais, residindo em Juiz de Fora e alí, à sombra das velhas árvores do parque do Museu, onde exerce sua atividade, aproveitando o silêncio evocativo e a tranquilidade do castelo de Mariano, para escrever seus versos de tocante e comunicativa beleza. Oferecemos aqui, às leitoras, êstes pequenos poemas que ela disse serem tirados "Do Evangelho de uma desenganada" e de tão doces acentos, embora sua melancolia e seu pessimismo tranquilo:

S I M B O L O

Ele fugiu de noite... Alucinada,
a lâmpada acendi, para segui-lo...
(Meu amor é uma lâmpada apagada).

O H O M E M F O R T E

Homem forte (a nobreza assim o quer)
é o que, vencendo a todos, só não vence
a invencível fraqueza da mulher

G Ô T A D ' Á G U A

Com que monotonia e com que mágoa
caiu a gôta d'água a noite tôda!
(A minha vida é como a gôta d'água).

T É D I U M V I T Æ

A Vida, esta tortura sem remédio,
se para alguns é enganadora e linda,
é tédio para mim... apenas tédio...

D E F E S A

Feriu-me a Vida, maltratou-me o Amor.
Por isso, hoje me oculto, sorridente,
no desencanto amável do pudor.

LYSE







Listras e "Pois"







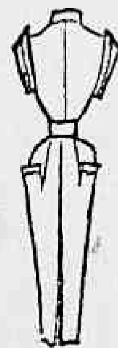


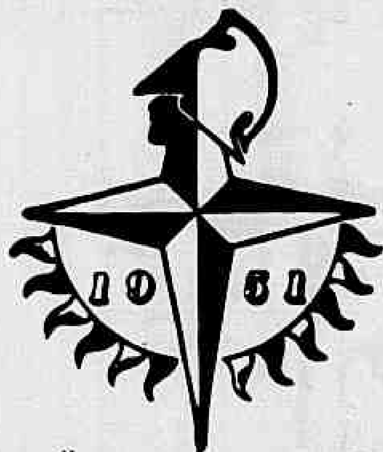


É interessante notar as várias aplicações que têm os tecidos de listras e "pois" nestes vestidos e conjuntos. São fazendas que se adaptam bem a variados feitios. Sugerimos êste conjunto de chapéu, luvas e laço, em tafetá listrado. São tecidos que estão muito em moda durante tôdas as estações, e principalmente para esta, na confecção de modelos mais sóbrios.


O seu
MODELO
está aqui

ESTÁ por pouco a Primavera; é tempo de ir pensando nos modelos para a estação mais amável do ano e êstes que Ramon oferece às leitoras, não sendo ainda rigorosamente primaverís, começam a revelar pronunciados toques de maior leveza. Tecidos estampados ou lisos, mas pouco espessos, mangas curtas e mesmo alguns figurinos sem manga, devem merecer atenções do mundo feminino. Para não perder o hábito, dois singelos modelos de chapéu, embora os cabelos soltos e o lenço continuem imperando. Reparem as miniaturas com a parte trazeira de cada vestido.





De maio a setembro a Grã-Bretanha receberá o mundo

Impossível descrever tôda a grandiosidade do Festival de Artes e Indústrias que o povo britânico está organizando e que abrange todo o país. Nêsse festival será posto em exposição — de uma ponta a outra — o território das Ilhas Britânicas, perante os nacionais e perante os estrangeiros. Seja, o senhor também, um dos visitantes da Grã-Bretanha, que se prepara condignamente para o receber. E para essa visita, viaje pelo ar. A tripulação da B. O. A. C. se caracteriza pela prática e experiência em vôos a longa distância e é famoso em todo o mundo pela gentileza e atenção que dispensa ao passageiros.

VÔE na B·O·A·C

COM A TRADICIONAL CORTESIA BRITÂNICA



BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE

Senhora!

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA



WEEK-END

BISCOITINHOS DE MILÃO

250 gr de farinha, 125 gr de manteiga, 125 gr de açúcar, 2 ovos e casca ralada de um limão.

Bate-se bem a manteiga, mistura-se o açúcar, os ovos, a casca de limão e, por último, a farinha peneirada. Depois de bem batida, estende-se esta massa na grossura de ½ cm, cortam-se figuras variadas, pincelam-se com gema e levam-se a assar.

PARALELEPÍPEDOS

Ferve-se 500 gr de melado com 1/2 litro de água; despejam-se em uma vasilha e mistura-se tanta farinha quanto fôr necessário para se obter uma massa consistente. Juntam-se depois 25 gr de amêndoas amargas bem picadinhas, 4 gr de cardamomo e a casca bem picadinha de 1 limão. Depois de 6 a 7 horas, juntam-se 7 gr de sal amoníaco em pó e mais um pouquinho de farinha de trigo (a massa deve ser mole).

Com o auxílio de 1 colher fazem-se montículos em uma assadeira untada, assam-se em forno moderado, pincelam-se com clara logo que saírem do forno e polvilha-se com açúcar.

SONHOS DE CREME

150 gr de farinha de trigo, 60 gr de açúcar, 1 colher-de-sopa de manteiga, 2 ovos, 1 xícara de leite, uma pitada de sal, baunilha, massa de panqueca.

Mistura-se em uma caçarola o leite frio com a farinha, desmancha-se bem, junta-se o açúcar, a manteiga, os ovos, o sal e a baunilha. Levando-se ao fogo e mexendo-se sempre até que o creme se despegue da caçarola. Espalha-se esta massa em uma assadeira, deixa-se esfriar bem, corta-se em quadradinhos, que se passam pela massa de panqueca, fritam-se em banha quente e cobre-se com açúcar e canela.

CABEÇA DE NEGRO

1 côco ralado, 400 gr de açúcar, 6 gemas, 20 colheres de farinha de trigo, confeitos.

Faz-se uma calda com açúcar, dá-se o ponto alto, acrescenta-se o côco, as gemas e a farinha de trigo. Quando despegar bem do fundo do tacho, tira-se do fogo e deixa-se esfriar. Fazem-se bolinhas que se cobrem com chocolate desmanchado, como para bombom. Enfeita-se com confeitinhos prateados ou de côco.

GELATINA ROSA

2 caixinhas de gelatina ambrosina rosa, gelatina verde,



1 litro de água, môlho de ge[illegible].

Desmancham-se as caixinhas de gelatina rosa com a água (se não se puder obter gelatina de caixinha, empregam-se 14 fôlhas de gelatina comum, das quais 6 serão encarnadas e as outras brancas. Despeja-se tudo em fôrma de louça com desenho de flor ao fundo. Depois de gelada, desmolda-se e arruma-se num prato, enfeitando-se com gelatina verde. Serve-se com môlho de gemada. As gelatinas terão o sabor que se quiser, usando-se essências ou caldo de frutas, conforme o paladar de quem as faz.

RECHEIO DE GALINHA PARA EMPADAS

Com êste recheio pode-se também rechear pastéis. Cortam-se pedacinhos das sobras de galinha ou de uma galinha preparada especialmente para êsse fim. Nesse caso, aferventa-se, sem cozinhar muito, refoga-se com cebola; tomate, pimenta, etc., sem acrescentar massa de tomate. Adiciona-se 1 xícara de leite, 2 ou 3 gemas e 1 colher mal cheia de farinha de trigo.

FRITADA DE BACALHAU

Toma-se 150 gr de bacalhau já limpo. Aferventa-se, refoga-se no azeite, com todos os temperos, acrescentam-se 4 ou 5 ovos bem batidos. O melhor meio de fazer, é bater os ovos e desmanchar o bacalhau, já refogado, misturando tudo muito bem. Vai ao forno para cozinhar em prato "Pirex".

PÃO PARA SANDUICHES

3 quilos de farinha, ½ litro de água, 200 gr de banha, 200 gr de açúcar, 6 ovos, 1 colher de sal, 50 gr de carbonato de amoníaco.

Faz-se a massa, leva-se ao forno quente em fôrma comprida. Quando estiver cozido, retira-se do forno, deixa-se esfriar, cortam-se fatias para fazer sanduíches.

NA COZINHA

RECHEIO DE SARDINHAS

Esmaga-se bem o conteúdo de uma lata de sardinhas. Mistura-se com temperos fritos na manteiga, com uma xícara de puré de batatas e com uma xícara de maionese bem batida.

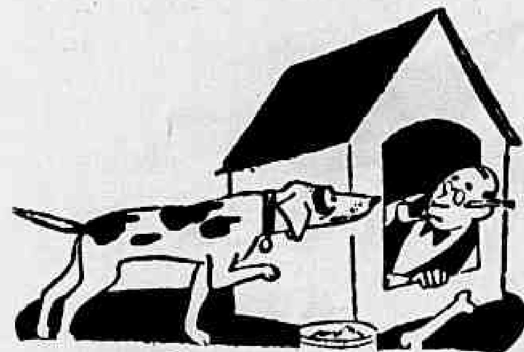
PICADINHO DE CARNE

Passa-se na máquina de moer ½ quilo de carne sem as peles e sem gordura. Leva-se ao fogo uma panela com gordura, sal com alho e cebola picadinha, deixa-se refogar um pouco e junta-se a carne moída, continuando-se a refogar até que fique alourada. Juntam-se então uns tomates, pimenta do reino, tempera-se de sal e adicionam-se uns galhos de cheiro verde com um pedacinho de louro. Pinga-se água, tampa-se a panela e deixa-se o picadinho cozinhar em fogo brando. Pouco antes de se servir engrossa-se o môlho com maizena e serve-se quente sôbre fatias de pão torrado ou com um "puré" de batatas ou com angu de fubá.

Êste picadinho pode ser feito assim simples ou então com cenouras em rodelas, ou com batatas partidas ao meio, ou com quiabos. De qualquer maneira é ótimo prato para o almôço.

CAMARÕES COM MÔLHO DE TOMATES

Toma-se 1 quilo (ou meio) de camarões, limpam-se muito bem, tirando-se as cascas e as tripas da barriga e das costas. Temperam-se com sal, com alho, pimenta do reino, caldo de limão e cheiros verdes em galhos, inclusive um pedacinho de louro. Deixam-se repousar nesse tempêro pelo menos uma hora. Leva-se então ao fogo uma panela com azeite ou gordura, cebola partidinha, refoga-se tudo, juntam-se uns tomates partidos, refoga-se mais um pouco e juntam-se os camarões com todo o môlho que os temperou. Refoga-se tudo ainda um pouco, com cuidado para não partir os camarões, pinga-se água, deixando cozinhar. O môlho deve ficar grosso. Se se gostar, junta-se, antes de servir, uma pimenta verde amassada. Servem-se os camarões sôbre o pirão feito com farinha de mandioca ou acompanhados de um "puré" de batatas.



PATO ASSADO

Depois de bem limpo, tempera-se o pato com sal, com alho, cheiros verdes e meia garrafa de vinho de frutas ou vinho branco. Deixa-se o pato dormir nesse tempêro e, no dia seguinte, leva-se ao forno quente, bem besuntado de manteiga, numa assadeira com todo o môlho que o temperou. De vez em quando se rega o pato com o môlho, furando-o com um garfo. Quando estiver macio e bem dourado, retira-se da assadeira, parte-se pelas juntas, e o peito em fatias. Serve-se com o próprio môlho que ficou, acompanhado de um "puré" de maçãs, de cenouras ou de castanhas.

PAVESA

Faz-se um caldo de carne bem temperado ao qual se juntou um pedaço de linguiça cortida. Pronto o caldo, quebram-se dentro dêle uns ovos, tantos quantos forem as pessoas, com cuidado para que não se desmanchem. Deixam-se os ovos cozinhar, mas não muito porque as gemas não devem ficar duras. Retiram-se os ovos cuidadosamente com a escumadeira, dispondo-se nos pratos em cima de uma fatia de pão sem torrar, polvilha-se cada ôvo com bastante parmezão ralado e despeja-se em cima o caldo fervendo, servindo-se imediatamente.

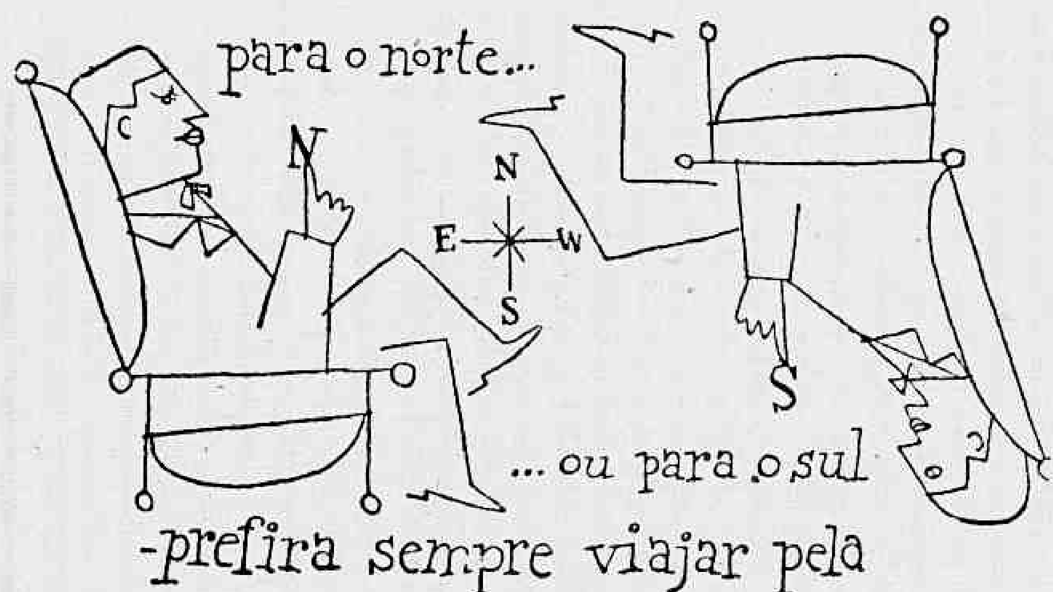
BALAS DE LEITE DE CÔCO

Rale 1 côco e tire o leite com 3 xícaras de água a ferver. Junte 1 kg de açúcar e leve ao fogo até ao ponto de açucarar. Despeje sôbre o mármore até poder segurar com as mãos. Então, junte as duas extremidades, estique e torne a juntar até começar a endurecer. Estique e corte aos pedaços com uma tesoura.

PUDIM DE CEREJAS

1 kg de cerejas, 150 gr de pão velho prêto ou branco ralado, 200 gr de açúcar, 1 ponta-de-faca de canela, 5 ovos, a casca ralada de um limão.

Batem-se as gemas com o açúcar, a canela, e a casca ralada. Peneira-se o pão ralado e tiram-se os caroços das cerejas, misturam-se à massa juntamente com as claras batidas. Põe-se em fôrma untada e assa-se em temperatura média. Ao ser servido, polvilha-se com açúcar.



-prefira sempre viajar pela

SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO do SUL LTDA.

para qualquer ponto do Brasil e a Buenos Aires.

Avenida Rio Branco, 128 - Fone: 42-6060.
Avenida Nilo Peçanha, 26A - Fone: 32-4177.

PÔMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



NASCIDA ONTEM

(CONCLUSÃO)



VOLTARAM para o apartamento do hotel e lá encontraram Brock. O gorila estava de bom humor. Conversaram sôbre livros. Paul perguntou a Billie se sabia onde Tom Pay havia nascido.

— Foi em Londres ou na Inglaterra. Uma coisa mais ou menos assim.

— Ora vejam só que bôba! exclamou Brock. Então você não sabe que Londres é a capital da Inglaterra?

— E você sabe quem é Tom Payne?

— Tom Payne? Ora, essa é boa! Tom Payne!...

E ficou zangado com a pergunta. Porque êle não sabia mesmo quem era êsse tal de Tom Payne. Mas para não ficar por baixo, puxou-a para um canto:

— Você sabe o que é "península"?

— Ora, não chateie com essas perguntas fáceis. E' o nome daquele novo remédio, ouviu!

— Remédio, hein?! Remédio! Pois fique sabendo que é uma porção de terra...

E deu-lhe a resposta certa. Sentiu-se muito melhor e mais importante depois disso. Foi um alívio.

★

Alguma coisa passou-se no espírito de Billie naquela noite, depois que Paul saiu do Hotel. Devery apareceu com alguns documentos para ela assinar, como de costume. Aquilo fazia dela o sócio-fantasma das várias emprêsas de Brock. Mas desta vez ela não quis assinar. Fêz perguntas.

Devery respondeu essas perguntas despreocupadamente. Mesmo porque pensava que ela não entendesse as respostas. Mas o diabo é que Billie agora as entendia. Foi com enorme surprêsa que o advogado ouviu Billie dizer:

— Negócios ilícitos, hein? Não assino coisa alguma!

— Billie! Que é isso? Que é que Harry vai dizer?

Procurou ser convincente. Brock não iria gostar daquilo. Ela devia assinar.

— Bem, não se incomode — disse Billie mostrando-se cordata. Deixe os papéis aí. Quero estudá-los. Depois talvez eu os assine.

Está claro que logo que Devery saiu dalí foi correndo contar o acontecido a Brock. O "big shot" apareceu pouco depois. Mas não se referiu logo ao caso. Conversaram sôbre várias coisas, até que o Senador Hodges serviu de assunto. Billie declarou, sem rebuços, que não estava gostando da maneira como êle tratava o homem. Na opinião dela Brock estava fazendo o homem de joguete, o que, em última análise, era fazer o povo de joguete. Pois o senador era um representante do povo. Quando a Devery... Ah! sim, ela tinha muita pena de Devery. Era um homem inteligente, um bom advogado, poderia até ter chegado a assistente do Promotor Público se não houvesse se metido com Brock. Harry ouvia assombrado Billie falar daquela maneira. Eram as idéias que Paul Verrall lhe havia incutido. Quis protestar, mas...

— Não esteja aí a bancar o grande homem! disse-lhe Billie. Conheço muita gente melhor que você.

— Do que eu?! Quem, por exemplo?

— Ora... milhões!

— Mas diga um!

— Meu pai.

Harry Broock soltou uma gargalhada.

Vinte e cinco dólares por semana para ler relógios da Companhia do Gás! Deixe de ser bôba, pequena!...

— Bôbo é você!

Está claro que passariam a noite tôda discutindo e não chegariam a um acôrdo sôbre quem era "bôbo".

— Sabe de uma coisa, Henry? Prefiro deixar você. Creio que posso levar uma vida melhor e mais decente...

— Não seja bôba. E me assine aquêles papéis.

★

Quando, horas mais tarde, Billie telefonou para Paul, êle notou em sua voz que ela estava chorando. Foi encontrar-se com ela. De fato ela havia chorado e muito. E' que Brock queria que ela assinasse os documentos de qualquer forma. Fôra rude. Por fim dissera que ela desse um passeio para acalmar os nervos. Alí estava ela passeando. Mas guardara os documentos bem guardados à chave, no seu quarto de dormir, documentos comprometedores para Harry.

Voltaram para o hotel. Tomaram o elevador.

— O melhor é sair de Washington. Vou visitar papai...

— Tenho uma idéia, Billie. Você deve... casar comigo.

— Você está louco, Paul!

— Não, não estou louco. Você bem sabe que eu gosto de você.

— Não, você não gosta de mim...

Estavam se beijando quando a porta do elevador se abriu. Saíram e viram Brock em pé, na porta do apartamento.

— Aonde foi você?

— Passear um pouco, como você disse.

— Está bem. Caia fora, rapaz!

Billie voltou-se para Paul, estendendo-lhe a mão.

— Boa noite, Paul.

Ao apertar-lhe a mão o rapaz sentiu que ela passava uma chave, — a chave do cofre onde estavam os







documentos. Compreendeu tudo. Fingiu que se retirava. Mal a porta do apartamento fechou-se sôbre Brock e Billie, êle voltou, entrou no quarto da moça, abriu o cofre e apoderou-se dos papéis. Saiu e foi sentar-se no "living" do hotel, examinando os documentos. Então compreendeu por que Devery queria que Brock se casasse com Billie, em nome de quem êle havia pôsto mais de metade de sua fortuna. E também porque, num caso de justiça, a mulher não pode testemunhar contra o marido. Brock a princípio achara a idéia ridícula. Certamente não pensava mais assim, pois, no seu apartamento, tentava convencer Billie.

— Você deve casar-se comigo.

— Muito obrigado, mas você chegou um pouco tarde. Tenho agora outras idéias sôbre o casamento e sôbre a maneira como se deve viver.

— Com todos os diabos! Não entendo o que está acontecendo!

— Pois eu entendo.

Êle abriu os braços, num gesto largo.

— Ora, Billie. Bem sei que, de vez em quando, eu tenho uma maneira de falar rude. Mas isso acabou. Case comigo, vamos passar uns tempos na Florida...

— Não, Harry. Estou decidida.

— Billie! Case-se comigo ou terá que se arrepender!

Ela o encarou de frente, firmemente.

— E' uma ameaça, Harry? Então saiba que eu não tenho mêdo de você!

Êle fitou-a, com os olhos esgazeados.

— Mas que demônio tem você na cabeça?!

— Nada. Vou embora. E é só.

— Ah! Quer me deixar? Espere um pouco.

Chamou Devery aos berros. O advogado, que estava no aposento ao lado com Eddie, um dos capangas de Brock, apareceu logo.

— Onde estão os papéis que Billie devia assinar?

— Não sei, chefe. Ela os guardou.

— Onde estão, Billie?

— No cofre do quarto, respondeu ela com ar de inocência.

Devery foi buscá-los. Voltou momentos depois, com as mãos vazias.

— O cofre estava aberto e os papéis desapareceram, chefe...

Harry Brock estava furioso.

— Billie! Onde estão os papéis?

— Quais? Os da pasta azul?

— Sim... sim... gaguejou Devery.

A moça estava calma, com um ar de candura.

— Ah! Creio que Paul Verrall os levou!

— Paul! trovejou Brock. Para que aquêle bandido quer os documentos?!

— Creio, disse Billie suavemente, que é para publicar no seu jornal.

Brock e Devery ficaram estarrecidos, sem saber o que dizer, olhando para Billie que calmamente passeava pela sala. Por fim Brock falou:

— Fazendo "chantage" comigo, hein?

Nisso bateram na porta. Eddie foi abrir e Paul entrou, escoltado pelo capanga.

— Que está procurando, moço? perguntou Brock.

— Billie...

Eddie o segurou pelas costas, enquanto Brock passava-lhe uma revista dos pés à cabeça. Billie e Devery olhavam para aquilo como simples espectadores.

— Onde estão os papéis, menino?

— Calma, Mr. Brock. Mande o seu capanga me largar... Os papéis estão em lugar seguro. Os julguei muito interessantes para uma reportagem de primeira página, sabe?

— Não acha, Paul? perguntou Billie sorridente. Ha ainda umas coisinhas mais. Por exemplo, um caso de assassinato, ha cêrca de seis anos...

— Cala a bôca! urrou Brock, no auge do furor.

Devery procurou intervir, a fim de evitar que a coisa degenerasse em violência.

— Um momento, patrão. Ha outra maneira de se arranjar as coisas.

Harry afastou-se um pouco e o advogado dirigiu-se a Paul, conciliador.

— Escute, rapaz. Não entendemos o que você está fazendo.

— Eu? Estou exercendo minha profissão...

— Que diabo de profissão é essa? perguntou Brock

— Jornalismo. Estou cumprindo o meu dever, o dever do jornalista, que é esclarecer e proteger o povo.

Brock deu uma volta na sala e parou em frente a Paul, que sorria para Billie.

— Escute aqui, moço. Quem é você? *O govêrno?*

— Naturalmente, contestou Paul.

— Desde quando?

Billie interveiu:

— Desde 1776, quando foi declarada a Independência e o govêrno do povo pelo povo. Certo, Paul?

— Certo! confirmou o rapaz, sorridente.

Harry Brock olhou para os dois com uns olhos espantados. Abanou a cabeça. Sem dúvida êle estava discutindo com dois loucos. Compreendeu que pelo caminho que ia não arranjaria nada. Procurou outros meios.

— Afinal de contas você não quer alguma coisa? perguntou a Paul.

— Sim... talvez um drinque. Ou você está procurando me subornar, como tem feito com todo o mundo?

Era demais! Brock pulou sôbre Paul agarrando-o pela garganta. Devery atracou-se com os dois, tentando separá-los. Conseguiu-o a muito custo.

(Cont. na pág. 44)

(Born Yesterday)

INTÉRPRETES

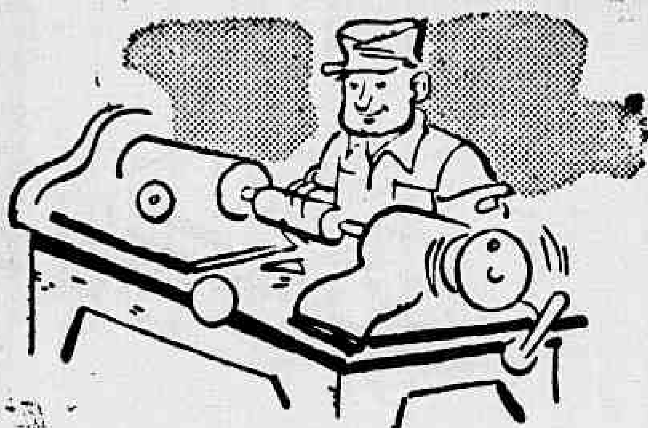
Billie Down	JUDY HOLLIDAY
Harry Brock	BRODERICK CRAWFORD
Paul Verral	WILLIAM HOLDEN
Jim Devery	Howard St. John
Eddie	Frank Otto
Senador Hedges ...	Larry Oliver
Mrs. Hedges	Bárbara Brown

Versão da peça teatral de Garson Kanin
Dirigido por Vincent Sherman
Um filme da Columbia.

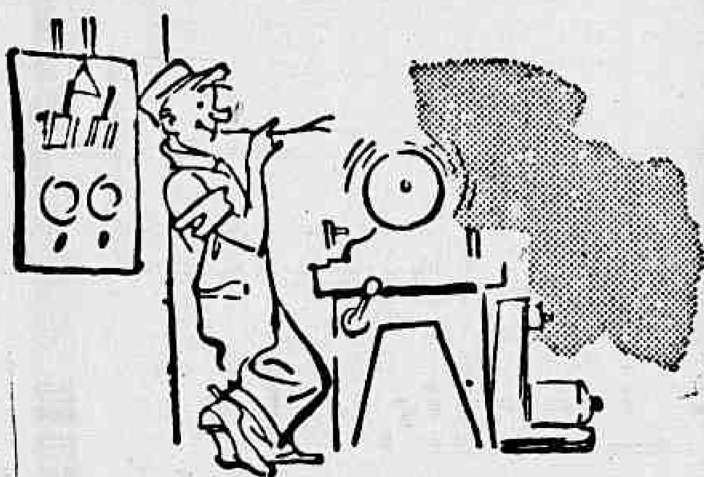
Com Eletricidade... - tudo é mais Fácil!



VEJAM SÓ: ÊSTE OPERÁRIO NUM ESFÔRÇO EXTRAORDINÁRIO LIMA COM FÔRÇA UMA PEÇA. E O TRABALHO, QUE É URGENTE, ÊLE QUE É TÃO COMPETENTE NÃO PODE ACABAR DEPRESSA.



MAS ISSO ERA ANTIGAMENTE POIS HOJE RÀPIDAMENTE, COM UM MOTOR, QUEM DIRIA? DEPRESSA ÊLE FAZ, AGORA, EM POUCO MAIS DE UMA HORA O QUE FAZIA NUM DIA.



E O INDUSTRIAL AVISADO NÃO DEVE O MOTOR LIGADO DEIXAR SEM NECESSIDADE, TENDO SEMPRE EM PENSAMENTO QUE É PRECISO, NO MOMENTO, POUPAR ELETRICIDADE

Economize



Eletricidade!

VIDA E MORTE DO...

(Cont. da pág. 50)

quando no exílio. Ali estava o corpo do grande patriota que sempre devotou grande admiração e incentivo à Marinha de guerra do Brasil, vestido com o uniforme de almirante brasileiro, farda com que costumava comparecer a muitas solenidades.

Acompanhavam os imperadores para a sua última viagem, o Conde D'Eu, o Príncipe D. Pedro e o Barão de Muritiba. As portas que davam acesso à Câmara do Comandante não tinham largura que permitissem a passagem das urnas mortuárias, não sendo possível, portanto, armar-se ali a câmara ardente, tendo, por êsse motivo, sido esta instalada nos redutos de ré, ficando a urna do Imperador a boreste e a da Imperatriz a bombordo. Ali mesmo foi efetuada pelo vigário de Lisboa, a bênção dos despojos. Marinheiros brasileiros montavam guarda, dia e noite, com armas em funeral, aos corpos dos ex-soberanos.

Já em alto-mar, o comandante convidou o conde D'Eu para ir ao passadiço. Sua alteza, tirando o chapéu e com os olhos marejando, não conteve sua profunda saudade ao rever as terras do Brasil. Estava o "São Paulo" passando pela ilha de Fernando Noronha. Contou o conde, nas suas evocações, que, ao passar por ali rumo ao exílio, D. Pedro II reunira a família na pôpa do navio e soltara em direção à ilha um pombo branco, dizendo: "Meu último adeus ao Brasil!"

Assim, prosseguiu o encouraçado viagem até chegar ao Brasil, onde, entre grandes solenidades, foram arriados os despojos dos ex-soberanos. Mais uma brilhante página da história gloriosa de sua carreira era escrita pelos marujos, oficiais e comandante da já, agora, saudosa belonave brasileira.

OUTRAS MISSÕES

Na sua gloriosa carreira, sempre coroada de êxito e brilhantismo, o "São Paulo" visitou a Inglaterra, a Bélgica e a França. Transportou, em 1924, o Príncipe de Piemonte a seu bordo, levou o presidente da República à ilha Grande, em 1927, visitou, com o Presidente da República, as repúblicas do Prata, em 1935.

O encouraçado foi lançado ao mar em 19 de abril de 1909, nos estaleiros navais da casa construtora Vickers, em Barrow in Furness, tendo fundeado pela primeira vez no Rio de Janeiro, no dia 25 de outubro de 1910. Durante o período da guerra com o eixo, serviu de fortaleza flutuante no pôrto de Recife.

No espaço de tempo que serviu à Armada brasileira, viajou 99.655 milhas na sua gloriosa carreira. A 14 de julho de 1951, após a mostra, realizava-se na ilha das Cobras, a cerimônia de baixa do encouraçado. Êle cumprira sua missão, era justo, agora, que descansasse.

A REVOLTA DE 1910

A revolta armada de 1910 é a página negra da história do "São Paulo". E' certo, porém, que nosso trabalho não estaria completo se omitissemos o episódio que foi, sem dúvida, um lamentável êrro de evolução social. Nessa época, levas periódicas de ladrões, assassinos, tarados, gente da mais torpe espécie, enfim, era admitida na Marinha; tudo isto, e mais o fato de que o marujo só poderia dar baixa depois de 15 anos de incorporação, criando ambiente de revolta, foram os motivos do movimento armado de 1910.

Tal página não enegrece a gloriosa carreira do glorioso encouraçado que tem, no seu histórico acêrvo, outras páginas de que se pode orgulhar a Armada de Tamandaré, Barroso, Marcílio Dias, e tantos outros nomes que, seria alongar por demais êste registro citá-los todos.

Agora, quando o "São Paulo" é vendido a uma firma inglêsa e vai seguir viagem para a Inglaterra para ser desmontado, fazemos votos para que vingue a idéia gerada no seio da Armada, de perpetuar o nome "São Paulo" em outro vaso de guerra e que o novo barco continue a gloriosa carreira de seu homônimo, que encheu de tanto orgulho a Marinha e o povo brasileiros.

NASCIDA ONTEM

(Cont. da pág. 43)

— Você está louco, Harry? Não vê que essa história de muque é coisa do passado? Deixe de violências ou você será também uma coisa do passado.

— Não pude me controlar, Devery. Fiquei danado!

— E quem é você — perguntou Paul — para ficar danado? Um velho malandro, como muitos outros que eu tenho visto aqui, em Washington, durante anos. Eu sei o que vocês querem...

Brook pensava. Paul podia expor no jornal as suas manobras e lá se iria todo o seu trabalho e seu dinheiro por água abaixo. Não podia ainda acreditar que dinheiro não resolvesse o caso. Maldita idéia de tomar aquêle professor para Billie. Resolveu fazer ainda uma oferta:

— Que diz você de cem mil dólares?

— Seria maravilhoso — respondeu Paul. — O diabo é que a minha pequena talvez não gostasse...

— Está claro que ela não gostaria! — afirmou Billie. — Depois Harry está esquecendo que eu ainda sou sua sócia e não aprovo êsses desperdícios de dinheiro.

Brock voltou para ela uns olhos esgazeados.

— Como você sabe, Harry, eu controlo cento e vinte e seis emprêsas suas. Está certo, Devery?

HEMORRÓIDAS
E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das hemorróidas (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Usando a pomada no local e tomando juntamente o liquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. Para varizes (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.

Hemo-Virtus



Ag. Nottinad

O advogado confirmou:

— Correto!

— Bem. Não as quero. Vou assinar os papéis restituindo as emprêsas a você, Harry.

O gorila pareceu aliviado. Billie continuou:

— Mas não assinarei tudo de uma vez. Vai ser aos pouquinhos, uma de seis em seis. E não esqueça, Harry, que eu o poderia pôr na cadeia por novecentos anos! Vamos embora, Paul?

Billie e Paul saíram, deixando Brock de pé, abobalhado .

— E esta, hein? Que diz você disso? — perguntou a Devery. — Eu tenho milhões e poderia ainda ganhar outros milhões. Essa bôba poderia ter a mim e vai por aí com êsse *pronto*...

★

Na manhã seguinte Billie e Paul voavam pela estrada num pequeno carro, infringindo tôdas as leis do trânsito. Foram detidos por um guarda.

— Onde está a sua licença? — perguntou o homem a Paul.

O rapaz remexeu os bolsos e deu-lhe um papel.

— Não. Não é essa. Essa é de casamento. O que eu quero é a de motorista.

— Oh! perdão, aqui está a outra.

— Bem, vão-se embora. Por esta vez passa. E' o meu presente de núpcias — disse sorrindo. — Mas cuidado. Com a velocidade que vocês iam é mais fácil acabar no hospital que na pretoria. — Billie olhou para o guarda com o seu sorriso mais bonito.

— Ora, seu guarda. Não tenha cuidado. O nosso caso é um caso claro de predestinação...

— Predesti... quê?

— Veja no dicionário, meu amigo!

E o carro arrancou, deixando o guarda olhando para êles como um tolo.

A CARTA

(Cont. da pág. 34)

de sua veneração. Falava mais alto o orgulho ferido do homem.

Todavia, Marcos — como sentira Eugênia — era bom o humanitário. Quando pôde dominar-se, refletiu que, a memória de Eugênia, precisava de perdão e não de vingança. Não podia condená-la. Sacrificando a própria vida, pagara elevado preço pelos seus êrros. Êle, jamais os revelaria. Sua morte trágica, dignificara-a e tinha profunda significação. Pecou, por desejar, ardentemente, conhecer o belo e os misterios da vida. Mas, em sua alma havia a semente do bem que, por nefasta predestinação, não pudera germinar.

Não fôste vencida e sim vencedora, Eugênia! Poderás agora seguir livremente pelo caminho da porta estreita: — o caminho da redenção.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

DIÁLOGO SÔBRE A...

(Cont. da pág. 46)

dade de todos os homens e não deseja nunca mais, antes de ti mesmo, acordar. (Pausa) Dorme, que eu estarei a teu lado, à espera do suicídio que não cometerei. Dorme, meu bem-amado, dorme para aos homens o teu corpo eu não entregar. Dorme, F., dorme tão definitivamente, que sonhar não sonharás nunca mais. (Pausa) — (Olhando para os lados) O sol já encontra os teus cabelos e é preciso que me afaste cautelosamente, pois não quero assustar os meus verdugos. (Olhando, pela última vez, F.) Dorme, F., esquece que eu morro de sêde. A morte é sempre inevitável, quando nós não somos nós!

Fevereiro de 1951.

LUIZ GONZAGA. . .

(Cont. da pág. 5)

CUIDADO, LUÍS, QUE ISSO É "ARAPUCA"!

Luís Gonzaga e sua espôsa, d. Hedena Gonzaga, foram desfiando o emaranhado novelo da história da Confederação Nacional do Homem do Norte, com notado amargor na voz.

E é d. Helena quem expõe ao repórter:

— Eu cansei de avisar Luís. Tinha uma "coisinha" aqui — esclarece, levando a mão ao coração — que me dizia não estar tudo tão "azul" como êle pensava.

Quando Gonzaga começou a pôr dinheiro do bôlso para as despesas de instalação do "Forró de Mané Vitô", pus as mãos na cabeça. O senhor sabe, — explicou, sorrindo — é o sexto sentido feminino... Luís pagou uma porção de coisas com nosso dinheiro. Interpelei-o e respondeu-me que assim que fôssem acertadas as contas do carnaval — que deveriam dar, aproximadamente, trezentos ou quatrocentos mil cruzeiros — receberia de volta seu capital. Aliás, êsse dinheiro foi reavido. O trabalho foi árduo, para Luís e seus amigos e, a despeito das facilidades oferecidas pela Prefeitura e até por firmas particulares, que auxiliaram a cumprir as despesas dos festivais, houve prejuízo, segundo disse-nos membros da diretoria da Confederação.

PERCENTAGEM PARA MADAME MAYRINK

Prosseguindo suas acusações, Luís Gonzaga narrou ao repórter as várias viagens que fêz ao interior, levando por vêzes "cartazes" do Rádio Nacional e cuja renda não sabe como foi aplicada.

— Uma coisa me deixou estupefato, rapaz —acentuou o Rei do Baião, com sua fala fácil. — De certa feita, demos um recital na "boite" Arpége e, nessa altura, eu já andava desconfiado dos planos da direção da Confederação Nacional do Homem do Norte. Êsse festival fôra organizado

(Cont. na pág. 49)

"Como é bom ser Kolynos-ista!"



Na fórmula científica de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das cáries. Provas científicas, realizadas por Universidades norte-americanas e europeias, provaram que Kolynos destroi até 92% das bacterias que formam os ácidos. A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Você sabe que em sua boca existem milhões de bacterias produzindo ácidos que atacam os dentes?... Esses ácidos causam cáries dolorosas!*



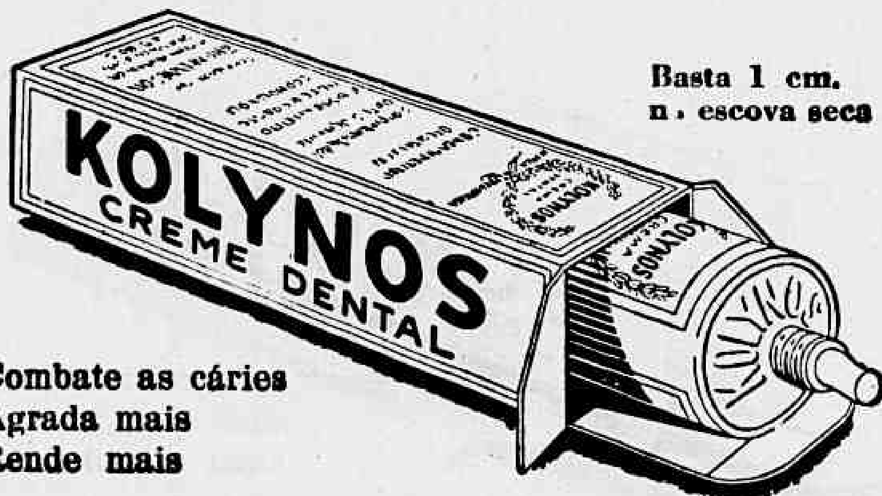
2. *Como acabar com essas bacterias?... Elas são difíceis de destruir... Mas felizmente, todos nós temos um grande amigo que protege os nossos dentes... e a nossa saúde.*



3. *Sim, senhorita!... Kolynos! O Creme Dental Kolynos - de sabor tão gostoso - destroi essas bacterias que produzem os ácidos causadores das cáries.*



4. *E o que é mais, Kolynos clareia e faz os dentes brilhar como pérolas, embeleza o sorriso, refresca o hálito e torna todas as meninas mais bonitas!*



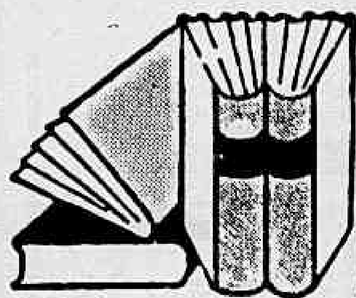
Basta 1 cm. na escova seca

Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

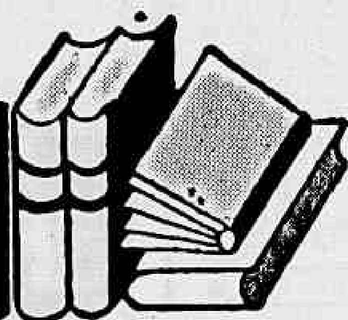
McCann

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-409-P



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



PEREIRA DA SILVA

PEREIRA DA SILVA é, sem dúvida, um dos grandes nomes da poesia brasileira contemporânea. Morto em 1944, deixou uma obra representativa, fixadora de um instante de nossa história poética, ao mesmo tempo que marcando uma individualidade singular de lírico e de artista.

Antônio Joaquim Pereira da Silva nasceu em Araruna, na serra da Borborema (Paraíba), em 12 de novembro de 1877

Em 1900, no Rio, faz-se funcionário postal e matricula-se na Faculdade de Direito desta cidade. Entra para a "Cidade do Rio" e inicia-se como jornalista, sob a direção de José do Patrocínio. Certo dia, Patrocínio o chama, e bem assim a Pausilipo da Fonseca e a José do Patrocínio Filho, e determina que os três façam uma prova de poesia, sob o título "Trilogia da Dor". Pereira da Silva ganha o prêmio, e com êle um beijo na fronte, que lhe dá o grande jornalista.

Esse é também o tempo em que Pereira da Silva se enfileira galhardamente entre os jovens da reação simbolista. E' o tempo do "Rosa Cruz", a formosa revista que fôra fundada para cultuar a memória de Cruz e Sousa. Pertence ao cenáculo demolidor e revolucionário, que tem como um dos pontos do seu programa destruir todos os medalhões inéptos, e entre êstes, em primeiro lugar, os que pertencem à Academia Brasileira de Letras... Ali encontra Saturnino de Meireles e Gonçalo Jacome, Maurício Jobim e Carlos Dias Fernandes, Castro Menezes e Paulo Araújo, Félix Pacheco e tantos outros. "Voe Saliz" publicado nessa ocasião, nos diz bem a orientação do seu espírito naquele momento.

Da "Cidade do Rio", onde usa o pseudônimo de J. d'Além, passa a trabalhar em outros jornais, e se dispersa nas colunas da "Gazeta de Notícias" e do "Jornal do Comércio", da "Pátria" e da "Época".

Logo depois de formado em Direito, abandona o Rio de Janeiro e vai fixar residência no Paraná, terra em que estivera na primeira mocidade e da qual guardava excelentes recordações. Obtém uma promotoria no interior, e leva, para ler nos intervalos das atividades profissionais, os seus poetas preferidos. E ali, na terra dos pinheirais solitários, que lhe nascem os versos de "Solitudes".

Pouco tempo, porém. se demora no Paraná. Cedo se desilude de sua vocação jurídica e da magistratura; regressa ao Rio em 1918. Volta a encontrar antigos camaradas, aquêles que já não estão irremediàvelmente afastados pela vida... Faz nova intimidade, cada vez mais afetuosa e compreensiva, com Paulo Araújo e sobretudo com Castro Menezes, que o leva a oferecer frequente colaboração às páginas da "Revista Sousa Cruz".

Em 1922, o editor Leite Ribeiro o convida para ser um dos diretores da revista "Mundo Literário", que se vai fundar. Pereira da Silva aceita o convite, e, juntamente com Agripino Grieco e Théo Filho, passa a dirigir essa revista.

Pereira da Silva foi recebido, "sous la coupole", em sessão solene, em 26 de junho de 1934, tendo-lhe dado as boas vindas um seu grande amigo, Adelmar Tavares. Na Academia recebeu Múcio Leão e fêz o elogio de vários escritores, como Macahdo de Assis, Gonçalves Dias e Silva Alvarenga.

Faleceu de um colapso do coração, na casa de Saúde da Gávea, em em 11 e janeiro de 1944, tendo sido inumado no cemitério de São João Batista.

DIÁLOGO SÔBRE A PREDESTINAÇÃO

(fragmento irrepresentável, num único ato)

REINALDO BAIRÃO

F. — Por que caiu o teu corpo sôbre os teus próprios pés?

S. — Porque tenho sêde e não há nada, fora de ti, que me satisfaça...

F. — Olha o céu. Vê as estrêlas. Despe o teu corpo sob a lua ensanguentada. E envolve a Noite num só abraço de morte. (Pausa). Despreza o que fôste um dia. Volve os teus braços para o infinito que trazes em ti. Desconhece Deus e tôda a natureza que te cerca. A beleza não existe. Repudia, pois, os filhos de mães apodrecidas em teu próprio ventre. (Pausa) Mestre, meu querido mestre: Através dos séculos, a Noite tem sido sempre a mesma, sempre igual. Quando acordas, uma nova Noite habita os teus dias. E, se é verdade que o mistério persiste, persiste igualmente o maior silêncio dentro de nós. Mestre, esquece o teu desejo. Esquece que é preciso adormecer para se amar. Esquece que é preciso acordar para morrer. Pensa na inutilidade do sentimento e do amor. Esquece que a Noite não voltará...

S. — Tenho sêde, F., daquilo que me aconselhas esquecer. (Pausa) Tenho sêde de Deus. Tenho sêde de amor. E Deus e o amor estão em ti.

F. — Mestre, repousa a tua cabeça branca sôbre o meu colo virgem. Escuta a palpitação de todo o meu ser e a agonia em que vive a nossa solidão. Eu também sou velho, meu amado mestre, apesar de minha pouca idade. Porém, posso evitar que o meu corpo deseje tôdas as coisas que eu já execrei. (Pausa) Repousa, suavemente. E ouvirás o estranho desejo que, não obstante, trago em mim.

S. — Não. Acredita que eu não possa conhecer os mesmos desejos que a tua adolescência conhece? Nada em meu corpo envelheceu com o meu rosto. Nada em meus braços envelheceu com a minha carne. A minha ansiedade é a mesma que eu sentia, antes de nascer. Os pecados que eu desejo conhecer ainda, são os mesmos pecados que eu desconhecia, antes de ver-te pela primeira vêz. (Pausa) Acorda, F., não morre sob a pressão de meus dedos sequiosos. Entrega a tua ansiedade de adolescente à minha ansiedade senil. E, juntos, seremos mais sábios que Deus.

F. — Descansa, mestre. Descansa sôbre os meus joelhos. Não deseja todo o céu, se o céu está todo dentro de ti. A Noite, que nos cobre, oculta o sortilégio, mas as nossas almas estão expostas ao nosso temor. Descansa, mestre, descansa a fibra de teus membros cansados. E só assim saberemos que somos um só.

S. — Não Descansa tu, F. amado. A Noite, que já se afasta, revolve o desprêzo de que seremos tomados logo após. (Pausa) Tens razão. As nossas almas estarão entregues à nossa própria agonia. Nada, porém, nos poderá separar, agora que és o assassino de ti mesmo...

(F. adormece e S. se entrega ao devaneio).

S. — Sinto que serei morto antes de amanhecer dentro de mim. F., reclinado sôbre o meu braço, repousa de um cansaço nunca sentido. Eu, aqui permaneço guardando o seu corpo, como se êle devesse morrer, e não eu. (Pausa) — (Acariciando a cabeça do amado) Dorme, F., dorme o teu último sono. E que não seja possível acordares nunca mais. Vê que não existe maior beleza do que morrer sem deixar rancor. O sono é morte, morte completa sem ter o que desejar. *Dorme, F., e não acorda antes de ti mesmo. Zomba da ver-*

(Cont. na pág. 45)

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

FINALMENTE saiu o anunciado volume de Dulce Salles Cunha, intitulado: "Autores Contemporâneos Brasileiros". Trata-se de uma obra não de crítica literária, mas de exposição de tendências poéticas, tendo tido, a sua autora, o cuidado de catalogar tôda a poesia contemporânea do Brasil, desde os "modernistas" até os poetas mais recentes da última safra e geração. "Autores Contemporâneos Brasileiros" é um livro informativo, verdadeiramente destinado ao grande público, mas que deve ser lido por todos que se interessam pelo assunto. ★ De Marília chega mais um número do ótimo jornal literário, chamado: "Caiçara". Nêste último número, colaboram os seguintes escritores: Cyro Pimentel, Maria da Saudade Cortesão, Péricles Eugênio da Silva Ramos, João Mesquita Valença, Lauro Vargas, Lêdo Ivo, Hilda Scarabotolo, Milton de Souza Quintino, Confúcio Barbalho, Laércio Barbalho, Geraldo Vidigal, Sérgio Milliet e Reynaldo Bairão. Destaca-se uma reportagem sôbre Calder. ★ O Teatro Brasileiro de Comédia já tem programado: "Bas-fond", de M. Gorki; "Orfeu", de Cocteau; e "Antigona", de Sófocles. Como vêmos, é bastante esperançoso o futuro do T. B. C. ★ Em breve, Helena Silveira publicará "A Torre", peça teatral premiada no Concurso Ademar de Barros (1950). Corre alguns murmúrios de que esta obra será montada pelo Departamento de Cultura de São Paulo. ★ Aliás, Francisco Patti, do Departamento de Cultura de São Paulo, merece o nosso mais caloroso aplauso. Há pouco tempo, patrocinou, no Teatro Municipal, uma representação de "Pega-Fogo", de Jules Renard, a preços populares. Pois, agora, patrocinará, no mesmo local, uma representação d'"O Anjo de Pedra", de Tennessee Williams, destinada exclusivamente ao povo que não pode pagar Cr$ 55,00. ★ Enquanto Domingos Paolielo prepara um novo livro de versos, Pedro Morato Krahenbuhl anuncia, para muito breve, "Bagagem Avoenga". Aliás, trata-se de uma obra bastante madura, em se tratando de estréia literária, tendo como tema central o problema da morte física e da morte intelectual. ★ Comunica o "Letras e Artes": "O Clube de Poesia de São Paulo está planejando a publicação de uma Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea (1922-1947), incluindo cêrca de cinqüenta poetas, assim distribuidos: a) modernistas de 22; b) modernistas de 30; c) post-modernistas; d) geração de 45".



Cartaz de Darcy Penteado, premiado no Concurso de Cartazes para a I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, a ser realizada de outubro a dezembro de 1951, na capital bandeirante.

Fora do 'Prelo

PSICOLOGIA EXPERIMENTAL — Henri Piéron — Edições Melhoramentos - S. Paulo

Ninguém deve desconhecer que se atribuem, e com razão, a Henri Piéron, as glórias de ser, no panorama da psicologia contemporânea, mais do que um cultor admirável: porque êle é, notadamente, um renovador «feliz, disciplinador sereno e equilibrado, em meio à agitação das grandes correntes que no domínio dêsses estudos se digladiam».

Espírito arguto, que não se entusiasma com as grinaldas falsas das idéias bonitas, mas sem alicerces, êle sabe colhê-las onde é natural, isto é, nas fontes indiscutíveis, a par de suas observações próprias e de suas convicções firmes.

Daí o acatamento com que se lêm as suas obras, com especial relêvo esta «Psicologia Experimental», volume 1 da Biblioteca de Educação, da Cia. Melhoramentos de S. Paulo. Em tradução do professor Lourenço Filho, «Psicologia Experimental» surge-nos em quarta apresentação, fato que, por si só, revela o acolhimento que lhe vem sendo dado entre nós. Diante das páginas do belo trabalho, convém ter em mente a observação do autor: «há inúmeros graus de precisão e certeza nos resultados que se possam colher das investigações psicológicas» vale dizer, «cuidado com o fanatismo», pois, sob qualquer forma, é, essa, sempre uma demonstração de inferioridade intelectual.

★

GALATÉIA E O FANTASMA — Mário Donato — José Olympio — Rio de Janeiro.

Mário Donato não é um estreante. Pelo contrário, trata-se de um romancista consagrado, cujo sucesso recente de «Presença de Anita», seu romance anterior, parece lhe ter causado mais mal do que bem. A garra que êle nos mostrou naquele livro, justamente elogiado, mas que o grande público acolheu principalmente por seus defeitos, como é muito comum, ainda aponta aqui, porém sua esplendida vocação de romancista deixou-se arrastar por aquêle rumo que mais atraiu os leitores — o realismo brutal.

Em «Galatéia e o Fantasma» há a preocupação evidente do escândalo, o que retira muita substância de vida aos seus personagens, artificializa outros, completamente, sempre no sentido de chocar o leitor ou atraí-lo por cenas execráveis de sexo, desvios patológicos e situações da pior licenciosidade. Tudo isso prejudica o romance e, mais do que isso, o romancista. Há páginas e páginas em que se sente que a autonomia do personagem, como é próprio do romance, está inteiramente cerceada, quebrando o desenvolvimento não apenas lógico da narrativa, porém, sua própria essência. Tudo no propósito de ferir a nota escandalosa e de enfocar as cenas escabrosas em que o autor tem o propósito de mergulhar as suas criaturas, sem lhes consultar a vocação e, assim, dando-lhes fisionomias inteiramente frustras.

Já supunhamos superada essa fase de nossa ficção, desde o último livro de Benjamin Constallat que explorou o gênero com grande sucesso, cujas obras sensacionalistas, entretanto, ninguém mais lê. Mário Donato, um ficcionista excepcionalmente dotado, volta ao mesmo clima, fazendo apenas, com personagens de hoje e em ambientes atuais, aquilo que o autor de «Mlle. Cinema» e de outros livros semelhantes, fêz no seu tempo, com as vantagens de um estilo pessoal e brilhante e uma experiência técnica das melhores, nesse gênero de literatura, tanto que, entre tantos livros que o levaram ao olvido, escreveu também as admiráveis histórias curtas de «Modernos» e de «A Luz Vermelha», obras que ainda hoje marcam nêle o escritor, depois desviado para os caminhos incertos do escândalo.

«Galatéia e o Fantasma» deixa-nos a impressão confrangedora de um romance escrito tão sòmente para explorar o mau gôsto de um público ávido de ler baixezas, capaz de fazer a desgraça mesmo de um novo romancista tão fortemente dotado para o gênero, como Mário Donato.

O LIVRO ILUSTRADO



Um dos belos desenhos do livro «Contos de fadas de vários países» que a Melhoramentos anuncia para próxima publicação.

VIAGENS NA EUROPA — José Crespo — Coimbra Editôra — (Portugal) —

O autor dêste livro de viagens que nos chega de Portugal, andou pela Europa com a representação de médicos portuguêses que tomou parte nas jornadas médicas de Roma, no ano passado.

Médico, nesta obra êle não nos fala de medicina senão **en passant**. O que aqui encontramos é um **carnet de route** minuciosamente informado, anotações feitas com luxo de pormenores e rigor de números, de um valor informativo que, até certo ponto, sacrifica o verdadeiro espírito de um livro de viagens, onde o autor, além de observar e anotar, deve contribuir com a sua dose de interpretação para valorizar suas impressões, torná-las mais pessoais e, assim, aliciar o leitor que, embora conheça os lugares visitados — ou por isso mesmo — gostará de revê-los por outros olhos, como poderemos dizer. Malgrado nos confesse seu entusiasmo e sua emoção, diante de paisagens, monumentos e povos que visitou, José Crespo não nos comunica êsse estado comocional: pelo contrário, seu livro, mesmo quando êle faz digressões mais amplas e mais afetuosas, permanece frio e distante, com um ar incômodo de simples relatório. Reconhecemos que «Viagens na Europa» tem muitos valores e, sôbretudo êsse, de informar minuciosamente as altitudes, a situação geográfica, os traçados urbanos, a altura dos edifícios, a extensão dos lagos, o percurso dos rios, a importância econômica de uma cidade e o interêsse histórico de um monumento. Entretanto, essa matéria não se contagia do calor humano que o autor afirma lhe terem provocado terras e gentes que visitou. Não queremos deixar de dar aqui um exemplo de como nos conta suas viagens o autor desta obra tão simpática. Quando fala de Milão, por exemplo, José Crespo — que, aliás é autor premiado de contos e novelas — diz, em certo ponto: «Foi em Milão que encontrei as mais graciosas mulheres da Itália. A italiana é uma escultura. Não admira que a Itália seja um país de belas estátuas, pois se o modêlo vivo é mais belo do que a reprodução que sai das mãos do artista».

A lira papel está muito baixa no valor e miserável na apresentação. As notas de 50, 100 e 500 liras são descomunais e impressas em mau papel».

Não precisamos transcrever mais para transportar o leitor à maneira de contar suas andanças do autor de «Viagens na Europa». Essa brusca passagem das mulheres ao dinheiro, essa queda da arte na economia, essa precipitação que sofremos, tombando dos domínios da escultura nos domínios do pé de meia é sem dúvida muito desagradável. **Entretanto, devemos reconhecer graça de estilo, galas de linguagem e poder descritivo no autor, tanto menos perdoável quanto à frieza de suas impressões, quanto se trata, não de um viajante qualquer, mas de um escritor de ficção e de um homem de cultura.**

POEMA DE JEANNE CRAIN

De RIBEIRO COUTO



É triste que eu não tenha escrito
— Dizes tu, Edmundo —
Um poema para Jeanne (Jeanne [Crain). Contrito
Daqui dêste canto do mundo
A mandar-te esta confidência me [permito.

Há trinta ou trinta e tal anos, não [sei bem,
Menina de colégio ela passava e eu via
Que estava ali o meu ideal, e em mais [ninguém:
Pureza, timidez, graça, melancolia,
Tudo perfeitamente igual a Jeanne [Crain.

Mas trinta ou trinta e tal anos, caro [Edmundo,
Contam bastante. Que remédio a [gente tem?
Ao ver agora Jeanne Crain
("Se Jeanne fôsse minha filha..."), [mais profundo
É o suspiro de amor que do peito [me vem.

★

ROSA MÍSTICA

SOARES DA CUNHA

Trazes a branca fronte circundada
de uma auréola de sonho e de mis-[tério,
feita da incerta luz da madrugada
e do prestígio de um fulgor sidério.

Quando apareces, pálida e gelada,
um místico perfume, vago, etéreo,
sente-se em tôrno; e tímida e velada,
ouve-se a melodia de um saltério.

Não sei quem és... vieste de outra [idade...
Vejo-te em frente, cheio de ansiedade,
tôda envôlta de bruma e de ideal.

Ah! se com as mãos jamais hei de [tocar-te,
jamais também o tempo há de ul-[trajar-te,
esplêndida mulher, visão astral!

ESTA À VENDA

O ÁLBUM DE A CENA MUDA

3.º NÚMERO — EDIÇÃO DE 1951

COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE



CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.
— Biografias completas no verso de cada foto.
— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.
— Noventa e seis páginas, inclusive 4 de bom humor.

COMPRE JÁ O SEU EXEMPLAR

NAS BANCAS DE JORNAIS DE SUA CIDADE.

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUE É ESCRITA IDEOGRAFICA:

A que se serve de letras?
A que representa idéias?
A silábica?

2 — QUANTAS ESPÉCIES DE ESCRITA TIVERAM OS EGIPCIOS:

Uma?
Duas?
Três?

3 — QUE NOME SE DA EM POESIA, A NARRAÇAO VERSIFICADA DE ALGUM FEITO NOTÁVEL:

Epopéia?
Ditirambo?
Ópera?

4 — A QUEM PERTENCIAM AS TERRAS DA ATUAL QUINTA DA BOA VISTA, ANTES DE INCORPORADAS AO PATRIMONIO IMPERIAL:

Ao Convento do Carmo?
Ao negociante Elias Antônio Lopes?
Aos jesuitas?

5 — QUAIS FORAM NA HISTÓRIA «OS CARDEAIS NEGROS»:

Os que aderiram a Lutero?
Os que reprovaram o divórcio de Napoleão?
Os primeiros bispos africanos?

6 — QUAL O PRIMEIRO DONATÁRIO DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO:

Duarte Coelho?
Vasco Fernandes Coutinho?
Henrique Dias?

7 — DE QUE ESCRITOR É O ROMANCE, «A BRASILEIRA DE PRAZINS»:

Camilo Castelo Branco?
Eça de Queiroz?
José de Alencar?

8 — QUE QUER DIZER GALICISMO:

Morte de galos nas rinhas?
Palavra tomada ao francês?
Má prosódia?

9 — NA EXPRESSÃO: «ÊLE TROCOU A TOGA PELA ESPADA», ISTO É, A MAGISTRATURA PELA VIDA MILITAR, QUE FIGURA LITERÁRIA TEMOS AÍ:

Uma metáfora?
Uma alegoria?
Uma metonímia?

10 — QUE NOME SE DÁ, EM ESTILÍSTICA, A TROCA DE UM TEMPO DE VERBO POR OUTRO:

Solecismo?
Enalage?
Hipérbato?

11 — QUAL O PRIMEIRO HISTORIADOR DE PORTUGAL:

Luís de Camões?
Frei Luís de Souza?
Fernão Lopes?

12 — QUE SIGNIFICA «POESIA BUCÓLICA»:

Versos sem rima?
Narração marítima?
Poemas de ambiente campestre?

13 — QUAL O ESCRITOR QUE, AO MORRER, PRONUNCIOU ESTAS PALAVRAS: «LUZ, MAIS LUZ»:

Goethe?
Dante?
Guerra Junqueiro?

14 — QUAL DÊSTES NEOLOGISMOS CASTRO LOPES LEMBROU PARA SUBSTITUIR O FRANCÊS «ABAT-JOUR»:

Nasóculos?
Convescote?
Lucivelo?

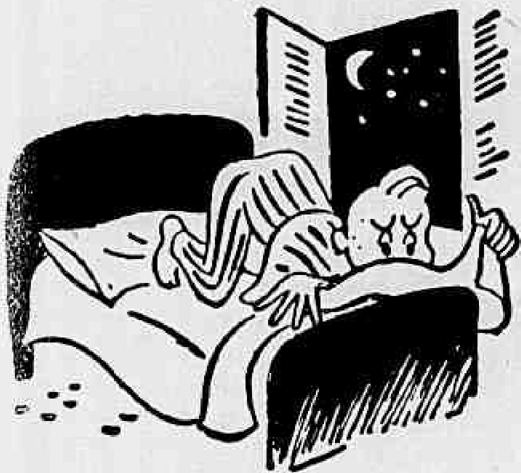
15 — ESCAPARETE É SINÔNIMO DE:

Vitrina?
Toucador?
Vidraça?

(Respostas na pág. 49)

"Uma caça noturna"...

...sòmente por causa de uma única pulga — é uma grande maçada!



Não se aborreça... Polvilhe sôbre o lençol e o próprio corpo NEOCID em pó... e continue seu sono, tranquilo. Use o pó, que não irrita a pele e não deixa cheiro.

Para pequenas aplicações prefira a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

O SEGREDO DI SUA MOCIDADI

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural ao cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço Pode ser usado indefinidamente o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes d maquilagem e à noite antes d deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural não faz mal e não provoca rugas Insista no tratamento e depois d terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso
A venda nas boas Farmácias

O NOVO ESTÁDIO DO...

(Cont. da pág. 57)

...mento do primeiro estádio que se construiu no local. Total: 25.200 lugares.

UMA FORTUNA POR UM GRAMADO

Um tapête verde num campo de futebol pode parecer uma dádiva da natureza. Entretanto, custa trabalho e muito dinheiro. O do novo estádio dos "rubros" importou em trezentos mil cruzeiros, o prêço de uma casa nos subúrbios ou de um apartamento pequeno em Copacabana. Só a grama custou 50 mil cruzeiros. Outros 50 mil foram gastos com drenos, e 200 mil com a remoção da terra da barreira e de outros lugares para dentro do "caixão" do campo. A grama, plantada em época imprópria, tem custado a reproduzir-se, mas garantem que ficará um tapête tão bonito como o do Maracanã. Cercando o campo, será colocado um alambrado de arame, num total de 120 mil cruzeiros. Nas partes atrás dos goals terá 6 metros de altura por 16 de comprimento, e em toda volta terá 1m e 30 de altura.

PROGRESSO PARA OUTROS ESPORTES

A vida esportiva do América não se cinge sòmente ao futebol. Já foi construida e inaugurada uma moderna quadra de basket, com piso de cimento, bem iluminada, e com capacidade para 2.000 pessoas. Ficou em 100 mil cruzeiros. Ao lado desta, será construida outra igual, para divertimento dos associados. Quando fôr erguido novo lance de arquibancadas, estas quadras transformar-se-ão em ginásios. Uma piscina olímpica de 50 x 25 está projetada para o terreno dos fundos do estádio, além de outra menor, para recreação, com 25 x 10. No mesmo local, será construido imediatamente um "play-ground".

OUTROS SONHOS

A vida social do América é intensa. Atualmente, com uma séde já pequena para o seu grande número de sócios, promove 3 bailes por mês, duas sessões cinematográficas por semana, espetáculos teatrais e radiofônicos. Nos estudos que estão sendo realizados, projeta-se a construção de um edifício de quatro andares para a nova séde, ladeado por 2 edifícios de 8 andares para residências. No térreo, lojas para alugar. No primeiro andar, um cinema com 1.500 lugares, que será explorado pelo próprio clube, e talvez um teatro com 500 lugares. No 2.º andar, um grande salão de baile. No terceiro pavimento, salão de jogos. No 4.º, salas de expediente e administração.

Perguntará o leitor: quem pagará tudo isto? O esporte no Brasil é de iniciativa particular e o América, para realizar o seu grande sonho, emitiu 2.000 títulos de sócio proprietário, que uma vez distribuidos lhe proporcionarão em cinco anos, 20 milhões de cruzeiros, total necessário para transformar numa cidade esportiva aquêle recanto da Tijuca.

Respostas ao teste

1—A que representa idéias
2—Três (hieroglífica, hierática e demódica)
3—Epopéia
4—Ao negociante Elias Antônio Lopes
5—Aos cardeais que reprovaram o divórcio de Napoleão
6—Duarte Coelho
7—Camilo Castelo Branco
8—Palavra tomada ao francês
9—Metonímia
10—Enalage
11—Fernão Lopes
12—Poemas de ambiente campestre
13—Goethe
14—Lucivelo
15—Vitrina.

LUIZ GONZAGA. . . .

(Cont. da pág. 45)

por uma tal madame Mayrink que desfraldava, e talvez ainda desfralde, a bandeira de filantropa. Ao final de meu extenuante trabalho, procurei saber, quanto rendera o recital, pois estava cansado de ver desculpas e evasivas. Calcule qual não foi minha surprêsa quando um dos diretores da entidade, destinada a beneficiar os nordestinos, me disse:

— Olhe, Luís, 35 por cento do lucro desta festa pertence à madame Mayrink.

— Como? — perguntei boquiaberto
— Trinta-e-cinco por cento!

— É... — respondeu-me o homem com a cara mais inocente do mundo
— Você sabe... foi ela quem arranjou tudo... trabalhou duro para a organização...

— Ah! meu amigo — exclama Luiz Gonzaga para o repórter — eu não quis saber de mais nada. Calcule: se ela trabalhou, que diria eu, que o fazia há meses, sem perceber nada sem reivindicar nada, sem reclamar enfim?

O Rei do Baião trabalhou seis meses, incansàvelmente, nessa campanha. O povo paulista, conforme nos afirmou, compareceu em todos os sentidos; artistica e filantròpicamente compreendendo a dor dos irmãos do norte e rendendo justa homenagem ao grande artista que se prontificou a auxiliá-los.

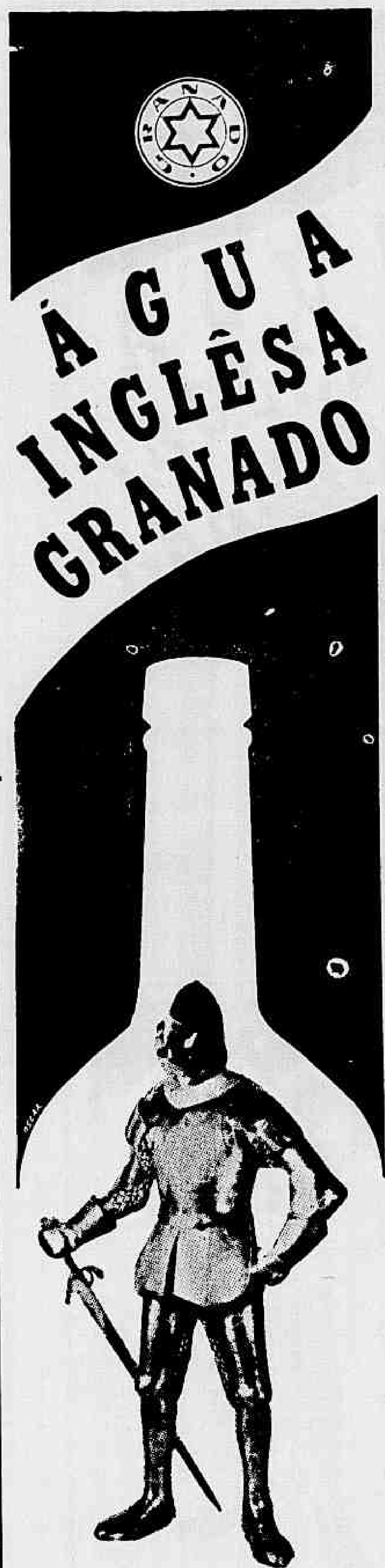
— Entrou muito dinheiro — assevera Gonzaga — e se, agora, exponho êsse triste acontecimento aos leitores de todo o Brasil é para que não se pense que meu afastamento dessa entidade é uma traição aos nortistas. Longe disso! Procuro defendê-los, alertando o povo para que não concorra com seu dinheiro, a fim de que espertalhões vivam nababescamente, sem trabalhar, acobertados pela máscara da filantropia. E, por falar nisso, há gente da diretoria que, se fôssemos perguntar de que e como vive, não saberia responder. Engraçado, não?

É CASO DE POLÍCIA

Luís Gonzaga, no decorrer da entrevista concedida à REVISTA DA SEMANA, fêz questão de frisar que, atualmente, várias arapucas estão em pleno funcionamento em S. Paulo tendo como rótulo a beneficência quando não passam de ótimo meio de vida para seus diretores.

— Eú, de minha parte, — diz êle ao repórter — continuarei a praticar o bem e a auxiliar tantos desgraçados quanto puder. Todavia, retiro-me dêsse psêudo movimento pró homem do norte, pois acho vergonhoso que alguém use a miséria alheia como meio de vida. Trabalhei bastante e sustentei muitos malandros. Agora, chega! Meus amigos, às pessoas que me auxiliaram e aos meus fãs, aconselho a investigarem não só o presente caso, mas também o de entidades congêneres que possam surgir.

Verdade é, e reafirmo, que a diretoria da Confederação Nacional do Homem do Norte é incapaz. Tão incapaz que permitiu que elementos mal intencionados destruissem o sonho dourado, não só dos nortistas, mas de todo o brasileiro patriota que não gosta de ver seus irmãos morrerem de fome. O caso é de policia, pois o dinheiro do carnaval deve aparecer! Eu, por minha vez, que mais posso fazer? Cumpre, agora ao Poder competente tomar atitude que condiga com seu papel, defendendo o público contribuinte e os miseros retirantes, cujo nome foi e é usado para a mais vil das explorações.



TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

CANSAÇO, DINHEIRO E . . .

(Cont. da pág. 25)

ches" de Colé e Wellington Botelho, deliciar-se com o movimento mágico dos pés de Norbert e encher os olhos com as pernas de Renata, ou as gâmbias de meia dúzia de "girls", terá de gastar no mínimo Cr$ 60,00 de "couvert" e Cr$ 100,00 de consumação, ou seja, terá de desembolsar, pelo menos, Cr$ 160,00. Isso, é claro, nos dias úteis, pois aos sábados e vésperas de feriados a "couvert" é de Cr$ 70,00 e a consumação mínima se eleva a Cr$ 150,00, perfazendo um total de Cr$ 230,00.

CANSAÇO, DINHEIRO E ESPERANÇA

Nos bastidores encontramos Colé. Apesar de cansado, discutia com Celeste Aida, sua espôsa, o andamento de uma cena

Quando soube do propósito de nossa reportagem, foi-nos declarando, sèriamente (fora do palco os cômicos geralmente se apresentam sérios e melancólicos, dando a impressão de serem todos introvertidos):

— Considero o "Teatro da Madrugada" uma grande iniciativa, uma vez que veio amparar o artista nacional, pois paga melhor do que o teatro ou rádio. Além do mais, com a falta de casas de espetáculos, há poucos elencos e êstes não comportam todos os artistas.

— Mas você não acha que é por demais estafante para um artista, depois de atuar em duas ou três sessões diárias no teatro, ou ter de enfrentar o microfône por algumas horas durante o dia, tomar parte em um espetáculo de mais duas, em hora tão avançada? — perguntamos.

— E' natural que não se trabalhe com a mesma disposição nas "boites", mas o "show" é ligeiro e não requer tanto esfôrço. Sem embargo, é um dia deveras cansativo o do artista de rádio e teatro que também trabalha em *boites*. A gente se sente extremamente cansado ao sair daqui, a caminho de casa, depois de lavar a pintura da cara e trocar de roupa, pois, além das representações para o público, o artista ainda tem de suportar a tortura dos ensaios

— Acredita que, no futuro, as *boites* terão os seus próprios elencos, sem pedir artistas emprestados ao rádio e ao teatro?

— Acredito, sim, mas se fôr feito da seguinte maneira, como pretendo pôr em prática: um elenco que atuará durante quatro meses no Rio e outros quatro em São Paulo... Nutro esta esperança e espero concretizá-la, tudo dependendo das circunstâncias...

— E o que é mais compensador, o teatro, ou a *boite?*

— A "boite", sem dúvida...

Um fato interessante é que todos os artistas, inclusive as "girls", ou trabalham em teatro ou no rádio. Por isso perguntamos a Colé se não há objeção por parte dos empresários.

— Sim, há, — respondeu. — Os srs. Walter Pinto e Ferreira da Silva, ambos conhecidos empresários, não permitem que seus artistas contratados atuem em *boites*, alegando que gastam bastante dinheiro em sua publicidade, a qual reverterá em benefício de sua apresentação nos clubes noturnos.

— E no caso de um artista ser convidado para atuar em uma *boite*, estando sob contrato com um dêsses empresários?

— Nêste caso, o empresário da *boite* terá de pagar-lhe o equivalente ao ordenado do artista. Digamos, se êle perceber Cr$ 20.000,00 por mês, o empresário do teatro também receberá Cr$ 20.000,00 por mês.

César Ladeira juntou-se ao grupo. Aproveitamos para lhe perguntar o que pensava do assunto, enquanto Colé se despedia. César, tirando longas baforadas de seu cachimbo, redarguiu imediatamente:

— Os empresários de teatro assumem essa atitude, com mêdo do salário que os artistas começam a pedir, tendo como base o que percebem nas *boites*. Trata-se de uma medida defensiva, de simples auto-proteção...

— E qual o ordenado médio dos artistas de *boites?*

— Geralmente varia entre Cr$ 15.000,00 e Cr$ 20.000,00 e um cabeça de elenco Cr$ 30.000,00 por mês, como é o caso de Colé. Todos ganham mais do que em teatros, e até as "girls" ganham aqui Cr$ 2.500,00 mensais... — respondeu César.

DOIS EXEMPLOS: SEM FÉRIAS IRIS DELMAR !

Iris Delmar é uma artista de comédia, que aderiu à revista, presentemente atuando no Casablanca. Depois de deixar o Serrador, à meia-noite, corre para êsse clube noturno a fim de estrelar o seu "show".

Iris, em conversa conosco nos bastidores, confirmou o que Colé nos dissera no Acapulco, declarando que, recebendo um convite do Casablanca, procurou Luiz Iglesias a fim de o notificar. No entanto, Iglesias sòmente lhe concedeu permissão para atuar nesta *boite* após ela haver renunciado **às férias a que fazia jus.**

— Mas isso não faz mal, pois estou pensando em deixar a comédia para ingressar definitivamente na revista.

Também encontramos José Vasconcelos, contratado do sr. Ferreira da Silva. Perguntado sôbre se a *boite* estava pagando o equivalente de seu ordenado ao seu empresário, respondeu-nos:

— Não, absolutamente. Muito embora possa confirmar o que você me diz, devo dizer que o mesmo não aconteceu comigo, pela simples razão de não fazer contratos de exclusividade com quem quer que seja...

José Vasconcelos é o diretor artístico do Casablanca. No entanto, segundo declarou, não tem ordenado, pois o produto da *boite* é dividido entre todos os artistas. Dêsse modo, a remuneração de cada uma varia de acôrdo com a féria da noite.

O MONTECARLO E O MOVIMENTO RENOVADOR

Logo que o sr. Carlos Machado tomou as rédeas do Montecarlo, um de seus primeiros atos foi organizar um primoroso conjunto de "girls" e escrever um "show" que vem merecendo aplausos gerais. "Paris C'est Comme Ça" conta também com a colaboração de figuras ímpares de nosso mundo artístico, como Carmen Brown, Norma Tamar, Magali Medori e o próprio Carlos Machado.

Com apenas uma ou duas exceções, os artistas do Montecarlo não atuam em teatro ou rádio. Os ordenados são os mesmos dos artistas de outras *boites*. Alguns são até mesmo totalmente desconhecidos, mas todos se mostram satisfeitos, pretendendo continuar sòmente em clubes noturnos.

Carlos Machado, ao lhe perguntarmos qual a freqüência média de uma *boite*, disse que tudo depende da época. De maio a agôsto, devido à afluência de turistas, o número de freguêses tende a aumentar; no entanto, durante o resto do ano, a vida se torna difícil.

Também não se pode calcular exatamente quanto gasta cada freqüentador, — continuou êle, — pois cada um sabe o quanto pode despender, não indo além de suas possibilidades. Assim, uma pessoa pode vir aqui e gastar Cr$ 5.000,00 ou Cr$ 6.000,00, mas outra não irá além da consumação mínima, tendo vindo aqui sòmente para dançar um pouco e divertir-se com o "show..."

O QUE VALE E' O CONJUNTO

Depois de nos despedirmos de Carlos Machado, rumamos para a Flair, no Leme. Alí chegamos às quatro horas da manhã. As mesas já estavam viradas, um servente varria o salão. Todo o movimento terminara. Um freguês retardatário tinha o rôsto afogado num "highball". O pianista terminou o número, fechou o piano e se retirou para o interior.

Pedimos para falar com o gerente e o porteiro nos apontou a um senhor, sentado em um canto afastado, no fundo do salão, mergulhado na semi-escuridão peculiar a todos êstes ambientes.

Aproximamo-nos, perguntando por que motivo não apresentava "shows" em sua *boite*.

— Não é difícil de responder, — disse-nos êle. — Não apresento êstes espetáculos por uma questão subjetiva. Todos nós dirigimos um negócio, seja êle qual fôr, de acôrdo com o nosso ponto-de-vista pessoal. O meu, por exemplo, é temperado pela experiência. Acredito que uma pessoa procura uma *boite* para se divertir, tomar alguma coisa, comer bem e dançar. Enfim, fugir à rotina. Assim sendo, creio que um "show" se tornaria monótono, uma vez que, para ver uma revista, procura-se um teatro e não uma boite e por motivos lógicos, um "show" teria de permanecer em cartaz pelo menos durante um mês. No entanto, lançarei um *show* aqui, mas sòmente quando julgar que os freguêses exigem. No momento, parecem satisfeitos sòmente com o que apresentamos...

O DEPOIMENTO DE UM MÚSICO

Ao deixarmos a Flair, fomos acompanhados por um músico. Pediu-nos para não declinar o seu nome. O que nos declarou, porém, vale a pena ser transcrito, pois é a opinião de um homem que há 28 anos toca em *boites*, já tendo emprestado a sua colaboração a todos os clubes noturnos do Rio e alguns da Paulicéia.

— O fator primordial para o bom andamento de uma *boite* é o conjunto. Às vêzes acontece que uma casa oferece aquilo que as outras não têm, mas, via de regra, estas *boites* incompletas estão fadadas a um colapso.

Puxou o cigarro e o acendeu, tragando fortemente e fechando o casaco, protegendo-se contra o frio de Copacabana.

— Quanto à questão dos "shows", há muito se vem tentando implantá-lo, sem sucesso, até que recentemente César Ladeira o experimentou sob um prisma diferente. A dificuldade consiste em apresentar algo de interessante e que não seja demasiadamente dispendioso. Até agora só tive oportunidade de ver um, que realmente "enchesse as medidas". Foi durante o tempo em que o Casablanca estava entregue a Silvio Caldas. O "Poeta da Voz" conhece o "metier". Tudo era de primeira e de agrado do freguês. A sua capacidade de dirigir uma *boite* ficou provada então. No mais, os gerentes se limitam a pôr alguns artistas defronte do público e chamam a isso de "show...

Paramos na esquina, à espera de um bonde:

— E' claro que não se pode comparar o "show" de uma *boite* com o de um cassino, como a Urca, quando imperava a jogatina. Rollas gastou nada menos de Cr$ ...... 1.300.000,00 para montar o seu último espetáculo, antes do fechamento do cassino No entanto, são muito altas as despezas de uma casa, para gastar tão vultosa quantia na montagem de um espetáculo. O Flair, por exemplo, gasta uma média de Cr$ 80.000,00 mensais, sòmente com os músicos, além de garçons, casa, cozinha, despezas eventuais e prejuizo causado pela carência de "golpe de vista", como é natural, pois pensa-se que uma noite vai ser de grande movimento e um acontecimento qualquer de última hora estraga o que já fôra planejado.

Um bonde apareceu em velocidade na esquina. Tomamos nota das últimas declarações:

— Os artistas exigem grandes somas para atuar, em virtude da hora dos "shows", e cada espetáculo deverá permanecer em cartaz pelo menos um mês, a fim de não dar prejuizos. Isso apresenta o risco de enfadar os freguêses costumazes, os elementos que não podem viver longe de *boites*, que fazem as maiores despezas. Afinal, ninguém pode suportar o mesmo "show" trinta dias num mês...

VIDA E MORTE DO "S. PAULO"

(Cont. da pág. 21)

clara as orações, a Rainha e a condêssa ajoelharam-se, acompanhando-as. O nobre gesto de uma rainha, ajoelhada junto ao corpo de um simples grumete brasileiro, comoveu tôda a guarnição e, de emoção, muitas lágrimas foram derramadas pelos bravos soldados do mar. Daí por diante, sempre que os marinheiros se referiam à rainha dos belgas diziam pressurosos: "nossa rainha".

A passagem do Equador e o batismo da rainha Elizabeth constituiram motivo para uma festa íntima de elegância e distinção. Para o batismo, feito pelo comandante, utilizou-se um pulverizador do mais fino cristal com guarnição de bronze dourado, trabalho premiado pela Escola de Belas-Artes de Paris, com uma linda dedicatória à rainha. Na ocasião o padre Quirin G. Nols, da comitiva real, leu uns versos que havia composto especialmente para a cerimônia. O Rei Alberto, como já havia transposto o Equador por ocasião de sua visita ao Congo Belga, não foi batizado desta feita.

Debaixo de cerimônias as mais belas, os soberanos belgas desembarcaram na praça Mauá, sendo, na ocasião, o Rei saudado pelo prefeito do Distrito Federal, dr. Carlos Sampaio.

Por ocasião de sua visita a São Paulo, ao regressar do Palácio dos Campos Elisios, a rainha perdeu cinco grandes pérolas de seu colar. Avisado o delegado geral, foram encontradas as pérolas, que o motorista do carro que servira à rainha procurava entregar. O Rei Alberto, pessoalmente, condecorou o nobre "chauffeur".

TRANSLADAÇÃO DOS CORPOS DOS IMPERADORES

Outra das grandes comissões de que o "São Paulo" se orgulha diz respeito à transladação, para o Brasil, dos restos mortais do imperador D. Pedro II e da imperatriz D. Teresa Cristina. Da igreja, onde se achavam os corpos, saíram os despojos dos ex-imperadores do Brasil, nos braços de marinheiros do "São Paulo", tendo, nessa ocasião, formado a companhia do encouraçado na praça da Igreja e incorporando-se ao cortejo, logo após prestar as devidas continências. As 15.30 horas do dia 22 de dezembro, chegavam a bordo os preciosos despojogos.

Com grande comoção, num ambiente de respeito e tristeza, a guarnição republicana do "São Paulo" recebia a bordo os restos mortais daquele que, como "imperador constitucional", servira ao Brasil, devotando-lhe tôda a sua atenção, mesmo

(Cont. na pág. 44)













O PROFESSOR DE GOLFE







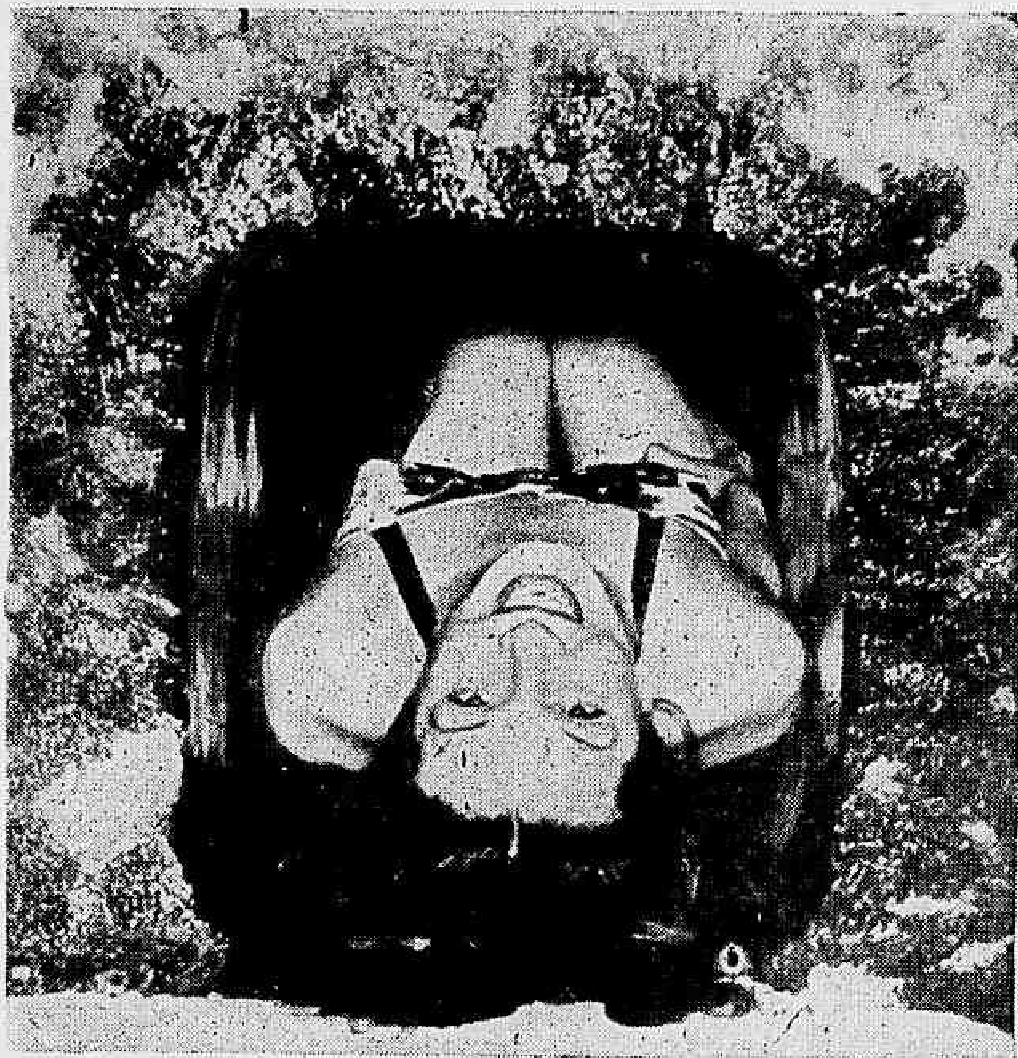




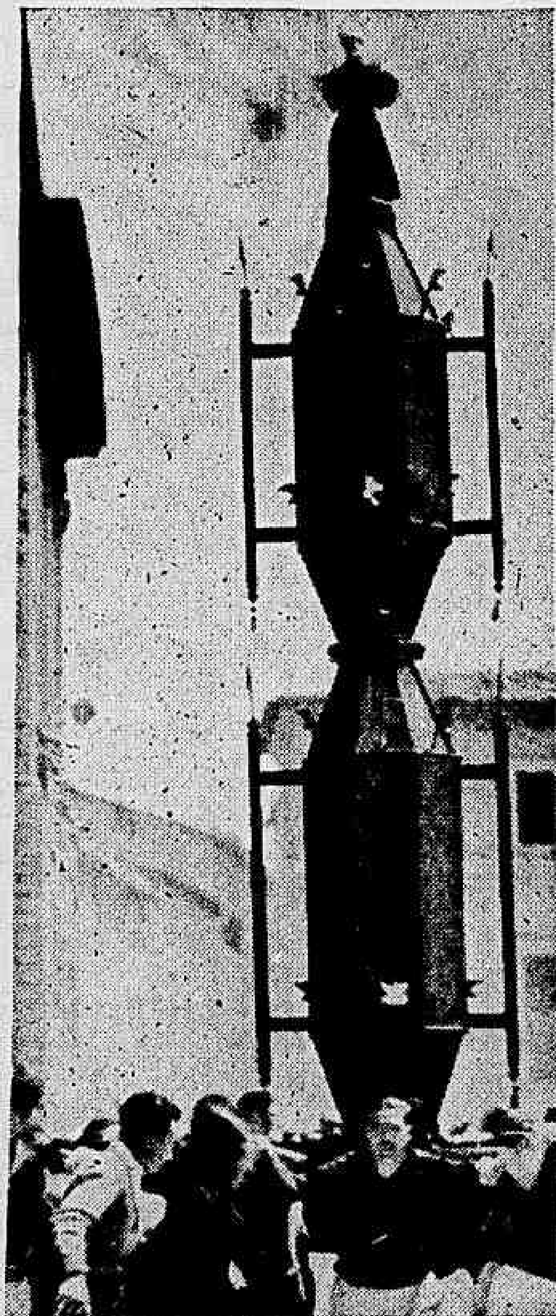




continua



Uma prova de faquirismo acaba de dar em Londres, a senhorita Sheyla Young, com o que apura uma féria diária de umas quinze mil liras. Em que consiste a exibição? Nessa proeza ainda não explorada pelos próprios indianos, a bela «girl» inglêsa se mete numa espécie de cofre gelado e ali se fica durante trinta minutos cercada de gêlo e a uma temperatura verdadeiramente glacial. Mas, e com que roupa, leitor? Em roupa de banho, com um maiôzinho mais que bikinico, o que lhe deixa todo o corpo ao desamparo, sob os efeitos do gêlo. E isso não é uma só vez por dia, e sim umas doze! Não sabemos como vai acabar a «miss» Sheyla Young, mas, já há quem diga que vai virar sorvete!



Cada terra tem seu uso e cada roca seu fuso, é uma verdade imortal e filosófica. E a prova é essa procissão que os italianos de Gubbino realizam a 15 de maio de todos os anos. Trazem sobre os ombros um curioso andor em homenagem a Santo Ubaldo, protetor da cidade e realizam a festa sobre o monte Ingino. As ruas mais importantes da cidade são percorridas entre expansões de alegria e demonstrações de fé.



Louis Jouvet, astro do teatro e do cinema, faleceu esta semana. Atuou em nosso Municipal e ali só confirmou sua capacidade de interpretação. Nesta foto vemos o artista, que contava 63 anos de vida, ensaiando «O Diabo e o Bom Deus», de Sartre. Jouvet dirigiu o teatro Athenee, de Paris, desde 1934.

TUDO ISTO

QUE TRATANTES!



TODOS os dias os jornais trazem relatos sôbre contos do vigário passados por espertalhões a ingênuos, mediante bons negócios com bilhetes premiados. Ainda é êste o melhor processo de que lançam mão os malandros para iludir os incautos, através do aguçamento de suas próprias ambições. Apresentando um bilhete premiado, mas que não sabem onde receber a bolada de centenas de milhares de cruzeiros, os malandros fingem uma inocência que não mais existe desde que Adão verificou que já não estava mais num parque de nudistas, e conseguem estimular a ganância "inocente" dos papalvos. O golpe é certo. Trocar um bilhete de mil contos, já premiado, por dez contos, é um negócio que só nos cai do céu uma vez em cem anos. A gente lê tais notícias e não se comove, pois tanto é culpado o vigarista como o que recebe o "paco". Ambos agem de más intenções, cada um ávido de enganar ao outro. Mas, agora, por ocasião do "Sweepstake", se verificou um dêsses assaltos em plena via pública que inspira piedade. O caso se passou, mais ou menos, assim: uma velhinha ia pela Avenida Rio Branco, quando se viu impedida de prosseguir pela insistência de um cambista que lhe oferecia gasparinho do "Sweepstake" de número 19.662, pelo preço baratíssimo de Cr$ 105,00, quando já estavam vendendo até por duzentos! Ela o adquiriu; mas, chegando a casa, verificou ter sido embrulhada. O bilhete era do ano passado! D. Ana Chichorro, que tem 77 anos de idade e não é rica, sofreu um abalo moral. Queixou-se ao 7º Distrito. Mas... que pode a polícia fazer em tais casos?

★

ESPÍRITO DE NOÉ



O velho Harry Pidgeon tem hoje 83 janeiros bem puxados. Mas ainda é um velhote sacudido. Não tem filhos, o que lhe deixa muito tempo para trocar idéias com a espôsa. O casal tem todos os requisitos para viver em paz e tranquilidade aí por alguma chácara florida; mas o velho Pidgeon trouxe, desde o berço, a mania de viajar por mares nunca dantes navegados. E o que é mais sério: êle mesmo fabrica seus barcos e se mete nêles, atravessando oceanos. Em 1921 e 1935 fêz viagens ao redor do mundo em frágeis barcos, gastando cêrca de três anos em cada uma. Em 1947, no barco "The Islander", ao realizar outro giro, teve seu barquinho destruido por uma tempestade perto das ilhas Novas Hébridas. Escapou com vida. Mas o velhote é persistente. Não se deu por satisfeito e agora construiu, com seus próprios recursos, um novo "yole" de nove metros e o lançou às águas no pôrto de S. Pedro, na Califórnia. Para batizar o novo barco de aventuras solitárias, Pidgeon lhe deu o nome de "Lakemba". Que diabo quer dizer isso? Lakemba é o nome de uma ilhota humilde e esquecida lá pelo arquipélago de Fidji. Perguntaram ao velho audaz, qual era o seu programa para êste ano em tão frágil embarcação. E êle respondeu com aquela coragem de Bernard Shaw, quando criticava o mundo e os homens: "Primeiramente irei daqui ali a Honolulu, a título experimental, levando minha mulher". Depois, dará volta ao mundo. Vejam só! Êle fala de ir "ali" a Honolulu, como nós dizemos: vamos ali a Niterói... Será que êsse velho Pidgeon, tem o "espírito" dos Pombos de Noé?...

★

A COLA



CAUSOU certa sensação entre os nossos estudantes, aquêle telegrama de Washington sôbre a decisão da diretoria da Academia Militar de West Point, ao expulsar de seu corpo discente noventa alunos do corpo de cadetes, em virtude de haverem violado o "Código de Honra" do maior estabelecimento de instrução militar dos Estados Unidos. Mas, por que motivo tanto rigor contra rapazes de uma escola militar? Dentre êles havia muitos que eram "ases" do futebol da Escola, tidos como dos melhores dos Estados Unidos. Por que foram expulsos? Porque colaram em exames. E, segundo declarou um membro da comissão das fôrças armadas daquele país, o fato ocorreu, mais ou menos, assim: grande grupo de cadetes que compunham a equipe de futebol da Academia, naturalmente em virtude dos seus treinos e campeonatos, não pôde aperfeiçoar-se muito bem nas matérias do curso. Quando chegou a época dos exames, severíssimos, aliás, êles estavam muito mal colocados. Mas, por uma questão de coleguismo e dedicação aos "cracks", que haviam defendido com tanto valor as côres do clube da Academia em canchas do país, os colegas que tiveram mais tempo para aperfeiçoamentos se ofereceram para ajudá-los nos apertos. Como? Uma colinha bem encaminhada salvaria a situação. E assim foi feito. Mas, desgraçadamente, a cola foi descoberta e punidos os que as passaram e os que as receberam. Uma comissão de juristas e militares condenou a todos. Uma catástrofe. Mas, por que não vieram os rapazes estudar **a arte de colar no Brasil? Aqui, só se pode colar grau com cola...**

ACONTECEU

FARRAS SEPULCRAIS



JÁ houve um tempo (oh! que saudades que tenho!) em que as serenatas faziam as delícias dos habitantes de muitas cidadezinhas sertanejos por êsse Brasil afora. E cantavam modinhas dengosas e belas, como "A casa branca da serra", "Teus olhos são negros, negros", etc., até mesmo modinhas um tanto lúgubres como aquela que começa assim: "Vai alta a noite. Na mansão dos mortos..." Chama-se "O noivado do sepulcro", e, se não nos falha a memória é de autoria de Soares dos Passos. Os versos, bem entendido. Essa poesia já fêz muita donzela impressionada chorar e passar noites a suspirar. Aquele tempo os poetas boêmios rendiam homenagens aos cemitérios e celebravam em versos belíssimos o noivado de dois amantes infelizes na terra e felizes depois da morte. Hoje, porém, com o rádio, a televisão, as danças violentas e o uso imoderado e expansivo da "branquinha", os boêmios não podem mais divertir-se em serenatas melancólicas e líricas. Êles preparam o farnel e vão escolher uma bela sepultura da qual fazem a mesa lauta e alegre. Foi o que sucedeu há pouco na capital do Ceará, a risonha Fortaleza da praia de Iracema. O administrador do campo santo, certa manhã, ao percorrer as ruas da saudade e do silêncio, verificou que sôbre um túmulo havia restos de comida, copos quebrados, garrafas vazias, pontas de cigarro. Era o cúmulo! Comunicou à polícia. Mas os farristas sepulcrais não voltaram às libações daquele estranho "Night-club" enquanto a polícia os impediu. Com as almas do outro mundo são mais felizes...

★

A ORAÇÃO DE UM JUIZ



NÃO é novo o sentimento de desprestígio que envolve o chamado Tribunal do Júri Popular. Sempre que um celerado vai a julgamento e é absolvido, mais cresce a onda contra a instituição de nosso Direito Penal. Acham os estudiosos e os críticos, que o Júri Popular, da maneira por que está organizado no Brasil, é um absurdo. Ao invés de proteger a sociedade, contribui para perturbá-la, fazendo voltar ao seu convívio, verdadeiros monstros carregados de crimes. E' razoável que nem tanto à terra nem tanto ao mar alto, ou, em linguagem mais comum, "nem oito, nem oitenta". O Júri Popular é função de povo civilizado, culto e consciente. Logo, entregando-se tal missão a pessoas muito distintas, mas ainda broncas, incultas, sem nenhuma noção de Direito, é confiar de mais e de maneira incongruente. O que se devia fazer, era manter o Tribunal Popular, mas modificar o sistema de composição dos jurados, não deixando intervir o dedo da política e da amizade pura e simples. O juiz Goulart Monteiro, de Petropólis, numa das últimas sessões do Tribunal do Júri daquela cidade, ao verificar-se a absolvição de dois homicidas, fêz considerações oportuníssimas em tôrno da facilidade que há no Brasil, de matar-se e, em seguida, ser-se pôsto em liberdade pelo veredictum do Tribunal do Júri Popular. O sr. ministro da Justiça e os nossos estudiosos do Direito Penal, deviam prestar atenção ao discurso do magistrado petropolitano. A oração dêsse juiz é uma das mais sérias advertências que já se fizeram sôbre o caso.

★

AS RELÍQUIAS DO SANTO



UM dos mais comoventes aspectos do sentimento humano é o da fé. Especialmente a fé religiosa. A História Sagrada está cheia de belos exemplos do poder da fé. Lázaro ressuscitou pela fé; salva foi a filha de Jairo com a alavanca da fé. A fé transporta montanhas. Os italianos têm santos aos quais dedicam uma fé imortal. Portuguêses, franceses, alemães, poloneses, austríacos têm seus protetores aos quais rendem as homenagens de fé inquebrantável. Os católicos inglêses dispõem também de seus motivos de fé que datam de séculos. Um dêsses pontos básicos era constituído pelas relíquias de São Simão Stock que foi, em vida, o primeiro prior de Aylesford, em Kent. Uma vez, durante as guerras entre as coroas de França e Inglaterra, as relíquias do santo foram levadas da velha Albion para a França. Quem tivera essa coragem e cometera tamanho sacrilégio? O sr. Rei Henrique VIII, que, quando se aproveitou de certas facilidades, saqueou os mosteiros inglêses e levou consigo, como troféu, os ossos de S. Simão de Aylesford. Foi êsse mesmo rei que fundou a Igreja inglêsa, desposou Ana Bolena e foi excomungado pelo Papa. Morreu em 1547, tendo levado para Bordéus os despojos do Santo de Kent, muito estimado pelos fiéis. Agora as relíquias de São Simão Stock voltam à Inglaterra depois de mais de quatro séculos de exílio. Uma enorme procissão acompanhou a urna sagrada em terras inglêsas, entre preces e cânticos católicos. A profanação de Henrique VIII estava reparada, e agora os que têm fé em S. Simão, estão contentes.



«BEBÉS DE QUATRO PATAS VIAJANDO PELOS ARES — Já se pode afirmar que não existem limitações de espécie alguma para a [illegible] das cargas transportadas pelos Clippers da Pan American Worl Airways. Isso porque os grandes cargueiros aéreos da PAA estão continuamente recebendo os carregamentos mais diversos e heterogeneos que se possam imaginar. Ainda há pouco, por exemplo, o diretor do Earlham College, de Richmond, Indiana, remeteu por via aérea dois cabritinhos para o dr. W. M. Biddle, de San Juan, Pôrto Rico. Escusado será dizer que os dois «bebés» chegaram perfeitamente bem ao seu destino, como o prova a foto acima, onde se vêem os dois «viajantes» recebendo as boas vindas da sta Juanita Najera, da seção de cargas da PAA na capital pôrto-riquenha.



Durante anos a alta constante de preços, na cidade de Nova York, determinou sensível retraimento na clientela, que se mantinha sempre na expectativa, aguardando melhores preços. Mas, há pouco tempo, o maior magazine de Nova York, o «Macy's», dispondo do colossal «stock» de artigos de tôda sorte, anunciou amplamente uma rebaixa geral nos preços durante uma semana. O episódio empolgou tôda a metrópole e se movimentaram milhares de pessoas para adquirir artigos de cozinha, comestíveis, cutelaria, miudezas, etc., a preços baixíssimos. Diante da avalanche que sufocava o «Macy's», os outros armazens decidiram reduzir seus preços e a «guerra» começou entre os concorrentes. Do que foi esta «invasão», bem nos mostra a foto acima.



GRANDES LEVAS DE CHINESES que se haviam refugiado em Xangai, durante a guerra civil entre os soldados de Mao Tse Tung e os de Chiang-Kai-Cheque, fugindo às crueldades da guerra, foram re-encaminhadas para os campos da China sob o domínio comunista, a fim de trabalharem na obra da reconstrução nacional. Trens e mais trens deixam a imensa cidade de Xangai repletos de chineses que se destinam ao interior, onde vão sendo distribuidos pelas diversas regiões do país. A China continua a ser uma nação martirizada pelas intempéries da Natureza, sofrendo constantemente terríveis inundações, resultando disso milhares de mortes e devastações nas culturas de arroz que trazem a fome e a desolação do povo.

SAÚDE DO BEBÊ

Breves indicações do leitelho

Dr. SABOIA RIBEIRO

DEVE a mãe amamentar o filhinho e, nesse sentido, antes mesmo de seu nascimento, bem andará orientando-se para que não falte o leite ao petiz, o que importa, principalmente, em cuidados com sua própria alimentação, com os seios e a maneira como, iniciada a amamentação, deve conduzir-se.

Não obstante, falham por vêzes os cuidados para dispor de leite abundante para a criancinha e então cuida-se, inclusive, de dar o leite de ama contratada.

Esse problema quase não existe hoje, pois em falta do próprio leite materno, e salvo casos especiais de doença, melhor é, logo, apelar para o leite animal.

Acontece, porém, que no primeiro trimestre nem o leite animal nem os diversos leites em pó são tão bem tolerados e benéficos, como um tipo de leite especial, qual o leitelho.

E' sem dúvida o leite que, segundo nossa experiência, melhor satisfaz as necessidades fisiológicas da criancinha, não só pelo seu alto poder hidratante, como sua taxa em gordura, em nível perfeitamente tolerado.

Eis a fórmula para o preparo de uma mamadeira de 150 a 180 gramas: Farinha de arroz — 1 e meia colher de chá — Agua (filtrada e fervida) 75 grs. Cozer a fogo brando durante 5 mts. e juntar o seguinte: Leitelho (em pó) 1 a 2 medidas cheias — Agua (como acima) 75 a 120 gramas.

Bem tolerado sempre, no primeiro trimestre, é porém conveniente, por volta do 2º mês, introduzirmos uma mamadeira da mistura butiro-farinácea e no 3º, duas mamadeiras dessa mesma mistura.

Já sabemos que nos 3 primeiros meses o horário de alimentação da criança é de 3 em 3 horas. Assim, dar-se-á o alimento: 7 — 10 — 15 — 18 e 21, **leitelho**; às 13 horas, **mistura butiro-farinácea**.

No 3º mês: — 7 — 10 — 15 — 18, **leitelho**; às 13 e 21 horas, **mistura butiro-farinácea**.

E' simples a maneira de preparar a mistura butiro-farinácea.

Eis a fórmula para 1 mamadeira de 150 a 200: Manteiga, farinha e açúcar — 2 a 3 colheres de chá; Leitelho em pó — 4 a 6 colheres de chá; Água quente (do filtro) — 150 a 200.

O leitelho é desmanchado na água quente.

A parte, numa caçarola esmaltada, a manteiga é aquecida, até espumar, a fogo brando.

Junta-se então a farinha, os poucos, sempre mexendo com colher de pau, uns 3 a 5 minutos, até que a massa adquira uma côr marron característica.

Reunido então o leitelho à pasta de farinha — manteiga, está obtida a mistura.

Aliás, a mistura butiro-farinácea é um alimento supletivo, cujo emprêgo pode ser ensaiado, na alimentação do bebê, uma ou duas vêzes ao dia, tôda vez que o seu desenvolvimento não se faz de modo satisfatório.

Além de seu poder hidratante já lembrado e ótima tolerância da respectiva taxa de gordura, outra vantagem do leitelho é que êle assegura uma perfeita proteção contra os germes infecciosos que, no uso da alimentação artificial, costumam desenvolver-se no intestino da criança, causando-lhe, inclusive, febre.

Outra indicação do leitelho, das mais imperiosas, e sobretudo, da mistura butiro-farinácea, é em casos de dejeções anormais do bebê ou da presença de eczema.

Neste, a mistura butiro-farinácea pode ser o alimento de base.

Havendo diarréa, dar-se-á, primeiro, umas horas (6 a 12 horas, conforme o caso), de dieta hídrica (chá, mate, adoçados, com sacarina); depois leitelho apenas e por fim a mistura amanteigada.

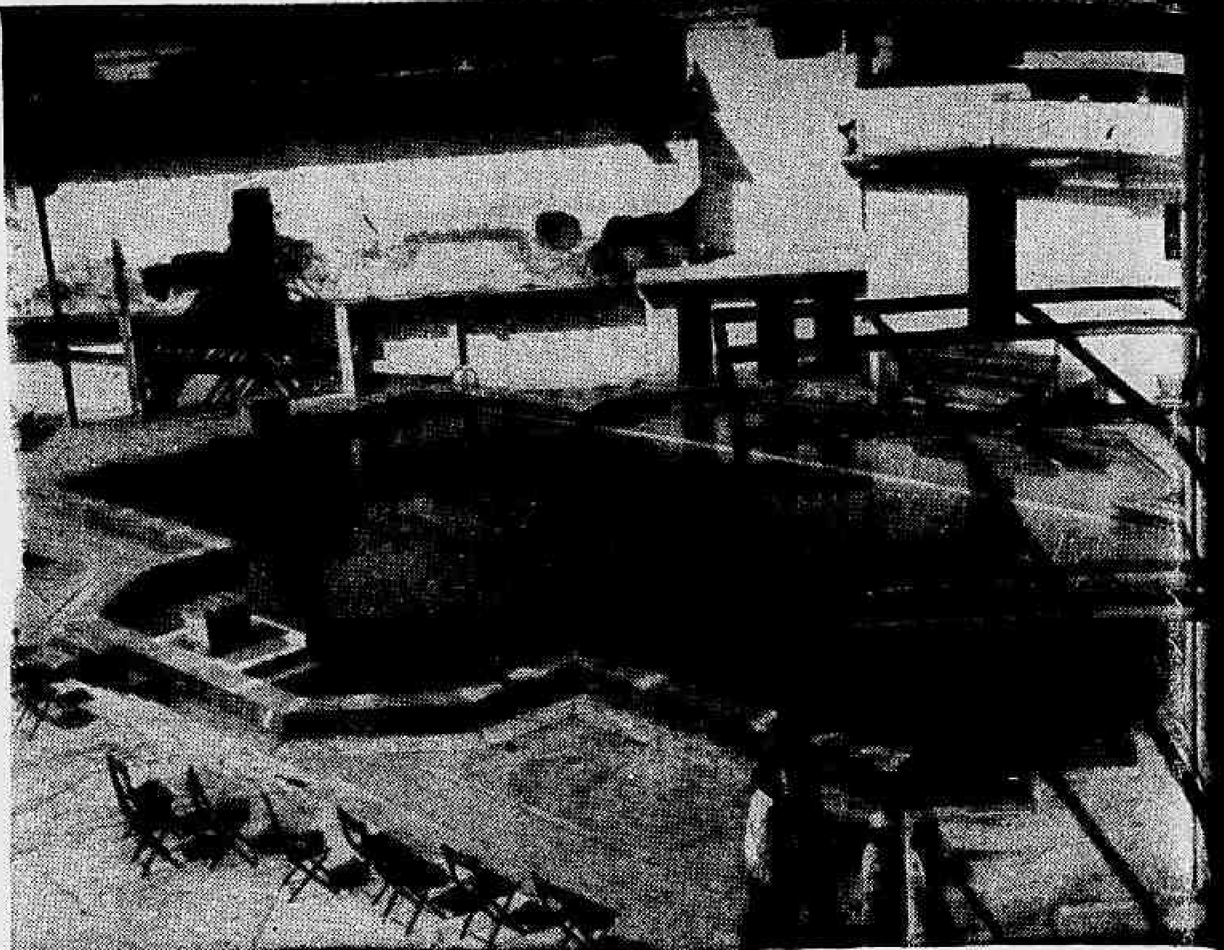
Também a dieta de chá pode ser substituida pelo leitelho sem farinha preparado assim: Criança de 1 mês: — Leitelho, 1 medida rasa — Água (filtrada e fervida), 80 gramas;

Criança de 2 meses: — Leitelho, 1 medida bem cheia — Água (filtrada e fervida), 100 gramas;

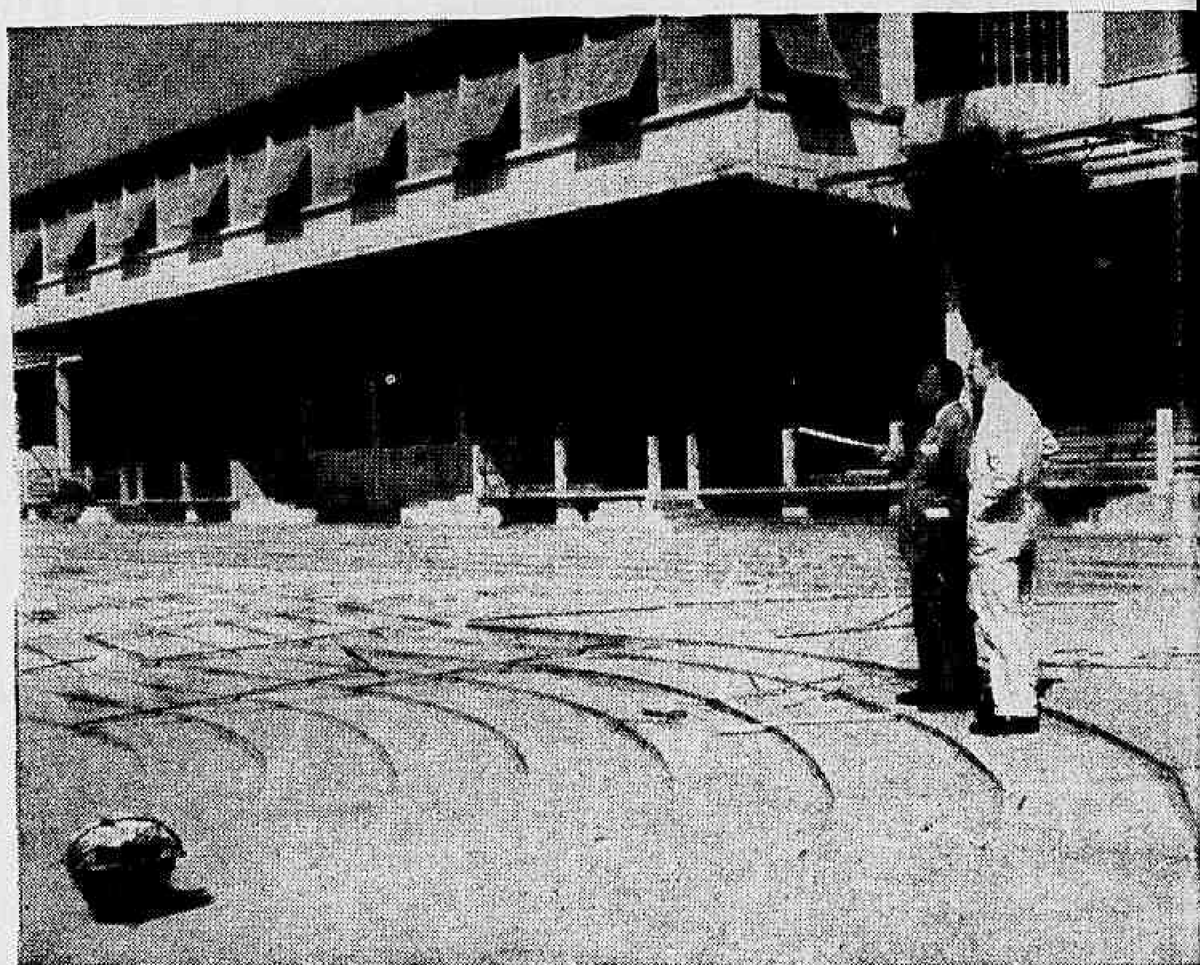
Criança de 3 meses: — Leitelho, 2 medidas rasas — Água (filtrada e fervida), 120 gramas.

Não precisa ir ao fogo.

Juntar-se 1 a 2 colherinhas de açúcar em cada mamadeira, partindo do mesmo. Conforme o estado da criança, das às colherinhas.



A PEQUENA PISCINA de Campos Sales vai mudar de lugar. O tanque de recreio dos sócios e guris transformar-se-á numa piscina olímpica.

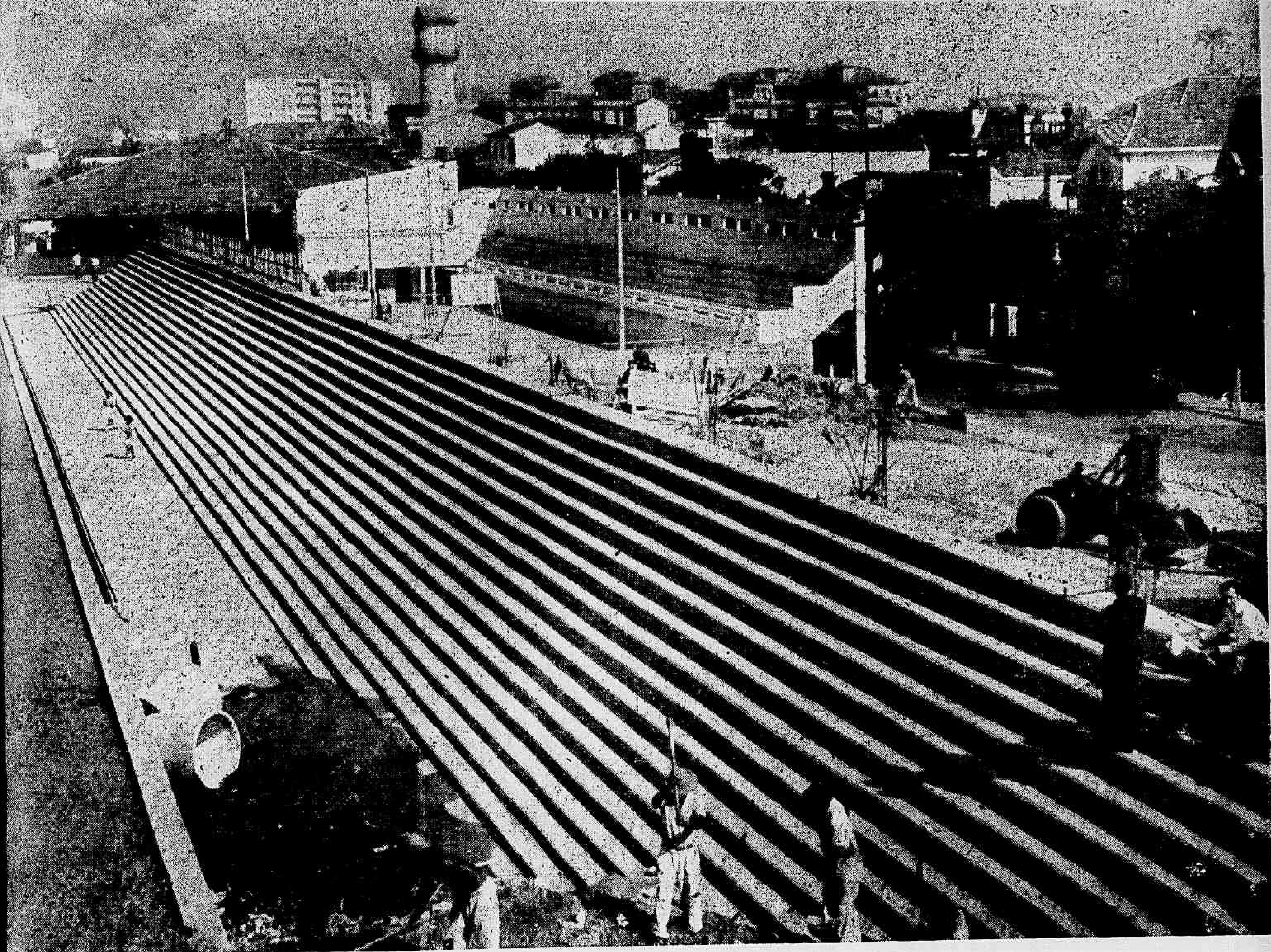


O ENGENHEIRO JAYME FERREIRA abandonou a sua companhia de construções, para transformar um sonho em realidade. Ei-lo mostrando sua obra.



O COMEÇO do estádio em julho de 49. A entrada dos primeiros operários para a preparação do terreno, que diziam ser o cemitério das pedras fundamentais.

DO CEMITERIO DAS PEDRAS FUNDAMENTAIS



ESTA É A ARQUIBANCADA principal da nova praça de esportes da Tijuca. Tem 105 metros de comprimento, com 18 degraus, comportando, sentadas, 11 000 pessoas. Acima dêste lance, serão construidos mais três, com igual capacidade, obra que pensam começar no próximo ano.

O Novo Estádio do Rio

PRONTOS 25.000 LUGARES ★ 5 MILHÕES DE CRUZEIROS, UM CAMPO DE FUTEBOL E UMA QUADRA DE BASKET ★ PROJETO "MEDALHA DE OURO" NO CONGRESSO SUL-AMERICANO DE ARQUITETURA ★ MUITO DINHEIRO POR UM POUCO DE GRAMA ★ CINEMA E TEATRO NA PRAÇA AFONSO PENA ★ OUTROS PROJETOS

•

Reportagem de
LEVY KLEIMAN

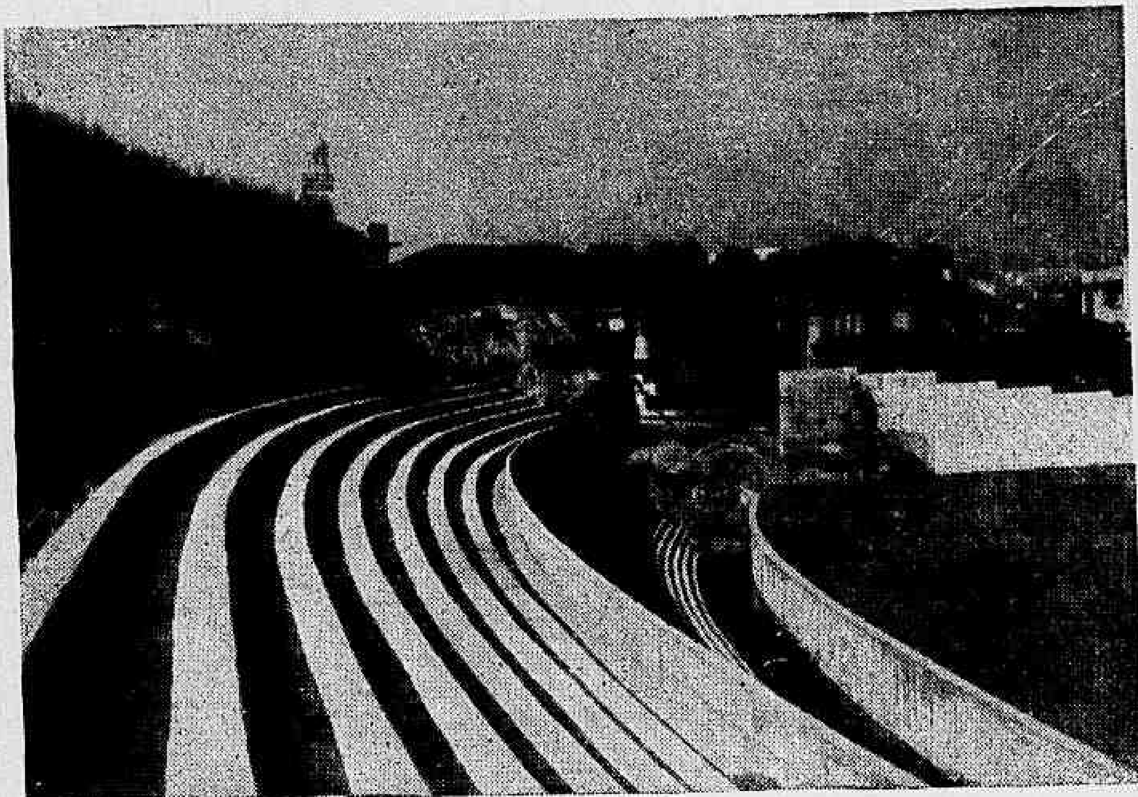
Fotografias de
JOSÉ SANTOS

A história do futebol carioca é bem pitoresca e poderia ser dividida em três períodos: o dos campos com arquibancadas de madeira, o dos pequenos estádios de cimento armado, e o do colosso de Maracanã.

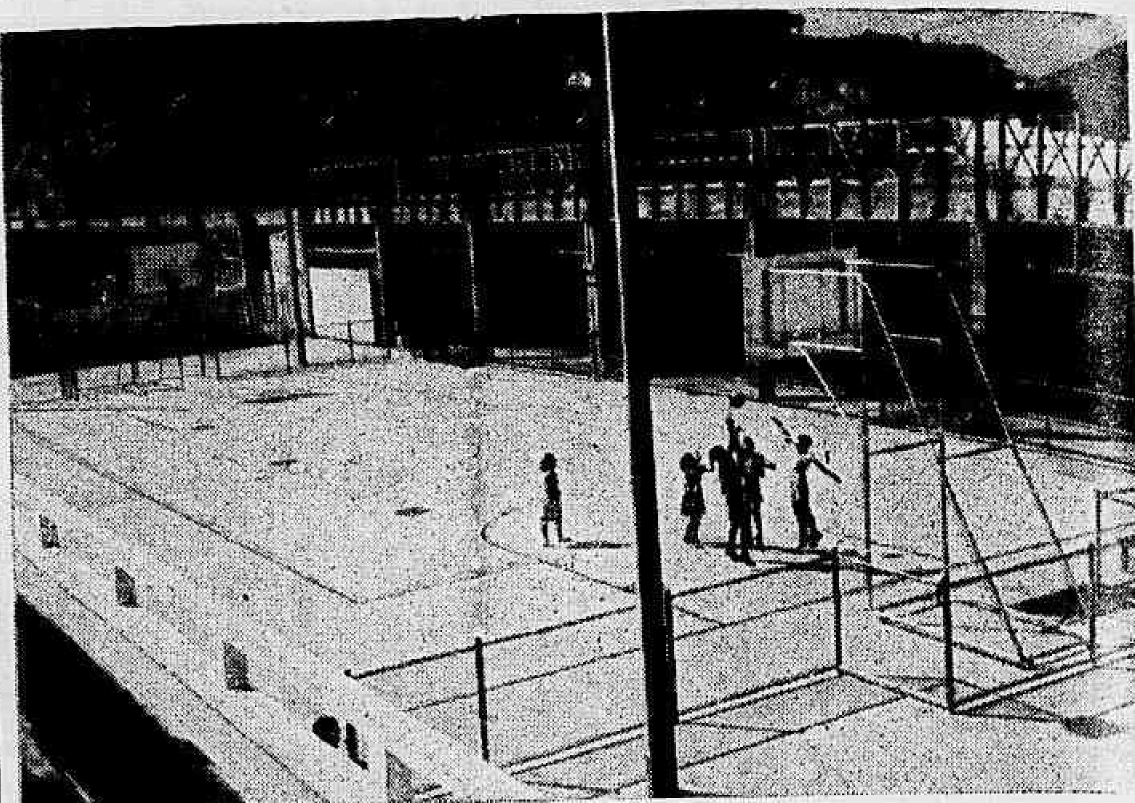
Ha quase dez anos terminou o período dos campos de arquibancas de madeira. A Polícia proibiu os jogos nos estadinhos de madeira, depois do acidente verificado no campo do São Cristóvão. Foi num jôgo entre o São Cristóvão e o Flamengo, que arrastou grande massa ao gramado da rua Figueira de Melo. Super-lotação, e as velhas arquibancadas de madeira não aguentaram o pêso da assistência. Houve desabamento, muitos feridos. Conseqüência: interditados os campos do Madureira, América, São Cristóvão, Bangu e Bonsucesso, que tiveram que cerrar as suas portas.



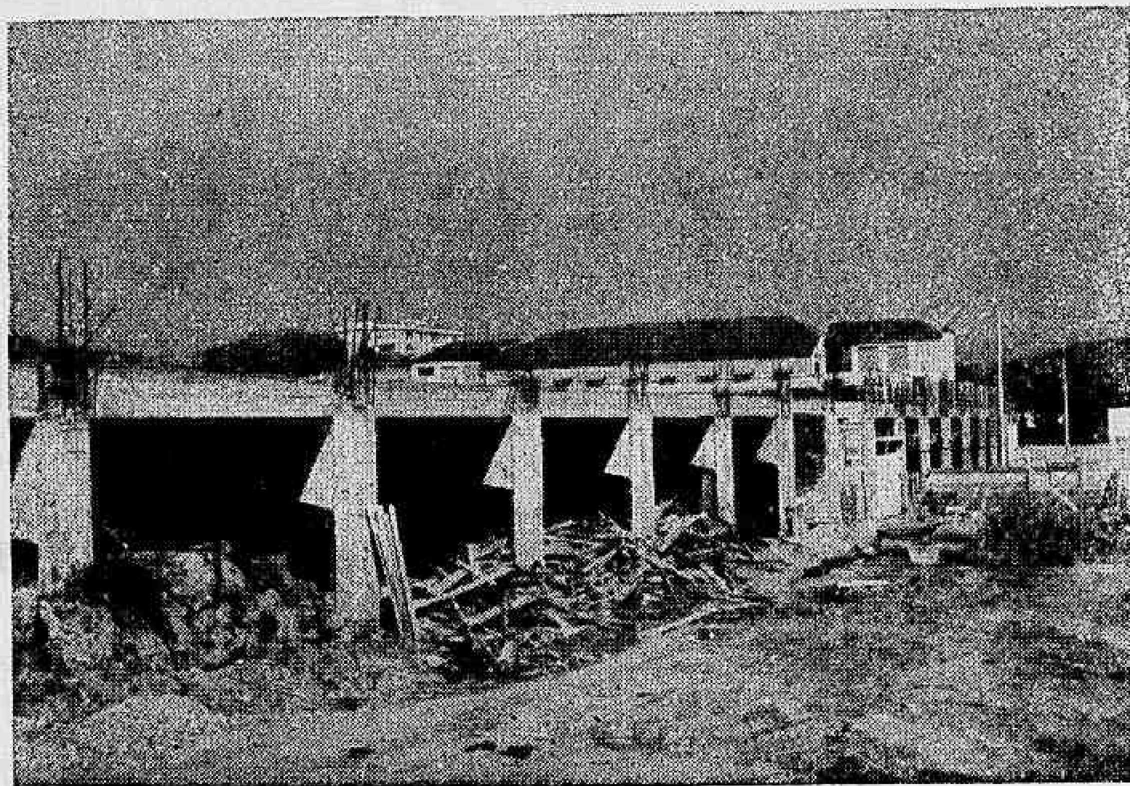
A ATUAL SEDE do América, à rua Campos Sales, considerada em 1932 muito ampla. Hoje é pequena demais. Vai ser substituida por outra de 4 andares.



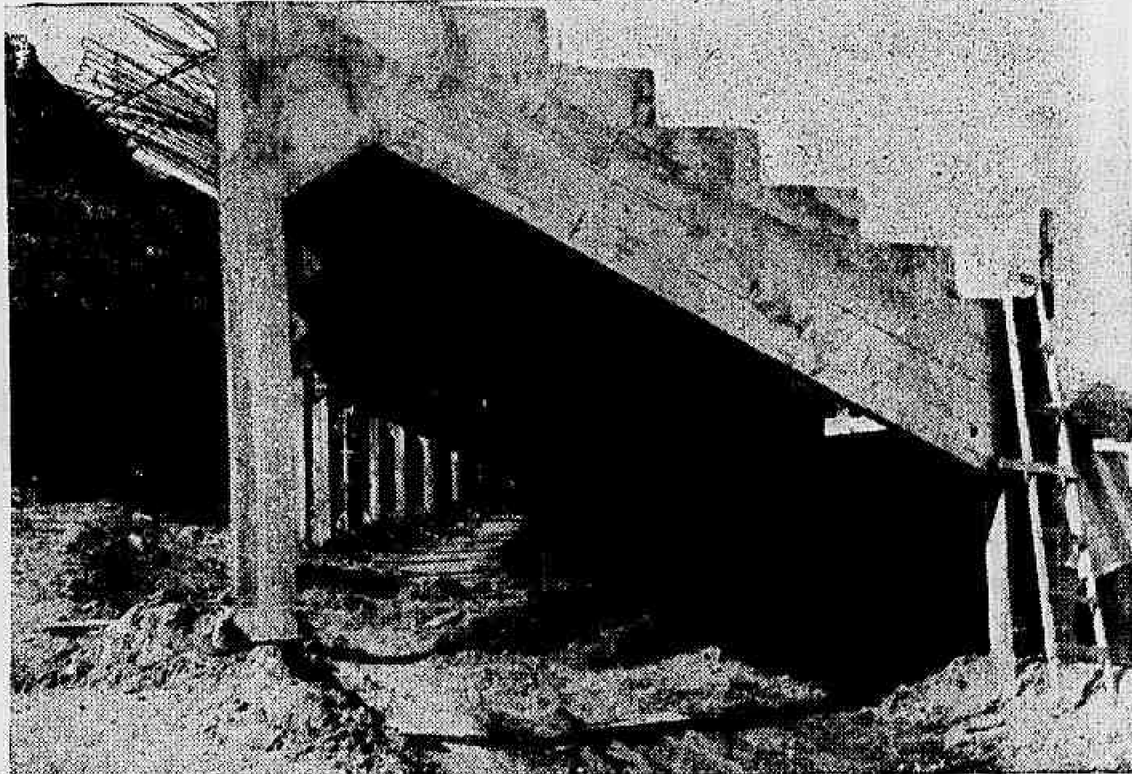
NESTE LOCAL existiu a barreira do América. Hoje há dois lances de arquibancadas. Ficam situados atrás do goal fronteiro à sede social.



A NOVA QUADRA de basket do América, com capacidade para 2.000 pessoas, já foi inaugurada. Transformar-se-á em ginásio, com a nova arquibancada.



O LANCE DA arquibancada vista de fundos, com os espigões prontos para receber o novo lance de arquibancadas, com armação idêntica ao do Maracanã.



DEBAIXO DAS GERAIS, ficarão situados os vestiários dos jogadores, que dali passarão para o gramado por um túnel, sem contacto com o público.

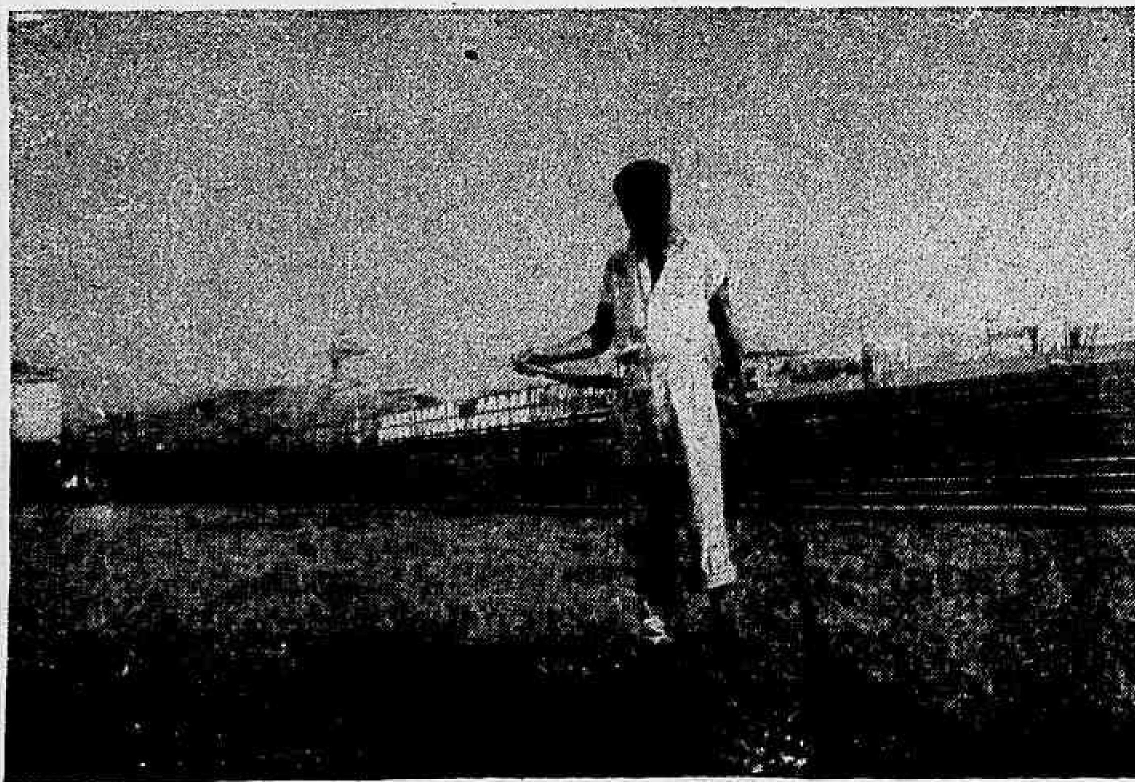
TODOS EVOLUIRAM, MENOS O AMÉRICA

A medida não atingia ao Vasco, com o maior estádio do Rio na época, o Fluminense, com o seu colosso para a ocasião em que foi erigido, sede dos jogos latino-americanos de 22, o Botafogo, com a sua pequena mas moderna praça de esportes, e o Flamengo, com a sua grande arquibancada na Gávea, bem ao lado do Hipódromo do Jockey Club. Todos êstes campos tinham arquibancadas de cimento armado, uma garantia portanto, para o confôrto do público.

Os grêmios impedidos de realizar espetáculos futebolísticos em seus campos começaram a se movimentar. O Madureira foi o primeiro a construir o seu estádio, na rua Conselheiro Galvão. Depois o São Cristóvão também, a custa de muito sacrifício modernizou-se com novas instalações. Em seguida o Bonsucesso erigiu uma grande arquibancada de cimento, na rua Teixeira de Castro, e finalmente o Bangu construiu o seu estádio em Moça Bonita, que depois passou a chamar-se Padre Miguel, perto da estação de Bangu. Todos evoluiram, menos o América. Continuou jogando nos campos dos outros clubes.

AS PEDRAS FUNDAMENTAIS

Tôdas as diretorias do América têm incluido, nas suas plataformas eleitorais, a construção do estádio. Tornou-se lugar comum a imprensa noticiar a apresentação de "maquettes", lançamento de pedras fundamentais, etc. etc. De positivo nada surgiu. O arquiteto Rafael Galvão, fêz um projeto muito interessante. O então



O GRAMADO É A ETAPA FINAL de um campo de futebol. Vai demorar meses para que ali se torne possível a prática do esporte mais popular.



O CORTE DA BARREIRA DO AMÉRICA, atrás do estádio, onde pretendem construir a piscina olímpica, e um ginásio de basketball.

Prefeito Henrique Dodsworth estêve na sede do clube da "camisa rubra" e apreciou o trabalho. Nada de sair a obra. Lançou-se solenemente a pedra fundamental, e muitas outras foram lançadas. Dizem os venenosos da rua Campos Sales que, quando iniciaram o trabalho de preparação, houve muita dificuldade em limpar o terreno, tantas foram as pedras fundamentais que encontraram. Nova diretoria, novo projeto. Finalmente, em 1947, o arquiteto Rafael Galvão foi encarregado de fazer novo estudo. O seu novo projeto foi premiado, naquele ano, com medalha de ouro no Congresso Sul-Americano de Arquitetura, em Lima, (Peru). O estádio, porém, só existia no papel.

DO SONHO À REALIDADE

Assume a presidência do clube tijucano um moço já de cabelos grisalhos, veterano sócio do América, participante de quase tôdas as administrações do clube, conhecendo-o como a palma da mão. Decidiu acabar com o "tabú" do estádio. Surgiram logo opiniões em contrário. Não havia nescessidade de estádio de futebol, com a construção do monumental campo do Maracanã alí pertinho. Era inútil gastar milhões de cruzeiros com um campo que não seria aproveitado. Porque não utilizar tão grande terreno construindo um enorme ginásio de basketball, quadras de tênis, campos de volei, piscinas, enfim um estádio amadorista? perguntavam os derrotistas a Fábio Horta de Araújo. Esqueciam-se de que o América, mais cêdo ou mais tarde, seria excluido do campeonato carioca por não possuir um campo de futebol, segundo manda o estatuto da Federação Metropolitana de Futebol. Os quadros das divisões amadoristas do clube dos "diabos rubros" tinham caido de produção, por não poderem treinar com mais assiduidade em campo próprio, e os profissionais tinham que se exercitar num campo longínquo.

As velhas arquibancadas de madeira foram demolidas. Em julho de 49, sem lançamento de pedras fundamentais, começava a nascer o novo estádio do Rio.

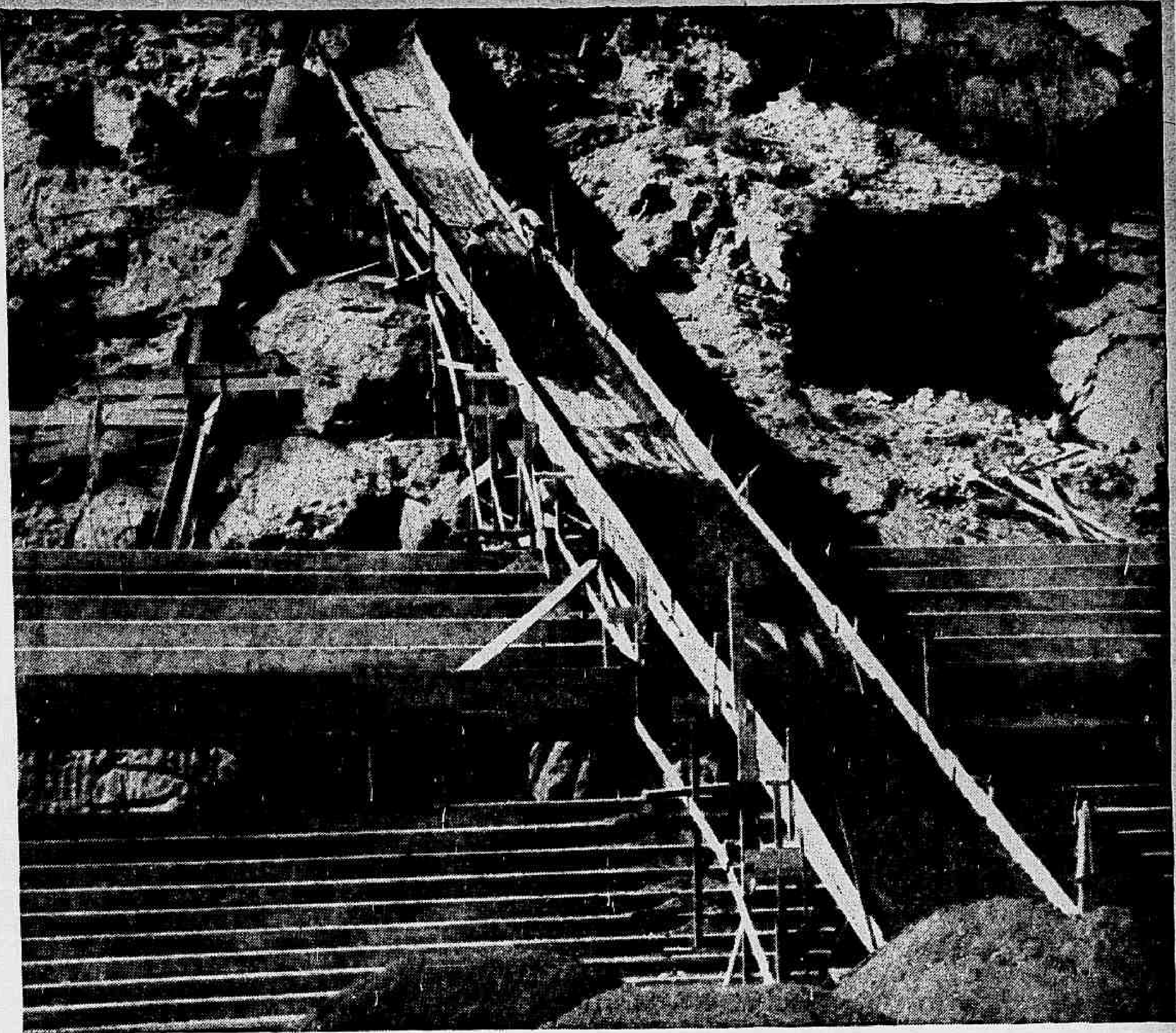
DOIS ANOS, 20.000 LUGARES

Em setembro de 49 começou o trabalho propriamente dito de construção. Em setembro de 51, terá lugar a inauguração simbólica do estádio mais central da cidade, mais central ainda que o Estádio Municipal, porque fica no centro geometrico da cidade, junto da Praça da Bandeira, perto das estradas de ferro, das ruas de acesso as zonas sul, norte e Tijuca. Será simbólica, porque ainda não poderá ser utilisado, em virtude da grama não estar em condições para a prática do futebol. Como está, é sete vêzes menor que o Maracanã, mas, quando concluido, terá apenas quatro vêzes menos a lotação do maior estádio do Mundo. Bom, portanto, para as partidas de menor categoria, porque os grandes encontros são realizados no antigo Derby.

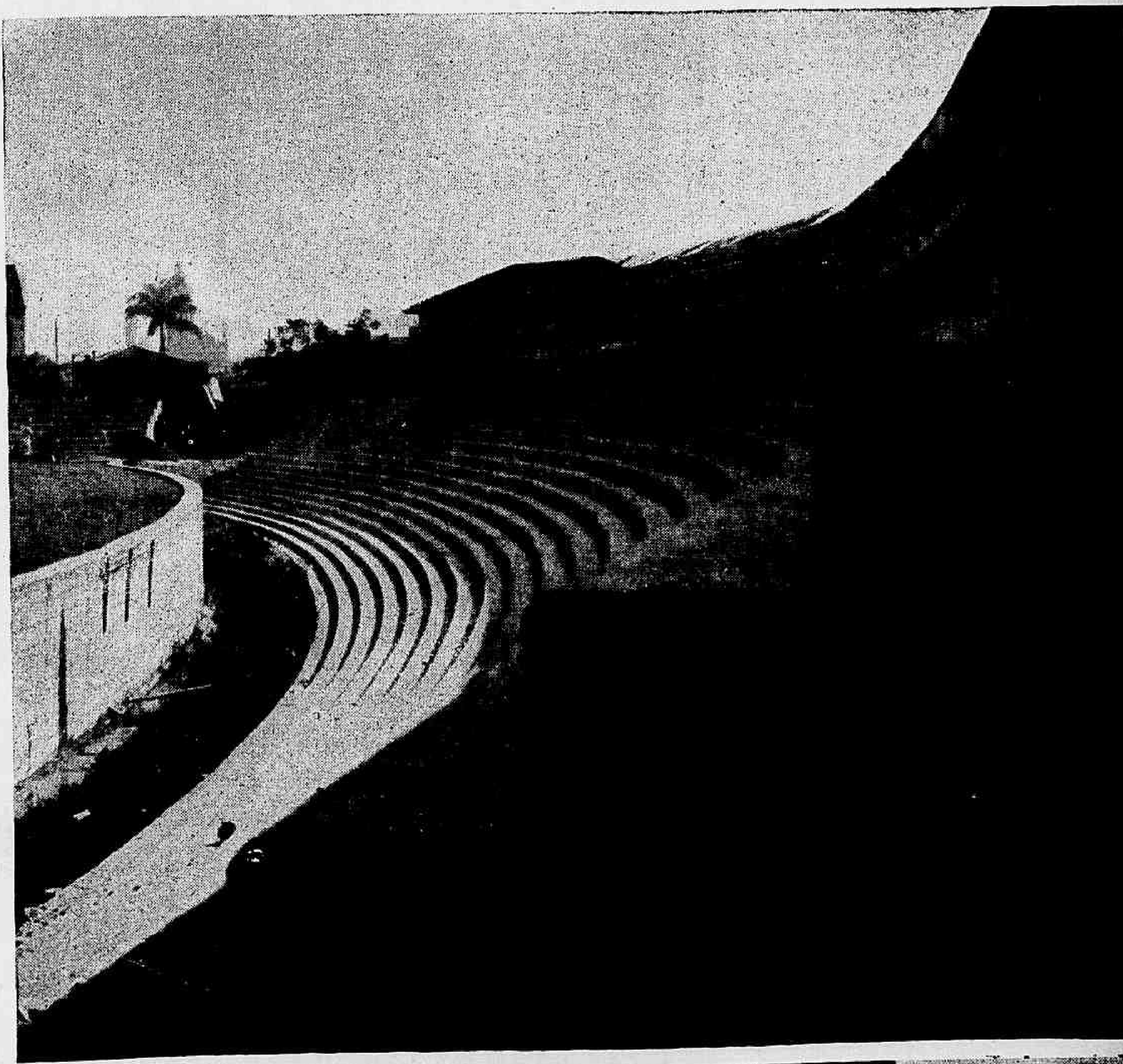
DESENTERRADA A "CAVEIRA DE BURRO"

Apenas a metade do projeto "medalha de ouro" foi executada, gastando-se cêrca de 5 milhões de cruzeiros. Parte, empréstimo da Caixa Economica, parte, lucro que ofereceu o time vice-campeão em 50. As arquibancadas custaram 3 milhões e 500 mil cruzeiros: uma lateral com 105 metros de comprimentos, e 18 degráus, comportando 11.000 espetadores; uma geral, atrás do goal, com 75 metros de comprimento e 18 degráus, com capacidade para 4.900 pessoas; outro lance com 7 degráus, comportando 3.500 pessoas, alem da parte social, da antiga sede, com 5.000 cadeiras, e ainda 800 logares, na antiga arquibancada de cimento do primeiro estádio que se cons-

(*Continua na pág.* 49)

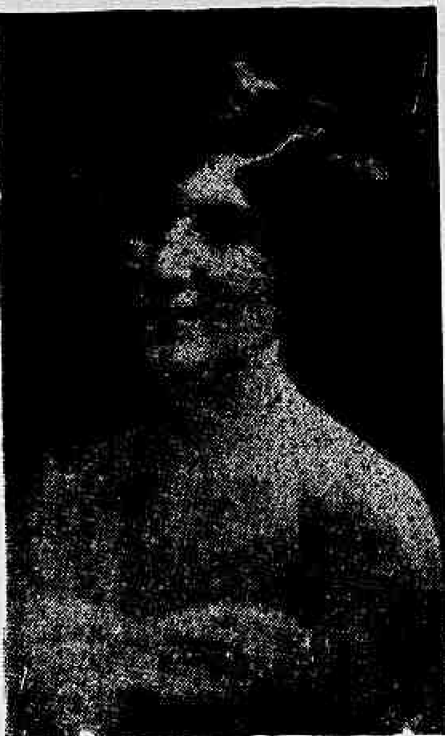


FOI PRECISO ARMAR uma ladeira especial no campo do América para se levar a terra da barreira para o gramado. Em baixo, um ângulo diferente das arquibancadas, atrás do goal, com 75 metros de comprimento e 25 degraus.



A REVISTA Há 50 anos

(DOMINGO, 23 DE AGÔSTO DE 1901)



NA GUARDA-VELHA — Mlle. Berthé de Castellane, festejada «chanteu-se», o «bibelot» da rapazida na flor da moda.

CRONICA

Êsses que ainda falam em guerra civil mereciam bem que lhes arrancassem a língua. Para puni-los seriam poucos os incríveis tormentos descritos por Octave Mirbeau no seu "Jardin des Supplices", com um realismo de arripiar as carnes. A guerra é sempre uma coisa atroz e repugnante. Nas sociedades contemporâneas tudo tende à eliminação gradual da morte. A morte, além das esperanças que ceifa e das existências felizes que suprime, é brutalmente inestética, é a inimiga figadal da beleza. Mas a guerra civil não tolera restrições morais. E' um embate de impulsos, um conflito de instintos onde o raciocínio e a lógica sossobram. Dois exércitos, frente a frente, são dois advogados pleiteando as causas das respectivas nações. Dois cidadãos da mesma pátria, do mesmo torrão e, às vêzes da mesma vizinhança, são dois rancores que tiveram tempo de sobra para nascer, medrar e atingir êsse paroxismo da fúria que incompatibiliza as criaturas para o mesmo sol e que só afrouxa pela supressão de uma delas. Vós mães, espôsas e irmãs brasileiras, bem sabeis o que é a guerra civil. Para impedi-la, bastará o vosso protesto. Como hão de as guerrilhas transpor a corrente impetuosa das vossas lágrimas e as cachoeiras troantes dos vossos soluços!

JACQUES BONHOMME

NOS TEATROS

A companhia lírica Sansone cantou muito razoàvelmente «Il Guarany», do ilustre maestro brasileiro Carlos Gomes, enchendo-se o teatro da rua 13 de Maio.

No São Pedro de Alcântara, os artistas da companhia francesa de operetas apresentaram «Les Dragons de Villars», «Les Cloches de Corneville» e «Le Voyage de Suzette». E a companhia de zarzuela estreou esta semana «En los cuernos de la luña».

No Moulin Rouge, deu-se a reaparição de Cinira Polônio, que nos volta da Europa uma perfeita atriz. Bonita e sedutora.

NOTICIÁRIO

Há atualmente uma verdadeira frota de navios para a colocação de cabos submarinos. Contam-se 42 navios especiais, dos quais alguns têm 5.000 e mesmo 6.500 toneladas. O maior, da arqueação de 6.500 toneladas, pertence à Telegraph Construction and Maintenance Company.

★

Efetuou-se, no último domingo, um interessante "match" de xadrez entre amadores desta cidade e de Buenos Aires, pelo telégrafo. Os jogadores estavam nas sedes do Clube dos Diários, no Rio, e do Clube del Progresso, na capital argentina. Venceram os segundos.

★

Três lanchas velozes levaram os alegres rapazes do Clube de Regatas Vasco da Gama ao piquenique da ilha do Engenho, domingo último, comemorando o 3.° aniversário da sua fundação. Houve regata íntima com distribuição de medalhas de prata e bronze aos vencedores, e também baile animado por uma banda de música. Tudo encantador.

★

Sabe-se que duas têrças partes das cartas que circulam no mundo são inglêsas ou procedentes de inglêses. Como escrevem os inglêses!

HUMORISMO

— Faz favor de ver que horas são?

O sujeito olha para o relógio e responde, continuando a andar:

— Já vi.

ANÚNCIOS

"A Calopedina de Rodrigues", único extrator infalível dos calos. Em tôdas as drogarias e farmácias da "élite".

★

Dentes artificiais muito bem feitos? Vá ao especialista A. F. de Sá Rêgo, Praia de Botafogo, 212.

★

Cervejas? As melhores: "Franziskaner Bräu", "Bavaria" e "Ypiranga". Pedidos à Caixa do Correio 1205, ou telefone 111.

★

Os últimos "schottischs": "Desfolhando Rosas", de J. M. Azevedo Lemos, 1$500; "Pascoinha", de Fausto Zoane, 1$500; "Amor que dorme", 1$500. Nao percam a polka militar de Fausto Zoane "Foguete".

O BICHO — Dizem por aí que a carne verde tem micróbios! Pois eu pouco me importo com isso. Não tenho dó!... E sabem os senhores, por que? Porque assim que eu engulo o bife imediatamente... «mato o bicho». Ora aí tem os senhores!

NOVO JOGO AMERICANO

Os americanos, achando que o "pocker" e mesmo o "whist" eram muito excitantes, resolveram substituí-los pelo Fly-Loo. Os jogadores instalam-se confortàvelmente em tôrno de uma mesa no centro da qual há uma urna. Cada um dêles deixa cair um dólar dentro dessa urna e esperam, cômodamente sentados e bebendo refrescos, que uma mosca venha posar em um dos torrões de açúcar colocados em frente dos mesmos jogadores. Ganha o possuidor do torrão privilegiado, que então arrecada as paradas. A partida recomeça. Quando duas moscas pousam ao mesmo tempo sôbre dois torrões de açúcar dá-se o que se chama "Jac-pot". Quando, pelo contrário, elas escolhem um só, cada jogador é obrigado a dobrar a parada. Êsse é o jôgo da moda nos EE UU.

(N. da R. — E se não houver moscas?)



CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA — Esteve muito animado o piquenique realisado domingo último na Ilha do Engenho.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N° 34 ★ 25-8-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, Avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição, 58, 1.° andar, sala 102, tel. 38-6718

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores Cia., Constituyente 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5802 ★ Gerência: 22 8847 ★ Contabilidade: 22 2550

ELEGÂNCIA E DISTINÇÃO EM

MÓVEIS E DECORAÇÕES

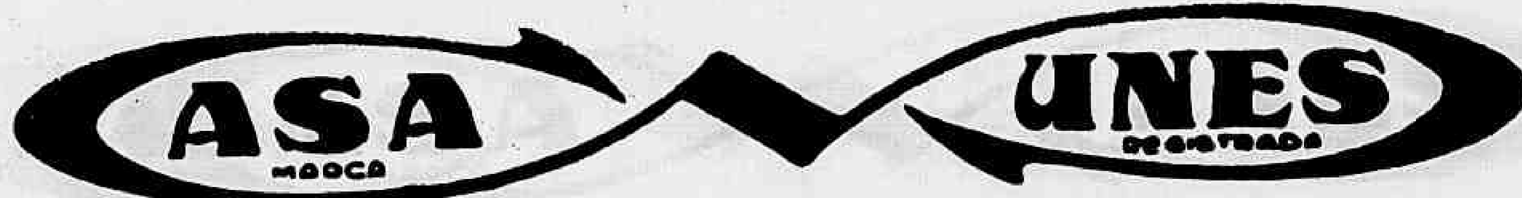


Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes e Passadeiras

de forração, de tôdas as dimensões, em cores lisas e com flores

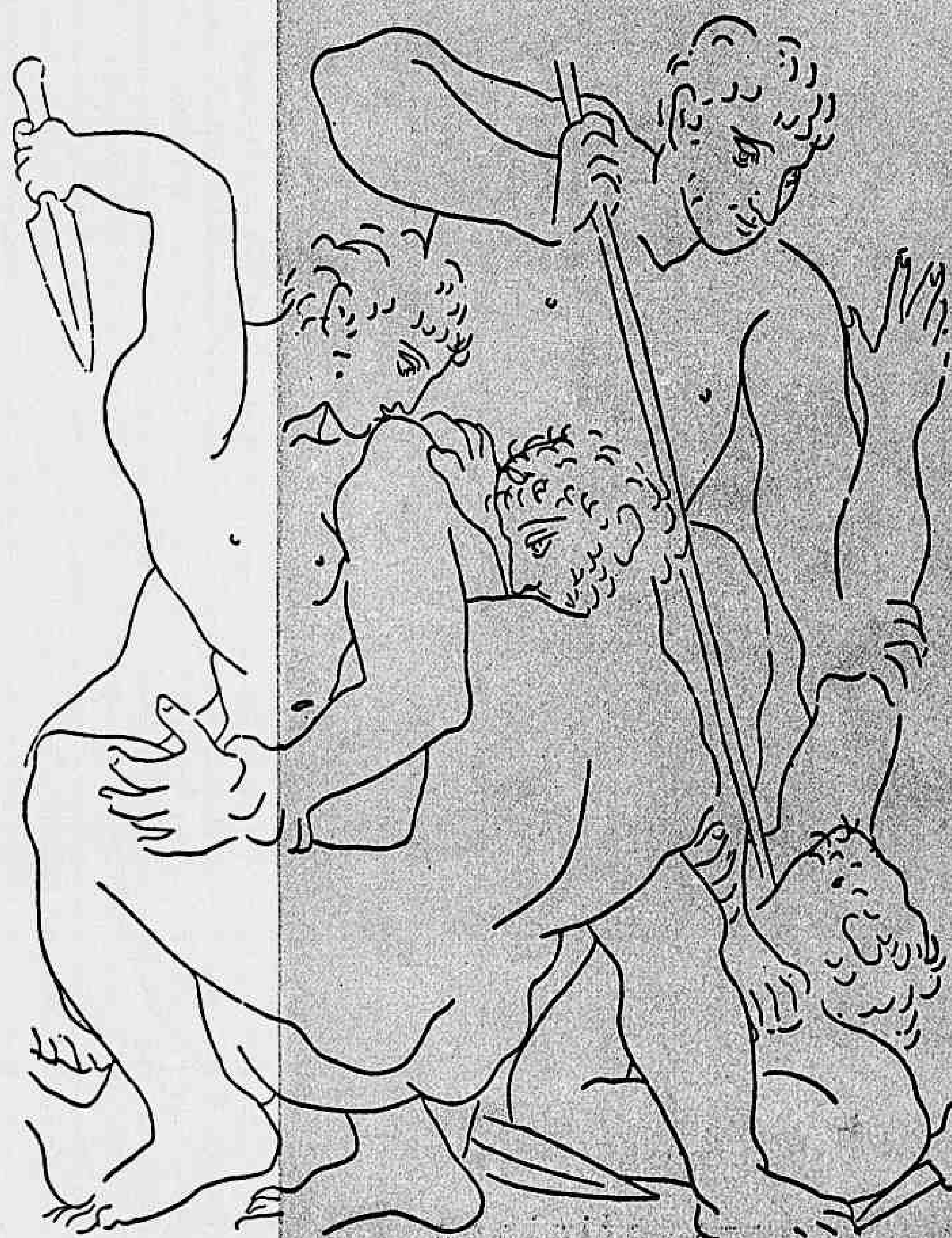


65 ★ RUA DA CARIOCA ★ 67 ★ RIO



VELASQUEZ: AUTO-RETRATO

Os amantes da arte preferem Hollywood



PICASSO: AS METAMORFOSES

A quem sabe apreciar um Velasquez ou um Picasso, sòmente um bom cigarro satisfaz — Hollywood, mistura feliz de tabacos da mais alta classe. Hollywood conta hoje com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas. Você, como pessoa de bom gosto, não pode dispensar Hollywood!

cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.077